GUERRA AVANÇOS DAS FORÇAS UCRANIANAS ABREM NOVA FASE

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS
WWW.VISAO.PT
Nº 1541 . 15/9 A 21/9/2022 . CONT. E ILHAS: €4. SEMANAL

VISÃO

ESCOLAS
GOVERNO VAI ACABAR COM OS MANUAIS EM PAPEL

ARTURO PÉREZ-REVERTE
"NO OCIDENTE TROCÁMOS A RAZÃO PELOS SENTIMENTOS"

A COROA TEM FUTURO?

Os desafios da sucessão e o destino da monarquia no Reino Unido

EXCLUSIVO

OS ÚLTIMOS ANOS DE ISABEL II

As revelações da nova biografia de Andrew Morton

5 605248 000383 01541

VISÃO

15 SETEMBRO 2022 — Nº 1541

GETTY IMAGES

www.visao.pt

ONLINE
Últimos artigos no site da **VISÃO**

Luís Delgado
LINHAS DIREITAS
Putin cercado

Adão Carvalho
BOLSA DE ESPECIALISTAS
Urge assegurar a autonomia financeira do Ministério Público

Bruno Batista
OPINIÃO
Formar quadros médios de qualidade é urgente

Para onde vai a coroa britânica?

Rei morto, rei posto! Conseguirá Carlos III, aos 73 anos, herdeiro de um legado de décadas, reinventar a monarquia britânica? Conta, pelo menos, com um confortável apoio popular à instituição da monarquia. Também conta, é sabido, com um considerável défice de carisma e mil e um anticorpos nascidos de um passado cheio de episódios polémicos e por demais conhecidos. O que ainda significa a coroa britânica? O que representa? O que vale, quer no plano da unidade interna, quer na cena internacional? São estas algumas das perguntas a que Filipe Luís dá resposta no texto que assina nesta edição e que abre um extenso dossier dedicado a Isabel II, que preparámos desde que, na semana passada, foi anunciada a morte da monarca britânica, aos 96 anos.

Num trabalho de antecipação do que poderá ser o futuro do Reino Unido, durante o consulado do novo rei, revisitamos a História e procuramos pistas para o que se segue a Isabel II. O final desta história ainda estará em aberto, como escreve o editor-executivo da VISÃO: "A nação inglesa volta a lutar contra a irrelevância insular a que se reduziu nos primeiros séculos da sua existência. Mas, por outro lado, as notícias da sua morte são, como diria Mark Twain, 'manifestamente exageradas'." Nesta edição, complementada pela informação que diariamente continuamos a produzir no site da VISÃO, publicamos ainda um perfil de Isabel II, da autoria de José Plácido Júnior. Já no princípio do ano, o grande-repórter assinara uma extensa peça com a qual assinalámos os 70 anos do reinado de *Lilibet*.

Por fim, completamos o dossier com um rigoroso exclusivo VISÃO. Revelamos, em primeira mão, o último capítulo da nova biografia de Andrew Morton, conhecido biógrafo inglês, que sairá no mercado português com a chancela das Edições Desassossego, no próximo dia 6 de outubro. V visao@visao.pt

Subscreva as nossas newsletters

A melhor informação, gratuitamente, na sua caixa do correio.
www.visão.pt

ANTEVISÃO
VISÃO SETE
VISÃO PLUS
VISÃO VERDE

Nas bancas

LIVROS
12 autores comentam as suas obras

REGRESSO ÀS AULAS
Truques para escrever sem erros

COMBOIOS
O regresso das grandes viagens

– CORREIO DO LEITOR

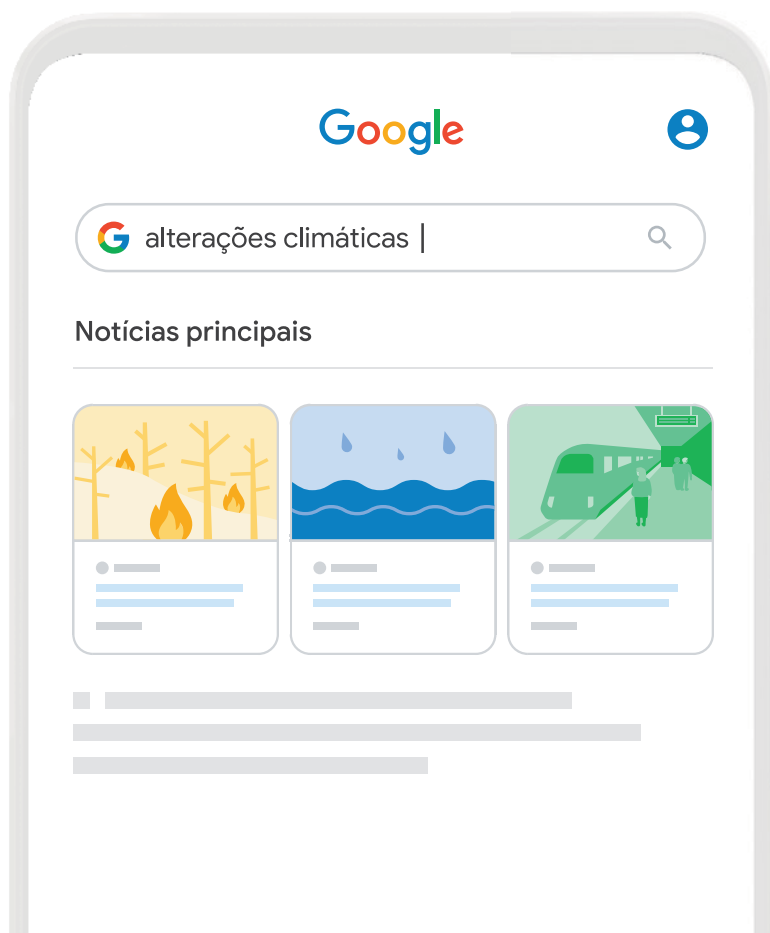
Acabou a pandemia, ficámos com a velha pandemia das listas de espera do SNS
– Carlos Lima, *Porto*

PEDRO NORTON
Excelente artigo [*Crónica de uma queda anunciada*, de Pedro Norton, V1540]. Marta Temido quis construir uma estrada a atravessar um rio, mas recusava fazer uma ponte. Será impossível um SNS sem os serviços das privadas e das entidades sociais.
– António Barbosa da Silva, *Porto*

RAINHA DE INGLATERRA
Todos precisamos de um pai e de uma mãe. E, quando não os temos, sentimo-nos órfãos e, aí, adotamos a mãe dos outros (o Marcelo é simpático mas... falta-lhe o estatuto de permanência). O que fez a rainha de Inglaterra pelos britânicos, de aquém e de além-mar, por Portugal e pelo mundo? Qual foi o seu poder, de facto?
– António Farias, *Lisboa*

Contactos
visao@visao.pt
As cartas devem ter um máximo de 60 palavras e conter nome, morada e telefone. A revista reserva-se o direito de selecionar os trechos que considerar mais importantes.

Morada
CORREIO: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão Magalhães, 8, 2770-190 Paço de Arcos

NEM TUDO É FICÇÃO

José Eduardo Agualusa

— Escritor

Viver sem certezas

É difícil viver sem certezas – disse o velho Abílio. – Mas é muito mais difícil viver sem uma perna.

Abílio tem as duas pernas, saudáveis e firmes, e muitas certezas, tão firmes quanto as duas pernas. Nos dias atuais, alguém o poderia admoestar, dizendo: "O senhor não tem o direito de falar como se soubesse o que é não ter uma perna ou o que é ser um cético radical, logo o senhor que tem tantas certezas e tão boas pernas. Faça o favor de não sair do seu lugar de fala."

Conheço Abílio o suficiente para saber como reagiria se lhe dissessem isso:

– Sabe que mais? Meta o lugar de fala no...

Aí mesmo. Abílio não tem papas na língua. Muita gente tem medo dele, porque diz o que pensa – e, sobretudo, porque pensa. Pensar – esta é outra frase de Abílio – transformou-se numa atividade quase tão perigosa quanto o paraquedismo sem paraquedas

Os ativistas do lugar de fala dirão que Abílio também nunca foi paraquedista. Alguns serão tentados a acrescentar que poucas pessoas no mundo têm o direito de se colocar no lugar de fala dos paraquedistas sem paraquedas. Convenhamos: é um lugar de fala muitíssimo restrito.

Em contrapartida, Abílio foi campeão de ciclismo. Ainda hoje – e já passou os 80! – pedala todos os dias. O corpo pode ter envelhecido, mas as pernas continuam jovens.

– Tanto os homens quanto os futebolistas pensam. Mas os futebolistas pensam melhor com os pés.

Aquela é outra frase dele capaz de irritar os ativistas do politicamente correto. Talvez até alguns futebolistas. Em defesa de Abílio, vale dizer que o velho usa a frase para justificar o enérgico uso que faz das pernas e dos pés, no decurso de uma discussão, sempre que lhe falha o pensamento. A frase completa é:

– Tanto os homens quanto os futebolistas pensam. Mas os futebolistas pensam melhor com os pés. Eu também tenho mais confiança nos meus pés do que na minha cabeça.

Assim sendo, parece-me justo dizer que Abílio produziu tal afirmação a partir do seu lugar de fala. Menos mal. Aliás, a frase pode até ser entendida como um elogio da intuição. Uma versão lírica da mesma seria, por exemplo:

– Os pássaros pensam melhor com as asas.

Vem isto tudo a propósito de um episódio de que fui testemunha, faz alguns dias, numa tasca onde nos costumamos encontrar, na Graça, para discutir o futuro de Angola (embora raramente passemos do passado). Era sábado, final da tarde, e o grupo estava completo. Alguns haviam fugido do almoço de família; outros não tinham família. Em qualquer caso, todos nós partilhávamos o desamparo dos náufragos e dos desterrados. Ao fim das primeiras cervejas, alguém sugeriu que deveríamos batizar o grupo. Eu mesmo avancei um nome:

– O Patriarcado!

– O Patriarcado não! – contestou Abílio. – Aqui só tem um branco, o Frederico, e mesmo esse é um branco à rasca. Além disso, temos o Sapalalo, que é maricas...

– Maricas era o teu pai! – gritou o Sapalalo. – Eu sou não binário...

– Não binário é o quê? – perguntou Hércules, o anão do grupo, genuinamente intrigado.

– Não binário é um termo guarda-chuva para identidades de género que não são estritamente masculinas ou femininas, estando portanto fora do binário de género e da cisnormatividade – escureceu o Frederico, que tinha a mania de falar como se fosse a Wikipedia

– Agora é que não entendi mesmo nada – queixou-se Hércules. – Já nem sei se estamos a falar de sexo ou de filosofia.

– Filosofia de alcova – disse Abílio.

– Ele quer dizer que tem dias — tentei eu. – Uns dias, é maricas; noutros, não...

– Mais ou menos. Tipo o Frederico, que nos dias maus é branco e nos bons passa por mulato – concordou Sapalalo, e logo voltou à vaca-fria. – Talvez a gente se devesse chamar o Patriarcado em Pânico.

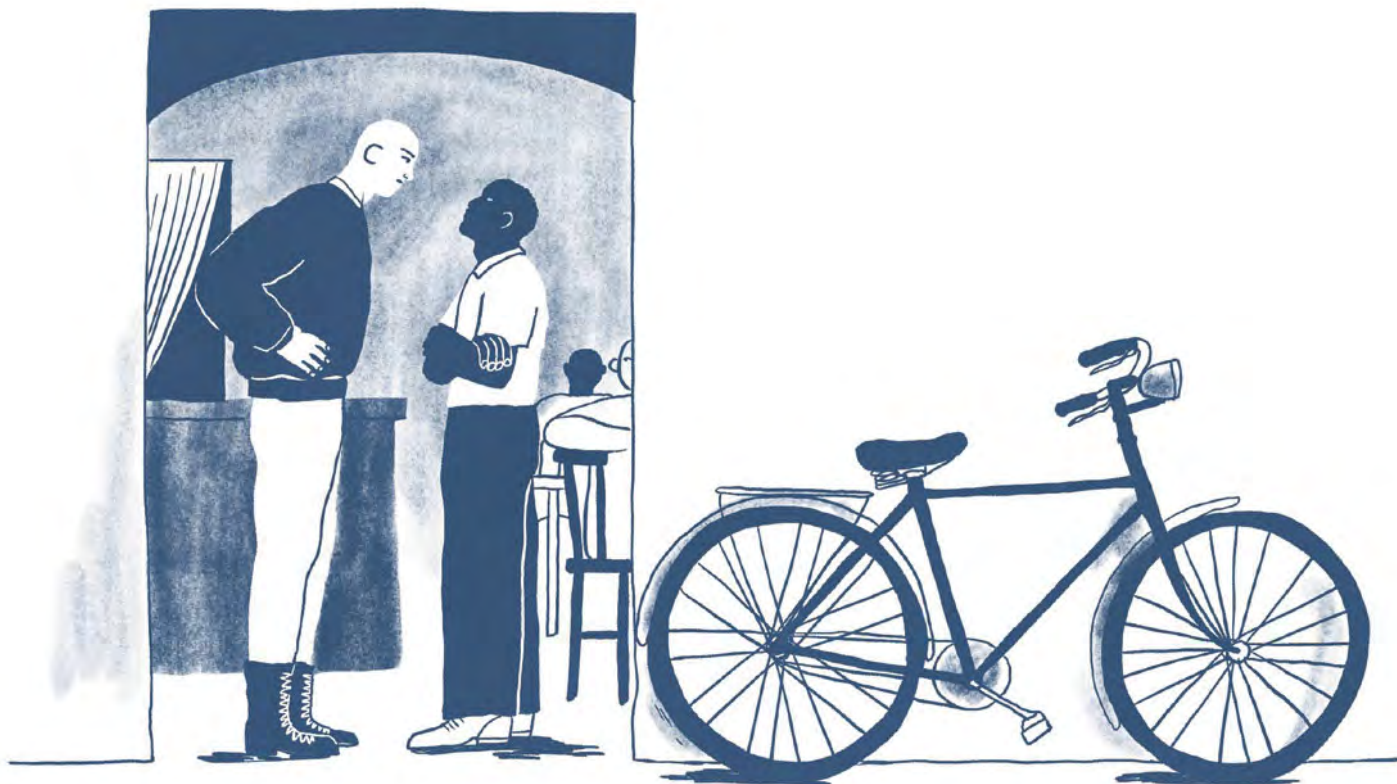
Foi então que entrou na tasca um grupo de cabeças-rapadas. Cinco, para ser preciso. O maior deles, o mais musculoso, com um crânio liso e brilhante, postou-se de mãos na cintura diante da nossa mesa.

– O que fazem tantos macacos juntos?

Abílio enfrentou-o, com o seu claro sorriso de avozinho, em férias:

– Viemos comprar Portugal!

Alguns serão tentados a acrescentar que poucas pessoas no mundo têm o direito de se colocar no lugar de fala dos paraquedistas sem paraquedas

ILUSTRAÇÃO DE SUSA MONTEIRO

– Por metade do preço – acrescentou Frederico, soltando uma gargalhada. – Há que aproveitar os descontos.

O cabeça-rapada girou a cabeça, fixando nele os olhos minúsculos e cruéis:

– E tu, o que fazes no meio dos macacos? Traidor da raça!

Frederico percebeu que aquele era um dia mau. Levantou-se, e sei que ia preparado para matar o homem, porque o vi pegar uma faca da mesa. Frederico é tenente-coronel. Passou 30 anos aos tiros. Aquilo fez-lhe mal à cabeça. Felizmente, Abílio também se levantou, colocando-se entre o nosso branco e o chefe dos nazis.

– Vamos fazer o seguinte – propôs Abílio. – Lutamos, eu e tu. Tu deitas-me ao chão e nós saímos. Eu deito-te ao chão e saem vocês.

– Tens a certeza? – perguntou o cabeça-rapada, estudando Abílio e vendo nele apenas um velhinho magro, frágil e indefeso.

– Não tenho certezas...

– E como consegues viver sem certezas? – perguntou o outro. Não percebi se estava a ser trocista ou se realmente a questão o inquietava. O velho endireitou-se:

– É difícil viver sem certezas, mas é muito mais difícil viver sem uma perna.

Dizendo isto, desferiu um violentíssimo pontapé no joelho direito do nazi. Ouviu-se claramente a rótula a estalar, depois o homem desabou, desmaiado, sem um grito, sem um gemido, com tal descrição que os outros clientes nem se aperceberam do pequeno drama.

A polícia chegou ao mesmo tempo do que a ambulância. A essa altura, já os restantes cabeças-rapadas tinham escapado. O proprietário do estabelecimento explicou à polícia que o jovem atleta de cabeça-rapada tropeçara numa cadeira e caíra, batendo com o joelho numa esquina da mesa. Coisas que acontecem. Pouca sorte.

Para nós, aquela foi a tarde em que o Patriarcado em Pânico venceu o nazismo.

V visao@visao.pt

– Agora é que não entendi mesmo nada – queixou-se Hércules. – Já nem sei se estamos a falar de sexo ou de filosofia

EDITORIAL

Rui Tavares Guedes

— Diretor-executivo

O último acto do império britânico

Há 10 anos, juntamente com outros 80 mil espectadores, tive o privilégio de ocupar uma das cadeiras brancas do moderno estádio acabado de construir, num antigo terreno industrial do Leste de Londres, para assistir, com um misto de ansiedade e de ceticismo, à cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012. A curiosidade era alimentada por uma série de dúvidas que, antes de a sessão se iniciar, atravessavam certamente todos os presentes: como os ingleses iriam conseguir responder, sem caírem no ridículo, ao espetáculo absolutamente esmagador e grandioso que, quatro anos antes, os chineses tinham montado na abertura dos Jogos de Pequim? Face a essa comparação, com que imagem a Grã-Bretanha, herdeira do maior império global da História, passaria a ser vista por um mundo ainda a tentar sarar as feridas da crise financeira?

O desafio, como sabemos, foi superado, com distinção, em especial porque, sabiamente, o diretor da cerimónia, o cineasta Danny Boyle, evitou toda e qualquer comparação com o gigantismo e opulência dos chineses – que tinham aproveitado o palco dos Jogos Olímpicos para se apresentarem como a nova e poderosa superpotência que iria marcar o futuro. Assim, em vez da rigidez aristocrática de outros tempos, a cerimónia de Londres 2012 foi marcada pela modéstia, pelo orgulho na democracia (e por uma homenagem inesquecível a essa invenção inglesa chamada Serviço Nacional de Saúde) e ainda por uma característica muito britânica: o humor. De tal forma que até a rainha Isabel II aceitou participar no espetáculo e na construção dessa nova imagem da Grã-Bretanha, num *sketch* com James Bond e em que simulou lançar-se de paraquedas sobre o estádio, para, logo a seguir, surgir na tribuna de honra e cumprir o seu papel protocolar.

Essa abertura dos Jogos Olímpicos foi, assim, o momento em que o Reino Unido apresentou, com orgulho e alegria, aquela que pretendia ser a sua nova identidade pós-imperial, alicerçada na União Europeia e com Londres a ambicionar ser a maior e a mais cosmopolita capital do planeta. Nessa cerimónia, que soube reconciliar os ingleses com a sua História e apontar-lhes qual poderia ser o seu novo lugar no mundo, ficou enterrada toda a nostalgia que ainda pudesse existir dos tempos do "império onde o Sol nunca se punha". A mensagem era clara: deixava de haver espaço para saudosismos imperiais, a partir do momento em que, com sentido de humor, a rainha aceitava o seu novo papel – ser mais *entertainer* do que uma soberana austera e inacessível.

Decretado para os ingleses, nesse momento, o fim do império britânico, não ficaram, no entanto, resolvidos muitos dos problemas criados por esse mesmo império ao longo de séculos, em vários pontos do globo – e cujas cicatrizes e memórias de humilhações continuam hoje a alimentar a revolta, em várias nações, contra a Coroa britânica. Também não ficaram resolvidas as clivagens antigas de um Reino Unido... sempre mais ou menos desunido. Ficaram, aliás, ainda mais exacerbadas, alguns anos depois, com o Brexit e a opção de um caminho completamente inverso ao sentido que fora anunciado em Londres 2012: em vez de um país mais aberto e cosmopolita, o que começou a ser servido foi, afinal, um território mais fechado, menos tolerante à diferença, em que se adensa a crise dos serviços públicos; há uma instabilidade política crescente e até, para cúmulo, se foi perdendo o sentido de humor.

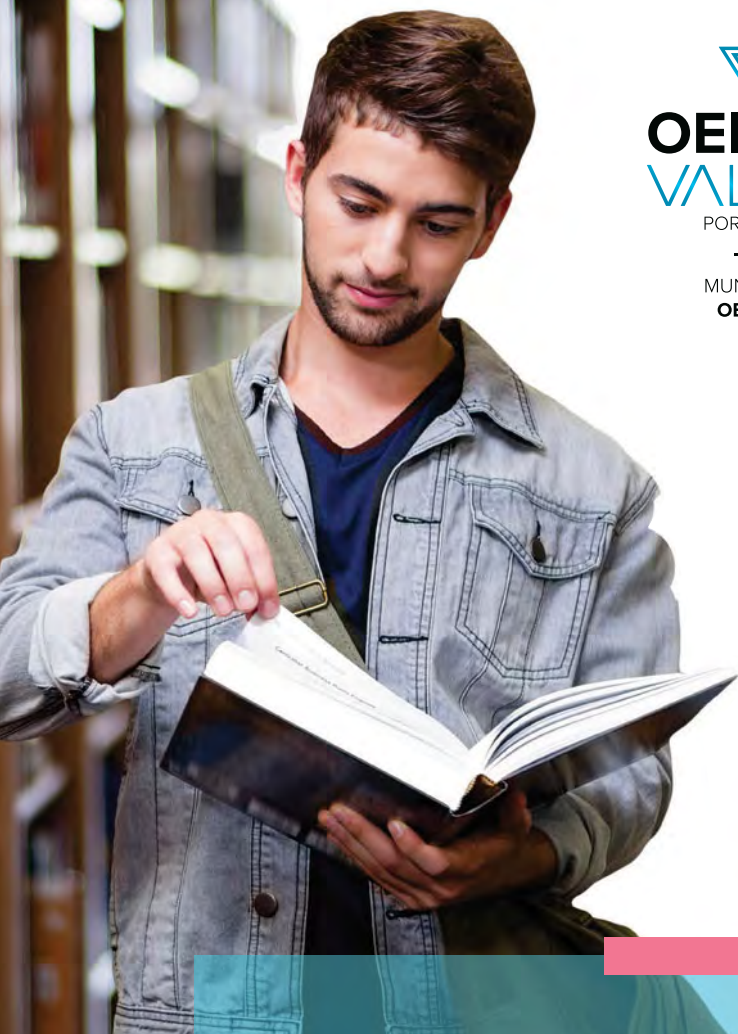
A verdade é que, mesmo assim, a notícia da morte de Isabel II conseguiu ser um acontecimento verdadeiramente global, capaz de preencher a atenção do planeta, em horas infindáveis de transmissões e de comentários. E isto é particularmente relevante quando todos temos consciência de que o desaparecimento da monarca, que foi a testemunha mais famosa e privilegiada do último século, não terá qualquer consequência direta ou prática na vida dos milhões de espectadores que, agarrados às televisões, acompanham as prolongadas cerimónias fúnebres. Este não é o início de uma era; é apenas, e só, o "grande final" de algo que todos já sabíamos que tinha acabado.

Em 2012, com os Jogos Olímpicos, Londres tentou anunciar o futuro. Agora, dez anos depois, com o funeral de Isabel II, apenas está a homenagear o passado – sem qualquer certeza de futuro. Aquilo a que estamos a assistir, em direto, é ao último acto do império britânico. V

rguedes@visao.pt

Em 2012, com os Jogos Olímpicos, Londres tentou anunciar o futuro. Agora, dez anos depois, com o funeral de Isabel II, apenas está a homenagear o passado – sem qualquer certeza de futuro

OEIRAS VALLEY
PORTUGAL

MUNICÍPIO
OEIRAS

BOLSAS DE ESTUDO

ENSINO SUPERIOR

2022/2023

CANDIDATURAS 01 AGO A 20 OUT

bolsasensinosuperior@oeiras.pt

BOLSAS DE ESTUDO PARA JOVENS ATÉ AOS 30 ANOS

Residentes no concelho de Oeiras | Ingresso ou frequência no Ensino Superior

Rendimento anual do Agregado Familiar | Aproveitamento escolar

Arturo Pérez-Reverte — Escritor

“No Ocidente, creio que está a acontecer uma coisa muito grave, trocámos a razão pelos sentimentos. Agora ‘sentimos’: as focas, as baleias, os golfinhos, os touros, os sem-abrigo...”

— **POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA** TEXTO E **LUÍS BARRA** FOTO

A tradução portuguesa de *Linha da Frente* (Asa, 624 págs., €22,90), o extenso romance de Arturo Pérez-Reverte sobre a Guerra Civil Espanhola, chegou por estes dias às livrarias. Mas depois da sua publicação em Espanha, em 2020, o escritor já terminou mais dois romances: *El Italiano* (2021) e *Revolución*, que será lançado em outubro, sobre a revolução mexicana. "Sou um escritor profissional", diz-nos Peréz-Reverte, 70 anos, numa manhã chuvosa de Lisboa, no vetusto salão do segundo andar do Hotel Avenida Palace. "Conto histórias, sou feliz a fazer isso. Tenho a vida resolvida, não preciso de escrever livros, mas, para mim, é maravilhoso passar um ano, ano e meio, a viajar, a ler, anotando coisas... Para mim, a escrita não é um desafio nem uma agonia, nem escrevo para fazer um mundo melhor, nada disso." Mas assume que *Linha da Frente* – uma ficção inteiramente baseada em acontecimentos e figuras reais – é, também, um lembrete para o futuro.

Pode dizer-se que as guerras são todas iguais?

Todas são iguais. Há só uma coisa que pode mudar: as técnicas usadas. Mas desde Troia até à Ucrânia é a mesma guerra. Pode haver drones, sistemas avançados de visão noturna, novos mísseis, mas o fator humano é sempre o mesmo: uns desgraçados em lados opostos, que ali estão para se matarem uns aos outros, em nome dos Putins, Zelenskys, Salazares, Francos, Príamos, Agamemnons, nos seus postos, por trás de tudo, manipulando bandeiras, pátrias, monumentos... A tragédia é sempre a mesma: dois infelizes a tentarem matar-se um ao outro.

Neste romance, *Linha da Frente*, parece que quis deixar isso bem claro: os seres humanos é que são todos iguais. E mesmo na Guerra Civil Espanhola, que associamos sempre a uma grande violência e polarização, havia homens, vítimas das circunstâncias, que não estavam propriamente a lutar pelas suas convicções. Até relata cenas de camaradagem momentânea entre inimigos, que trocam tabaco e mortalhas antes da batalha...

O que acontece é que eu chego a este livro sobre a Guerra Civil com uma grande bagagem pessoal... Li tudo o que havia para ler sobre o assunto. Tive testemunhos diretos sobre o que se passou na Guerra Civil Espanhola. E estive presente em várias guerras civis como jornalista: Nicarágua, El Salvador, Bósnia, Croácia, Angola... Ideologicamente parece sempre tudo muito claro: em Moçambique queriam a independência contra a presença colonial portuguesa, claríssimo; em Espanha, a república era legítima e houve a tentativa de a aniquilar. Mas quando te aproximas verdadeiramente dos seres humanos, o preto no mato com uma *kalashnikov*, o soldadinho espanhol falangista ou comunista..., encontras pessoas que foram ali parar por circunstâncias da sua vida e da História. Por exemplo, o meu pai e o meu tio estiveram na Guerra Civil, combateram com os republicanos, e eram miúdos de boas famílias, com um estatuto social mais alto. Já o meu sogro, que era um jovem esquerdista, acabou a combater com os nacionalistas, porque a sua aldeia estava desse lado... Com o tempo, esquece-se esse tipo de coisas. E agora há uma geração de políticos espanhóis que já não têm testemunhos diretos da Guerra Civil e a usam como arma política, sem a conhecerem o suficiente. Não havia uma linha clara a separar, simplesmente, fascistas e comunistas, foi tudo muito mais complexo. E como em todas as guerras, houve gente a fazer coisas heroicas e coisas atrozes. O meu romance é uma tentativa de devolver a Guerra Civil a um lugar equânime, real. Não equidistante, porque eu sei que estou do lado da república. Mas posso ver o inimigo com as suas virtudes. Um grande problema em Espanha – também em Portugal, mas creio que mais ainda em Espanha – é a incapacidade de vermos virtudes nos inimigos e defeitos no nosso lado. É tudo muito bom ou muito mau. Essa radicalização é muito perniciosa. Os excessos e populismos da esquerda levaram aos excessos e populismos da direita. Os muitos erros da esquerda em Espanha, e um pouco por toda a Europa, resultaram numa extrema-direita forte que vai estar aí por muito tempo. São lições que se aprendem, por exemplo, no contexto duma guerra civil. O meu livro tenta ser, também, um lembrete sobre isso.

Nascido em 1951, pertence a uma geração ainda muito marcada pela Guerra Civil. Era algo que se tentava esquecer ou cresceu com uma grande divisão bem visível, ainda, à sua volta?

Não era bem "esquecer", era mais uma ideia de proteção, de não envenenar as novas gerações... Havia dois tipos de silêncios: o silêncio dos que viveram grandes horrores e não queriam recordá-los, e um silêncio mais higiénico, terapêutico, dos que não queriam que os seus filhos e netos ficassem envenenados com rancor. Digamos que esse duplo silêncio nos permitiu crescer num ambiente que, nos anos 70, facilitou uma reconciliação nacional. Isso foi o lado bom. Mas agora está aí outra geração... E o que vejo é que os mais jovens políticos espanhóis, portugueses e europeus, têm uma grande carência intelectual. Ideologicamente não têm uma base intelectual sólida. São mais de declarações rápidas, de *tweets*... Para esse tipo de discursos, os clichés são muito úteis, e a Guerra Civil é perfeita: bons e maus. Vendem-nos, então, uma simplicidade muito perigosa.

Mas na vida quotidiana, como criança, sentia ainda esse apontar de dedos: "Aquele fez coisas terríveis..."

Não, não... Eu cresci numa família culta, de uma burguesia acomodada, e republicana. Associa-se a república ao povo, camponeses e operários, mas havia uma burguesia claramente republicana, como era a do meu avô. Não senti essas sementes de ódio e rancor... Era a tal ideia de proteção a funcionar. Sabíamos coisas, claro: "Aquele participou em fuzilamentos..." Conheço uma pessoa que se cruzou, na rua, com quem tinha mandado matar o seu pai, e não fez nada; pensou: "Era a guerra..." Foi admirável, da parte dos nossos pais e avós, essa tentativa de que a geração seguinte não continuasse a violência. Por isso ainda me custa mais, hoje, ver jovens sem cultura, sem formação política, a acordarem fantas-

mas, a utilizarem a Guerra Civil, que compreendem pouco ou mal, como ferramenta política.

O novo partido Vox é um grande responsável por essa tendência?

O Vox mas também a extrema-esquerda. Isso acontece nos dois extremos políticos. Os excessos e a estupidez da extrema-esquerda engordam a extrema-direita, e vice-versa. Precisam uma da outra, alimentam-se mutuamente.

Não resistiu, naturalmente, a pôr no seu romance personagens jornalistas...

Sim, mas não só pelas razões mais óbvias... Essas personagens serviram-me para mostrar um olhar exterior sobre Espanha nessa altura, pôr no meu livro o modo como os estrangeiros viam os espanhóis.

Como ex-jornalista de guerra, quando vê o eclodir de um grande conflito, como este, agora, na Ucrânia, sente o impulso de ir a correr para lá? Vivê-lo para contá-lo?

Há uma diferença muito importante em relação ao tempo em que fui jornalista de guerra. Um repórter simplesmente contava o que via, os factos, não era militante de nada, mesmo que tivesse uma clara simpatia por um dos lados. Não havia esta valorização dos "sentimentos", como se fosse uma nova religião. Claro que os órgãos oficiais de comunicação eram parciais, mas isso todos o sabiam, era muito claro. E, para o bem e para o mal, quem tinha uma voz pública, quem partilhava as suas opiniões, eram pessoas que tinham de ter passado por muitos filtros, profissionais e intelectuais. Até o maior ideólogo do salazarismo ou do franquismo tinha uma formação intelectual, leituras... Agora, qualquer um pode aceder às redes sociais sem qualquer tipo de formação prévia. Há um excesso de informação, sem filtros, a circular nas redes. E qualquer analfabeto ou manipulador pode fazer um qualquer *tweet* que se torna viral e chega a milhares de pessoas... Dizes uma parvoíce qualquer ou uma grande mentira bem embrulhada, com uma piada pelo meio, e muitas pessoas acreditam naquilo e partilham. O ruído atual nas redes impede a distinção entre o bom e o mau, o verdadeiro e o falso.

Mas sente, ainda, esse impulso de correr para um cenário de guerra?

“

Custa-me ver jovens sem cultura, sem formação política, a acordarem fantasmas, a utilizarem a Guerra Civil espanhola, que compreendem pouco ou mal, como ferramenta política

Na verdade, não, porque não gostaria nada de me ver a trabalhar nesse contexto, a competir com incompetentes e analfabetos que não sabem nada mas têm dois milhões de seguidores... Antes, competia com os meus iguais, repórteres como eu. Não digo que o velho jornalista que fui não salive quando começa uma guerra, mas o homem que sou agora diz-me: "Arturo, este já não é o teu mundo." E ainda bem que estou fora. Aliás, desisti do jornalismo de guerra já por causa disso, depois do conflito nos Balcãs. O telemóvel passou a ser um instrumento sempre presente, e mudou tudo. Passei um mês, ou mais, na Eritreia ou em Angola e era dono dos meus passos, tomava as decisões sobre o meu trabalho, o que mandava para a redação e quando... Na Eritreia, estive um mês e meio com a guerrilha, chegaram a dar-me como morto, foi uma história dura e complicada. No regresso, o relato de uma batalha que tinha acontecido há mais de 20 dias teve direito à primeira página do jornal... Hoje, isso seria impossível. O mesmo acontece com um capitão de um barco em alto-mar. Antes tomava todas as decisões, era como deus a bordo, hoje está sempre a ser contactado pelo armador... Vi chegar essa falta de independência e não gostei do que vi. Pensei: "Isto já não é para mim."

Lendo este romance sobre a Guerra Civil, ficamos com a ideia de que a circulação da informação era muito mais lenta, mas talvez fosse mais fiável. O imediatismo e a grande rapidez da comunicação, hoje, tornam-se, facilmente, inimigos do rigor...

Sem dúvida. É muito difícil interpretar de uma forma intelectualmente justa, limpa, tudo o que está a fluir em variadíssimos meios de informação. É um fluxo contínuo. E é muito fácil ser manipulado, enganado. O único antídoto contra isso é ser um leitor culto, bem informado. Mas creio que a grande maioria do público, hoje, se não é inculta, é superficial.

Mesmo o público dito "culto" pode ser facilmente enganado...

Claro que sim. Eu próprio já acreditei em rumores e mentiras, às vezes basta uma foto para nos enganar... Há uma grande falta de fiabilidade na informação hoje. E, agora, que, mais do que nunca, é preciso um público bem preparado, é quando me parece que temos um púbico cada vez mais mal preparado. E isso é trágico, poderá causar danos graves a longo prazo. Mas eu já estou com 70 anos, não quero saber. Um amigo dizia-me que a velhice não é tanto o cansaço nem o desgaste físico, é, sobretudo, preguiça. Uma grande preguiça... Não apetecer. A Monica Bellucci liga e diz "Arturo, vem ter comigo", e eu penso "Mmmh... às quatro da manhã, apanhar um táxi, não me apetece..." É isso a velhice. Cada vez são mais as coisas que te são indiferentes, que não te provocam impulsos e paixões. Isso é a parte boa da velhice...

E má, não?

É bom, sobretudo se tiveste uma vida boa e cheia, como eu tive. Viajei muito, de mochila às costas, com um enorme sentido de liberdade, conheci muitos amigos... Levo a velhice com muita serenidade. Não lamento nada estar a envelhecer.

Em entrevista à VISÃO, em 2016, dizia, pessimista, que "há sempre bárbaros a caminho". Hoje, a Rússia de Putin faz parte dessa barbárie dos nossos dias? Como viu o eclodir desta guerra? Surpreendeu-o?

Não. Conhecendo Putin, não me surpreendeu. Mas pensava que ia ser uma guerra muito mais curta... É sempre a mesma história, de facto,

e o meu livro também é sobre isso: o ser humano é assim, e não é bom nem mau. Putin é um filho da puta, mas lá terá as suas coisas boas, não é nenhum diabo. É um tipo com um certo modo de entender a política, o mundo e a vida, cujo patriotismo e a ambição o levam a fazer estas coisas... Noutro momento da sua vida poderia ser tudo de outra maneira. E Zelensky? É um ator, alguém sem nenhuma base política e intelectual, um pobre homem que a vida transformou num ícone heroico... A vida está cheia de paradoxos. Saber identificar e reconhecer qualidades nos nossos adversários é muito importante na vida. Dizer: "Este é meu inimigo mas é um tipo inteligente e corajoso, com virtudes." E reconhecer defeitos no nosso lado também é fundamental. Acho que o ser humano se está a afastar disso. No Ocidente, creio que está a acontecer uma coisa muito grave, trocámos a razão pelos sentimentos. Agora "sentimos": as focas, as baleias, os golfinhos, os touros, os sem-abrigo, a pobreza... Trocámos Voltaire, Montesquieu, Tocqueville, Rousseau e Kant pelo espírito das ONG [Organizações Não Governamentais]. Não tenho nada contra as ONG, mas isso é sinal de que nos falta um sustento, um alicerce, intelectual. A nova ideologia não passa pela razão, a nova ideologia é o coração.

E isso é necessariamente mau?

É perigoso, porque o coração é muito instável, influenciável, sensível a impulsos, momentos, lealdades, ódios, paixões... Como pode o coração determinar uma ideologia? Cada pessoa tem um, é muito complicado. Creio que o Ocidente está a perder a batalha intelectual, e a barbárie é isso. O Ocidente foi sempre a luz do mundo, com a gesta atlântica e índica dos portugueses, a expansão dos espanhóis, o iluminismo em França, o parlamentarismo inglês, a Alemanha e o seu racionalismo filosófico... Tudo isso está a ser varrido, mesmo nas escolas. Não interessa nada se um jovem conhece, ou não, Voltaire, tem é de sentir que pode ser homem ou mulher, tem é de respeitar os seus sentimentos... Mas os sentimentos têm de estar baseados na razão! Essa é a batalha que está a perder o Ocidente e nos torna débeis. O que nos fez grandes foram as ideias. E o Ocidente está velho, já não tem ideias... E as que tem estão acantonadas, parece que está a renunciar a elas.

Esta guerra na Ucrânia parece que nem é propriamente feita em nome de ideias...

Os povos eslavos são muito duros e cruéis, já os vi combater. São dos mais duros da Europa. Sofreram muito, e quem sofreu muito tem uma visão diferente da vida e da morte... E a Ucrânia tem um grande ódio aos russos, baseado em coisas terríveis que os russos ali fizeram na História. Portanto, há razões quase biológicas daquele povo, e de memória, históricas, para o modo como os ucranianos estão a resistir. Os soldados russos, esses, estão numa guerra que não lhes interessa nada... A Ucrânia está a aguentar-se muito bem devido a uma razão para lutar que os russos não têm.

Mas acreditava que ia ser tudo mais rápido...

Acreditava que ao fim de um ou dois meses os russos iam ganhar. Enganei-me e alegro-me com isso. Não esperava essa resistência tão feroz. É admirável. Ainda por cima dirigidos por um ator... Mas é tudo terrível, claro, até porque há grandes atrocidades cometidas pelos dois lados.

E, agora, o que lhe parece que vai acontecer?

Não sei... Já não me atrevo a fazer previsões. Mas sei uma coisa: todas essas viúvas e órfãos russos vão cobrar um preço, no final. Não podes encher o país de viúvas e de órfãos durante meses e meses, e passar incólume. Putin pagará por isso. O povo russo viveu submisso desde o tempo dos czares, sempre debaixo da bota de um tirano: os czares, Lenine, Estaline, agora Putin... Não sei quando, nem como, mas essas famílias que perderam filhos e pais vão cobrar no final.

> **A Ucrânia está a aguentar-se muito bem devido a uma razão para lutar que os russos não têm**

Putin apostou muito alto com esta invasão...

Muito alto. E, claramente, não esperava esta resistência dos ucranianos... Pensava, como eu, que a guerra seria dura mas breve.

Mudando radicalmente de assunto, podemos falar um pouco do seu amigo Javier Marías, que morreu esta semana. Eram da mesma geração...

Sim, o Javier era apenas dois meses mais velho do que eu. E conhecíamo-nos há 30 anos, mais ou menos. Os seus livros e os meus são completamente diferentes, não têm nada que ver. O que nos unia é que tínhamos visto os mesmos filmes, lido as mesmas bandas desenhadas, os mesmos livros, tínhamos a mesma formação. Ao crescer, ele quis escrever essas histórias e eu queria vivê-las. Jantávamos juntos de 15 em 15 dias num restaurante de Madrid, o Casa Lucio. O Javier mantinha uma espécie de inocência pessoal, tinha ingenuidades muito cativantes... Eu oferecia-lhe armas, de coleção. Um dia falámos do [revólver] Colt de John Wayne e eu ofereci-lhe um igual... Quase todos os Natais lhe oferecia armas, até uma pistola-metralhadora. As pessoas ficavam surpreendidas com a sua coleção de armas, achavam que não tinha nada que ver com ele, e o Javier lá se explicava: "É o Arturo que mas dá..." Tínhamos essa cumplicidade de crianças que brincam, que continuam a brincar, cada um à sua maneira.

Conheceram-se já como escritores, no contexto literário...

Sim. Escrevíamos os dois na revista *XL Semanal*. As nossas crónicas eram em páginas seguidas, mas nós não nos conhecíamos. Num certo domingo, ao lado da minha crónica estava uma publicidade com um tuaregue, e ao lado da dele um anúncio a soutiens, com uma modelo encantadora... Na crónica seguinte escrevi algo como um protesto, por me calhar a mim um mouro e a ele umas belas mamas. Ele respondeu-me, e houve ali uma troca divertida de galhardetes a que os leitores acharam graça. Assim começou a nossa amizade, precisamente por uma brincadeira. Ele tinha aquele ar muito sério mas tinha um grande sentido de humor, rimo-nos muito juntos.

V palmeida@visao.pt

R

RADAR

PONTOS DA SEMANA

MAFALDA ANJOS*

As horas decisivas

Enquanto o mundo se distrai com os microdetalhes dos cerimoniais, encenações e protocolos da sucessão na coroa britânica depois da morte da rainha Isabel II, na Ucrânia vivem-se horas decisivas. Longe dos noticiários e da opinião pública, as forças ucranianas conseguem uma das mais espetaculares contraofensivas desde a II Guerra Mundial, avançando no terreno a velocidade vertiginosa. A Ucrânia recuperou, numa semana, mais de cinco mil quilómetros quadrados no terreno, na região de Kharkiv – mais do que os russos conquistaram em cinco meses. Um feito notável.

Como disse Churchill num dos seus famosos discursos, em 1940, quando foi necessário reforçar o apoio a França na luta contra o nazismo, acontecem por estes dias as "*finest hours*" ucranianas. Momentos que podem ser determinantes para o futuro não só dos dois países em conflito como de toda a Europa e, mesmo, das democracias ocidentais e dos seus valores fundadores.

Não há, claro, favas contadas nem desfechos garantidos numa guerra. Mas há vários fatores que explicam e podem antecipar o resultado de um conflito. Normalmente, podem ser arrumados em sete parâmetros, que formam, em inglês, o acrónimo TELLMES. Em português, são eles o tempo, a economia, a logística, o terreno, o modo de combate, o *ethos* e a estratégia. Para Timothy Snyder, um dos mais proeminentes historiadores da Europa Central e de Leste, pesados todos eles, a Ucrânia leva vantagem.

A Rússia estava a apostar numa guerra rápida que acabou por se prolongar; a economia ucraniana tem o apoio do Ocidente quando a Rússia começa a sofrer o efeito das sanções; a logística e o terreno beneficiam o país invadido e penalizam o invasor; o modo de combate favorece quem tem armas de longo alcance como as que a Ucrânia recebeu; o *ethos* dos ucranianos é o de quem tem tudo a perder, enquanto o dos russos é o de quem não compreende bem por que razão está a lutar; a estratégia russa é desmantelada pela quebra da premissa inicial, de que os ucranianos "irmãos" se renderiam perante um "salvador" que viria desnazificar e desmilitarizar.

Os acontecimentos da última semana marcam a entrada numa nova fase da guerra. Com o inverno "amigo" à porta, Putin, com tropas deslaçadas e sem mobilização suficiente para manter o impulso a leste e avançar decisivamente para forçar uma rendição, aposta no impacto do corte de energia nas economias europeias. Joga tudo na escalada da inflação, no abrandamento económico e, sobretudo, na pressão de uma opinião pública pouco disponível para sofrer, que começa a pesar os custos da defesa da soberania e da liberdade ucranianas perante os incómodos que já sente diariamente no bolso. A injeção de confiança destes avanços anima as tropas ucranianas, mobiliza as populações a resistir e, mais importante, mostra como o apoio do Ocidente – que fornece armas e dinheiro – é determinante. E isso dá novos argumentos aos governos para continuar a apoiar a Ucrânia até que esta consiga um cessar-fogo satisfatório.

O maior risco para os ucranianos é a desmobilização do suporte internacional. É o esquecimento, a falta de fé, o desejo de resolver um problema que parece eternizar-se. Tal como em 1940, em causa não está apenas a soberania de um país – está a defesa da liberdade, dos valores democráticos e do direito internacional público. Putin, tirano exemplar para outros tiranetes espalhados pelo mundo, não pode ganhar. Por isso, estas horas decisivas são também nossas.

*Diretora
manjos@visao.pt

2%

VALOR "DE REFERÊNCIA" PARA AUMENTOS DA FUNÇÃO PÚBLICA

Esta semana, em entrevista à TVI/CNN, o primeiro-ministro foi perentório: "Os funcionários públicos não vão ter aumento de 7,4%", o valor com que o Governo está a trabalhar. E deu um "valor de referência" possível de aumentos para 2023: 2%. Bastante abaixo dos cerca de 4% que os pensionistas vão receber.

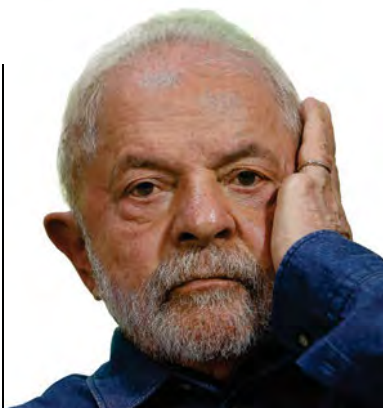
ENSINO

Faltas no arranque do ano escolar

As escolas reabriram esta semana para o arranque do ano letivo 2022/23, sem restrições ditadas pela Covid-19 pela primeira vez desde 2020, mas ainda com 2,3% de horários por preencher, o que corresponde a 600 vagas de professores. No total, há 60 mil alunos com, pelo menos, um professor em falta. Um valor que, ainda assim, segundo o ministro da Educação, é melhor do que o que aconteceu nos dois últimos anos, graças às medidas implementadas, que agilizaram as contratações, a redução das mobilidades e a renovação dos contratos anuais. Um ano essencial para a recuperação dos atrasos ditados pelo ensino à distância, sobretudo para os jovens de famílias mais carenciadas.

PACOTE DE APOIO

Falta de clareza e controlo de danos

A discussão em torno do pacote de apoio às famílias contra a inflação ficou enleada num ponto específico: o tema dos aumentos dos pensionistas. Porque, ao anunciar as medidas, o primeiro-ministro não foi claro a explicar que, ao antecipar meia pensão em outubro e fazer aumentos de cerca de 4% para o ano, não será feito o cumprimento estrito da lei, que ditaria um aumento ao nível da inflação atual. O objetivo é atendível: não fazer de uma situação excecional e momentânea, como será esta inflação elevada ditada pela guerra, uma despesa permanente, já que, como explicou agora António Costa na entrevista que deu à CNN, o País perderia 13 anos dos 26 que conquistou na sustentabilidade da Segurança Social. Teria sido muito mais transparente esclarecer tudo isto à partida, para evitar ter de fazer controlo de danos depois.

FRASE

"Pela primeira vez na História do Brasil, eu sou culpado de ser inocente. Tive de provar a culpa deles, porque fomos nós que provámos toda a maracutaia e falcatrua"

LULA DA SILVA, em entrevista, criticou os delatores da *Operação Lava Jato*, que, segundo ele, foram beneficiados para tentar culpá-lo. As eleições presidenciais são a 2 de outubro.

EUROPA

Extrema-direita em força na Suécia

A Suécia tem a reputação de ser um dos Estados mais progressistas da Europa e está entre as nações mais felizes do mundo. Porém, os Democratas da Suécia foram o segundo partido mais votado, e Jimmie Akesson, com uma agenda nacionalista e anti-imigração, já fez saber que "quer um lugar no governo". Com cerca de 95% dos votos contados, o bloco de direita de quatro partidos liderados pelos moderados de centro-direita de Ulf Kristersson tem um total de 175 assentos, contra 174 da oposição moderada.

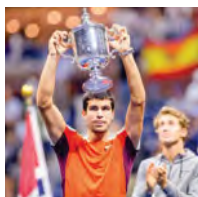
SAÚDE

Um senhor gestor para o SNS

Era o nome mais apontado para ministro da Saúde, mas foi escolhido para ocupar uma nova função, tão – ou mais – importante: CEO do Serviço Nacional de Saúde. O reputado presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar de São João, fortemente crítico do estado de coisas no SNS e de várias opções políticas durante o mandato de Marta Temido, terá muito trabalho pela frente. Como, por exemplo, atender à falta de médicos, às contingências nas urgências e às enormes listas de espera noticiadas pela VISÃO na semana passada.

Carlos Alcaraz
Novo rei do ténis mundial

Com a vitória do último fim de semana no Open dos Estados Unidos da América, Carlitos (como gosta de ser tratado) tornou-se o tenista mais novo de sempre a chegar a número um do mundo

— POR MANUEL BARROS MOURA

Histórico

Ao final da tarde do último domingo (já noite em Lisboa), as bancadas repletas do estádio Arthur Ashe, o principal *court* do complexo Flushing Meadows, em Queens, Nova Iorque, testemunhavam o momento histórico em que Carlos Alcaraz, com apenas 19 anos, 4 meses e 6 dias, venceu o seu primeiro torneio Grand Slam e se tornou o tenista mais novo de sempre a chegar ao topo do ranking ATP. Ao vencer o norueguês Casper Ruud na final do Open de Ténis dos Estados Unidos da América, o jovem espanhol não só alcançava o topo do ténis mundial como também estabelecia outras duas marcas relevantes: ser o mais novo a ganhar o torneio de Nova Iorque depois de Pete Sampras, em 1990, e ser também o mais novo a vencer um dos quatro grandes torneios, depois de Rafael Nadal, em 2005, em Roland Garros.

Passagem por Oeiras

Alcaraz iniciou a carreira profissional em 2018, com apenas 14 anos. A sua primeira grande vitória aconteceu em Portugal, em maio de 2021. Ao vencer o Open de Oeiras, com 18 anos, tornou-se o tenista mais novo a entrar para o top 100 mundial. Seis meses depois, por altura do Open dos EUA da última temporada, prova na qual chegou aos quartos de final, já entrara no top 50. No espaço de um ano, atingiu o topo. Entre as inúmeras vitórias, o destaque vai para o triunfo no Open de Madrid, em maio, durante o qual venceu, em dias seguidos e com 19 anos acabados de fazer, Rafael Nadal e Novak Djokovic, que eram o quarto e o primeiro do mundo, na altura.

"Chamem-me Carlitos"

Nascido a 5 de maio de 2003, em El Palmar, perto de Múrcia, Carlitos ou *Charly*, como prefere que o tratem ("Quando me chamam Carlos, parece que fiz alguma asneira", explicou o tenista durante o torneio de Madrid em que começava a chamar a atenção da Imprensa internacional), começou a jogar ténis, com apenas 4 anos, no clube de ténis que o pai dirigia. Cedo deu nas vistas e, com apenas 14 anos, ingressou na academia de Juan Carlos Ferrero, glória do ténis espanhol, vencedor do Roland Garros em 2003, que chegou a ser número um do mundo. E o antigo campeão foi capaz de formar mais uma estrela do ténis espanhol, que seguirá não só as suas pisadas mas também as de Carlos Moya e, claro, Rafael Nadal.

Imitar os "Big Three"

Curiosamente, e apesar de partilharem a nacionalidade, Nadal não é a grande referência de Alcaraz, que já fez questão de contar que o seu primeiro grande ídolo foi o suíço Roger Federer. O que não quer dizer, explica o jovem talento, que não tenha uma enorme admiração pelo seu compatriota, tal como por Novak Djokovic, o terceiro elemento do extraordinário trio (o chamado *Big Three*) de tenistas que tem dominado a modalidade nas últimas duas décadas. Aliás, horas após ter ganho o US Open e se ter tornado número um do mundo, Carlitos foi bem claro sobre os seus objetivos: "Eu também quero estar 20 anos no topo. Não me quero comparar a eles, mas quero ser como eles!"

É hora de poupar: mas em quê?

O aumento dos preços da eletricidade e do gás é inevitável, mas há pequenos gestos que permitem economizar. Longe de ser uma fortuna, é sempre uma ajuda

— POR **MANUEL BARROS MOURA**

Além da mudança para os mercados regulados da eletricidade e do gás, há mais alguma coisa que um casal português possa fazer para baixar a fatura energética de casa? Há muito pouco, mas há. Aqui fazemos as contas de quanto pode esse casal poupar por ano, com pequenas mudanças de hábitos diários, tendo por base os preços de referência dos mercados regulados de eletricidade e de gás em Portugal*

Gás natural | Eletricidade

CASA DE BANHO. Água quente (Gás)

Não tomar duche um dia por semana
-280 kWh
-€15,70

Torneiras com redutor de caudal
-240 kWh
-€13,50

Reduzir o duche em um minuto
-180 kWh
-€10,10

Máquina de secar a roupa
Não usar no verão
-100 kWh
-€15,40

Máquina de lavar a roupa
Utilizar apenas programas eco a um máximo de 30 °C
-15 kWh -€2,30

SALA

Televisão
Ver menos duas horas e meia por dia
-75 kWh
-€11,60

Candeeiros
Apagar os desnecessários
-94 kWh
-€15,50

Aquecimento central (Gás)
Reduzir a temperatura interior em 1 °C
-640 kWh
-€35,90

Wi-fi, telefones e computadores
Desligar à noite
-50 kWh
-€7,70

COZINHA

Máquina de lavar a loiça
Só utilizar programas eco
-24 kWh -€3,70

Fogão
Utilizar sempre tampas, usar o calor residual e cozinhar a vapor
-34 kWh
-€5,20

Forno
Não preaquecer e usar o calor residual
-40 kWh
-€6,20

Optar pelo forno de ventilação, em vez da convecção natural
-11 kWh -€1,70

Frigorífico/congelador
Descongelar regularmente
-26 kWh -€4

Aumentar a temperatura 1 °C
-13 kWh -€2

Tomadas
Desligar aparelhos não utilizados
-8 kWh -€1,30

POUPANÇAS ANUAIS TOTAIS
Gás
€75,20
Eletricidade
€76,60

*Tarifa regulada da luz (para clientes BTN com potência instalada de 3,45 kVA; a mais usada em Portugal): €0,1542 por KWh
Tarifa regulada do gás (para clientes do primeiro escalão; o mais usado em Portugal): €0,0561 por KWh

FONTES ERSE, *Die Zeit*, *Courrier Internacional*

AR/VISÃO

POLITICAMENTE CORRETO

As TINAS e a democracia

Pedro Marques Lopes

— Analista político

O PSD sabe bem o que custa mexer nas pensões e em tudo o que lhes estiver associado: isso custou-lhe uma imprescindível base de apoio que em larguíssima medida o tem conduzido a sistemáticas derrotas eleitorais. António Costa não o ignora e também não desconhece que, só de velhice, há mais de dois milhões de pessoas a receber da Segurança Social. Digamos que ninguém consegue ganhar eleições não sendo agradável com estes cidadãos

Sobre o já longínquo anúncio do pacote de apoio às famílias pouco mais há a dizer, mas o tempo deixou algumas coisas mais claras e, sobretudo, disse-nos muito sobre o quadro político atual e dos últimos anos.

Tirando os delírios de BE, PCP e IL, a discussão ficou pelo "podia ser mais um bocadinho" ou "não podia ser mais um bocadinho" e "o podia ser mais cedo" ou "o agora é que é". Ou seja: quanto às medidas – já vamos às pensões –, a conversa foi infantil. É evidente que nenhum pacote podia sequer aligeirar significativamente o impacto desta crise económica – que, ao contrário do que António Costa anunciava, não é conjuntural – como nem o tempo dirá se foi na altura certa ou não. Achar que algum governo do mundo pode tapar os efeitos de uma inflação destas é só demagogia barata.

A realidade é muito teimosa e, passados poucos dias, veio impor-se, quando o BCE anunciou uma histórica subida de juros. Pensar que um País com um volume de dívida gigantesco pode dar-se ao luxo de prescindir de uma apertada consolidação orçamental ou que não é preciso deixar folga para acudir às famílias, quando os encargos com as casas dispararem ainda mais, é só algo de uma inconsciência criminosa. A verdade é que a falta de prudência agora pode, num futuro muito próximo, fazer parecer as enormes dificuldades por que estamos a atravessar um passeio pelo parque.

O mesmo pode dizer-se sobre a questão das pensões. A tristíssima pirueta do primeiro-ministro não pode fazer esquecer a pura e dura realidade: a corrente lei não está adaptada às situações de crise – aliás, nunca chegou a ser posta em prática –, e, ao ser aplicada, iria condenar o País a brevíssimo trecho à implosão do sistema de previdência. Imagine-se o que seria subir as pensões à taxa da inflação prevista e manter essa base para o futuro.

O PSD sabe bem o que custa mexer nas pensões e em tudo o que lhes estiver associado: isso custou-lhe uma imprescindível base de apoio que, em larguíssima medida, o tem conduzido a sistemáticas derrotas eleitorais. António Costa não o ignora e também não desconhece que, só de velhice, há mais de dois milhões de pessoas a receber da Segurança Social. Digamos que ninguém consegue ganhar eleições não sendo agradável com estes cidadãos.

Compreende-se muito bem a forma como o PSD se agarrou à questão de Costa ter feito uma espécie de ilusionismo falhado: não havia muito mais para criticar. Quanto às medidas, as diferenças pouco mais seriam do que pormenor, e a discussão não passaria de mais migalha menos migalha. No caso das pensões, só serviria para lembrar que o PSD teria optado exatamente pela mesma medida se estivesse no poder, como partido sério que é.

Aliás, tem alguma piada ver que quem andou a executar políticas de austeridade e de cautela está agora a criticar quem as executa, bem como é muito engraçado ver os que tanto criticaram as políticas de austeridade a fazer, na essência, exatamente o mesmo. (Havia muito a dizer sobre, também por aqui, se ainda faz sentido falar em esquerda e direita, mas não faltará ocasião.)

A falta de diferentes opções políticas para problemas delicados traz consequências complicadas para a saúde da democracia – sendo que isso é, em muitos temas, estrutural; a democracia depende, aliás, de consensos em vários aspetos fundamentais.

Em primeiro lugar, valoriza a questão da forma como se comunica, dando mais importância à forma do que ao conteúdo. Não é em vão que os políticos dão cada vez mais importância à guerrilha comunicacional nas redes sociais e que a agenda que os *media* tradicionais constroem é tão importante. É desta forma que a austeridade de um é má, e a do outro é boa. Isto desfoca completamente o cidadão do essencial, acabando este, mais cedo ou mais tarde, por sentir-se enganado pelos partidos-alicerces do sistema.

No fundo, quando não se pode discutir políticas porque o conteúdo essencial é o mesmo, e havendo que fazer contraponto, cai-se inevitavelmente em questões laterais (comunicacionais, de caráter, de estilo discursivo) que acabam por poluir o ambiente.

O paradoxo é que nunca, nos últimos anos, os partidos do centro estiveram tão próximos nas posições sobre as questões centrais (as políticas de austeridade, entre outras), e o clima de convivência pessoal e de violência do discurso nunca foi tão crispado.

Depois, neste ambiente em que as TINAS (não há outras opções) se impõem, e não para trazerem nada de agradável, ganham força as propostas irresponsáveis, tanto por serem mais apelativas como por reação aos consensos.

Nada disto é novo. O facto é que as democracias têm conseguido sobreviver a esses momentos. Mas o pessimismo acaba por ser legítimo quando há falta de memória sobre o que a democracia liberal nos deu e, mais do que tudo, quando está instalada a convicção de que os nossos filhos e netos vão viver pior do que nós. visao@visao.pt

Pensionistas, uni-vos!

A meia pensão aos pensionistas em outubro continua a dar que falar. Agora discute-se a sustentabilidade do sistema...

"Fui muito claro: até ao final de 2023, os pensionistas vão recuperar o poder de compra perdido neste ano"

ANTÓNIO COSTA
Primeiro-ministro à TVI

"O primeiro-ministro deve deixar este estilo de cobardia política e dizer aos portugueses: 'Estou a tirar mil milhões de euros ao sistema de pensões para torná-lo mais sustentável a médio e longo prazo'"

LUÍS MONTENEGRO
Presidente do PSD

INDISCRETOS

O primeiro de muitos?

O novo ministro da Saúde e a filha foram à Feira do Livro do Porto e saíram de lá carregados. Manuel Pizarro decidiu partilhar o momento nas redes sociais, exibindo os livros comprados por ambos. Vários internautas repararam, porém, em duas escolhas, não se sabendo se são do próprio Pizarro ou se da filha. Uma delas causou um certo pânico, ou não fosse Manuel Pizarro o novo ministro da Saúde: *Como Matar a Tua Família,* de Bella Mackie. A outra compra terá mais uma leitura política, já que Pizarro aceitou o convite de António Costa: *O Primeiro Erro*, de Sandie Jones.

Isabel Jonet, a conselheira financeira

Isabel Jonet, a conhecida ativista promotora do Banco Alimentar, declarou que os pobres, quando têm dinheiro, "têm tendência a gastá-lo mal". Evidentemente: toda a gente conhece as histórias de pessoas sem-abrigo que, quando se apanham com uns tostões, torram tudo em férias em Punta Cana, em vez de os investirem em latas de atum. Isabel Jonet deverá ser nomeada, em breve, conselheira financeira nacional para a aplicação dos 125 euros que Costa vai dar a cada português (os que ganharem até um *xis*, o que inclui, pelos critérios de Jonet, uma data de ricaços...). Nada de extravagâncias, portanto: os 125 euros devem dar para uma utilização avisada de latas de feijão, pacotes de arroz e salsichas, com um longo prazo de validade.

Vai trabalhar para as obras?

Pedro Nuno Santos anunciou, em Viana do Castelo, que a próxima Cimeira Ibérica, a realizar no Minho, no último trimestre deste ano, deverá ter em cima da mesa, como prioridade, "a ligação de alta velocidade entre Portugal e a Galiza". Nem podia ser de outra forma: há quase 30 anos para cá, uma cimeira ibérica em que não se discuta o TGV é como uma campanha eleitoral em que não se coma carne assada. Ou, neste caso, "outra vez arroz". Mas é prudente que o ministro se dedique, mesmo, à ferrovia. É que, segundo disse António Costa na entrevista desta segunda-feira à TVI, no caso do novo aeroporto de Lisboa, o ministro só será chamado "quando se chegar à fase de executar o que ficar decidido". Resta saber se na qualidade de mestre de obras ou se a dar serventia a pedreiros.

A "sortieé" do PS

Depois de, pela primeira vez, o PS ter vencido as eleições no círculo de Leiria, os socialistas escolheram aquele distrito para a *rentrée*. Mas foi como se um galo tivesse acordado ao meio-dia... A *rentrée* já veio após a demissão de Marta Temido, o programa contra a inflação, o caso da nomeação de Sérgio Figueiredo... Enfim, foi mais uma *sortieé*! **— F.L./C.R.L.**

15 MINUTOS DE FAMA

O autógrafo de Isabel II

O médico ortopedista Nuno Craveiro Lopes, neto do antigo Presidente da República que, em 1957, foi o anfitrião da jovem monarca inglesa Isabel II, na primeira visita a Portugal, partilhou uma foto, no Facebook, com memórias pessoais de uma criança de 8 anos: "Ela quis conhecer os netos do então Presidente, meu avô, e ofereceu, a cada um, um livro autografado por ela de histórias infantis do Charles Dickens... Recordação para a vida... Nesta foto, o Presidente, meu avô, no 'beija-mão' à rainha, a minha avó Berta em amena conversa com Filipe, o duque de Edimburgo, e, ao fundo, o meu outro avô, coronel Bento da França, chefe da Casa Militar do Presidente."

Manuel Pizarro António Costa apostou num ministro da Saúde mais político, mas com experiência médica

Governo
Os desafios do novo ministro da Saúde

— POR RITA RATO NUNES

Manuel Pizarro estreia-se no Governo como titular da pasta da Saúde, depois de o primeiro-ministro lhe ter prometido um aumento orçamental para o seu ministério, no próximo ano. Apesar disso, fontes próximas do novo elemento do executivo, que tomou posse no sábado, 10, admitem que o financiamento não será o seu principal cavalo de batalha, assim que Pizarro se instalar com a equipa no número 9 da Avenida João Crisóstomo, em Lisboa. O ex-eurodeputado tenciona, em primeiro lugar, espremer os recursos que tem e apostar tudo na reorganização do sistema de saúde para o tornar mais eficaz.

A partir de Bruxelas, onde ocupava um lugar no Parlamento Europeu desde 2019, ou do Porto, cidade onde nasceu e a que sempre se manteve ligado (foi o candidato socialista à autarquia da Invicta, em 2013 e 2017, e lidera a Federação Distrital do PS Porto), Pizarro foi deixando algumas pistas sobre o que pensava da gestão da antecessora, Marta Temido. Num debate recente no Porto Canal, o especialista em Medicina Interna e antigo secretário de Estado da Saúde da ministra Ana Jorge (2008 e 2011) apontou a existência de "um centralismo exacerbadíssimo" e de uma "ilusão burocrática" no Ministério da Saúde, que só podem ser erradicados dando prioridade à "descentralização da gestão do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e à autonomia dos hospitais e das Administrações Regionais de Saúde". Já, neste sábado, depois de empossado, embora ainda parco em palavras, escolheu tocar no mesmo ponto e prometeu "utilizar de forma mais eficaz os recursos".

Adalberto Campos Fernandes, ministro da Saúde socialista entre 2015 e 2018 e próximo de Manuel Pizarro (o atual governante esteve inclusive ao lado de Campos Fernandes na polémica transferência da sede do Infarmed para o Porto), diz, à VISÃO, que esta é a linha de raciocínio mais correta: "O novo ministro tem de ter a lucidez para perceber que existem limites orçamentais. Com a recessão económica que está a atingir a Europa, não podemos andar aos altos e baixos. É preciso reintroduzir a linguagem da eficiência, que desapareceu nos últimos sete anos. Quatro milhões de euros depois, a

eficácia piorou e o acesso piorou. Portanto, a escalada orçamental não é só por si uma solução para os problemas que existem. Tem de haver reforços e também racionalização dos meios."

Pizarro herda um sistema de saúde com a respiração ofegante. Uma luta de dois anos e meio por causa da pandemia Covid-19 conduziu os profissionais ao desgaste e acelerou a fuga para o setor privado, deixando o SNS com falta de meios essenciais. A atividade assistencial está por recuperar, e as listas de espera acumulam-se; as urgências passam por uma crise aguda, e quase todos os dias há notícias de encerramentos, especialmente em Obstetrícia, em alguma unidade do País. A promessa de atribuição de um médico de família a cada português está longe de ser alcançada, com mais de um milhão de utentes ainda à espera. Tudo isto vai cair no colo do substituto de Marta Temido (que se demitiu na sequência da morte de uma grávida transferida entre dois hospitais lisboetas). "Mas o mais urgente mesmo é recuperar a confiança das pessoas no sistema", define Adalberto Campos Fernandes, além da necessidade de se traçar um "rumo claro para a saúde, definido em diálogo com todos os profissionais e o público, e encarando a questão das carreiras dos profissionais como uma prioridade".

POLÍTICO DE ESTETOSCÓPIO

Assim que o nome de Manuel Pizarro, 58 anos, foi anunciado pelo primeiro-ministro, o setor da saúde reagiu com base na expectativa de que o novo governante se recorde do tempo que passou no terreno como médico de Medicina Interna, no Centro Hospitalar e Universitário de São João, e como diretor clínico do Hospital Ordem da Trindade, ambos no Porto. A classe médica reconhece em Pizarro um "bom gestor humano" com "qualidades técnicas", referiu o bastonário Miguel Guimarães, a que se soma "a capacidade de diálogo e de negociação", acrescentada pelo presidente do Sindicato Independente dos Médicos, Jorge Roque da Cunha, que nunca proferiu tais palavras sobre Temido, vista desde o início como uma *outsider*. Também o presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares e o bastonário dos farmacêuticos secundaram estas ideias e admitiram a sua "esperança" no perfil político de Pizarro, o que os leva a crer que tal pode transformar-se em influência junto do Conselho de Ministros. Pizarro é considerado um homem da confiança de António Costa. Já tinha sido convidado para ocupar o lugar de ministro em 2015 (ano em que começou a ser investigado por suspeitas de ligação ao negócio de compra de plasma para os hospitais, conhecido como *Máfia do Sangue* ou *O Negativo*, mas todas as suspeitas foram arquivadas) e integrou o primeiro Secretariado Nacional do líder socialista.

"A escalada orçamental não é só por si uma solução para os problemas. Tem de haver reforços e também racionalização dos meios", defende Adalberto Campos Fernandes, ministro da Saúde socialista entre 2015 e 2018

Entre os profissionais de saúde, só a bastonária dos enfermeiros, Ana Rita Cavaco, demonstrou a desconfiança em relação à escolha de Costa, relembrando que, "em 2009, o dr. Pizarro foi o secretário de Estado que terminou com a nossa carreira" e instando o novo ministro a não perder a "oportunidade de corrigir essa questão". Tom que se aproximou mais do da oposição na Assembleia da República, insatisfeita com o perfil do homem escolhido, um "boy do PS" (apelidou o deputado André Ventura, do Chega), que "não garante qualquer mudança" (apontou a líder do BE, Catarina Martins) e sem "qualquer intenção de mudar as políticas que levaram o SNS ao colapso" (deputada da IL Joana Cordeiro).

Para o deputado social-democrata com o pelouro da saúde Ricardo Batista Leite, a proximidade de Pizarro a António Costa também não é uma virtude, uma vez que Costa "já manifestou que não permitirá intervenções de fundo na Saúde" e que a alteração de ministro "se trata apenas de uma mudança de personalidade". O parlamentar pensa que o melhor seria "revogar de imediato o Estatuto do SNS" e "mudar o modelo de gestão e de financiamento". Mais dinheiro sem reformas "é continuar a gastar sem retorno algum para a saúde dos portugueses", nota, à VISÃO, Batista Leite, que insta Manuel Pizarro a dizer com clareza "se vai continuar a defender aquilo que antes defendia" [a reorganização do sistema].

rrnunes@visao.pt

A MARCAR A "RENTRÉE"

A Saúde continuará a ocupar grande parte do espaço mediático, mas há outras áreas em que o Governo terá de prestar contas no Parlamento

AUDIÇÕES A MINISTROS

Nesta semana, foram ouvidos, nas respetivas comissões na Assembleia da República, o ministro das Finanças, Fernando Medina, e a ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho. Os partidos querem ainda inquirir José Luís Carneiro, com a pasta da Administração Interna, a propósito dos sucessivos incêndios florestais, do SIRESP e da reorganização das forças policiais.

COMBATE À INFLAÇÃO

O tema da inflação continuará a dominar a agenda política, até porque algumas das medidas anunciadas no programa do Governo de apoio às famílias terão de passar obrigatoriamente pelo hemiciclo. É o caso do teto de 2% ao aumento das rendas; a subida das pensões em 2023 e a redução do IVA da eletricidade na componente que é taxada a 13% e que o executivo quer passar para 6%.

OUTROS TEMAS

O Parlamento retoma assuntos que ficaram pendentes em julho, como a lei dos metadados, a despenalização da morte medicamente assistida e a regulamentação das ordens profissionais. Em outubro, segue-se a discussão do Orçamento do Estado para 2023.

PONTOS CARDEAIS

A quarta fase da guerra

Bernardo Pires de Lima

— Analista de política internacional

NORTE
Liz Truss é a quarta chefe do governo britânico em seis anos. Sem estado de graça, carisma e bancada, tem tudo contra si: economia, desconfiança europeia e norte-americana, independência escocesa e tensão na Irlanda do Norte.

SUL
O recente perdão da China aos juros dos empréstimos contraídos por 17 países africanos é um balão de oxigénio para muitas sociedades asfixiadas e um exemplo a seguir por outros credores internacionais.

ESTE
Uma das várias ruturas entre o legado de Gorbachev e a era de Putin está no esmagamento da Imprensa livre, como o fecho recente do *Novaya Gazeta*, jornal fundado com o dinheiro do Nobel atribuído ao líder soviético, em 1990.

OESTE
Aprovados pacotes financeiros históricos, Joe Biden fez em Filadélfia o melhor discurso do mandato. O assalto à democracia norte-americana tem no medo, na violência, na mentira e no "semifascismo" trumpista os seus responsáveis.

Aos seis meses de guerra, procurei nesta coluna arrumar o conflito em três fases. A primeira, entre fevereiro e março, viu Moscovo operar uma guerra-relâmpago sobre Kiev, na tentativa de surpreender o mundo e de fazer da Ucrânia uma segunda Bielorrússia. Esta missão falhou em toda a linha. A segunda, entre abril e maio, assistiu a uma dispersão de ataques russos no Nordeste, Sudeste e na orla sul ucraniana, entre eles muitos sobre alvos civis para fragmentar a resistência e dificultar o apoio militar vindo do exterior. Esta missão não teve continuidade, quer pela capacidade anímica ucraniana quer pela condenação internacional dos crimes de guerra russos. A terceira, entre junho e agosto, assistiu à concentração das operações no Donbass e na região do mar de Azov e do mar Negro, com bloqueios portuários e a tentativa de controlar a região de Odessa. Esta fase perdura, com avanços e recuos, desgaste nos dois lados, mas foi de certa forma interrompida por um facto importante em meados de agosto e que iniciou a quarta fase da guerra: um conjunto de ataques cirúrgicos do Exército ucraniano a bases militares e logísticas russas na Crimeia. Esta ação expôs uma maior sofisticação militar ucraniana, tal como outras condições políticas para se passar de uma etapa de resistência para uma contraofensiva mais ambiciosa. Os ataques na Crimeia disseram a Moscovo aquilo que Zelensky reforçou ao país: só daremos por terminada esta guerra quando reconquistarmos tudo aquilo que nos pertence, revertendo o ciclo de ocupação iniciado na Crimeia, em 2014.

Com mais meios militares terrestres e antiaéreos finalmente nas mãos, disponibilizados pelo imenso pacote aprovado pelos EUA, Reino Unido e alguns países da UE (16 mil milhões de dólares no total), Kiev reconquistou mais território na região de Kharkiv em 48 horas do que a Rússia nos últimos quatro meses. O moral da cadeia de comando ucraniana, envolto numa missão existencial que mobilizou o país, contrasta com uma disfuncional cadeia de operações militares russa, fraqueza na recolha de informações, desvalorização do adversário e na recusa de Putin numa mobilização geral, talvez com receio das dissidências que esta provocaria na sociedade russa. É por isso que o aparelho de comunicação do Kremlin continua a utilizar um ridículo léxico paralelo para ilustrar tanto falhanço em tão pouco tempo, como *reagrupar* em vez de *retirar*, a clássica *operação especial* em vez de *invasão* ou mesmo os célebres *homens verdes* em vez de *tropas russas*, estacionadas no Donbass desde 2014. Acontece que a realidade é normalmente implacável com a ficção, e é preciso recordar que nestes seis meses a Rússia teve tantos militares mortos e feridos como nos dez anos de guerra que a União Soviética travou no Afeganistão. E todos sabemos como as coisas terminaram para o Kremlin.

Esta quarta fase do conflito não está, porém, destinada a ter um sentido único. A reconquista ambicionada por Zelensky precisa de manter o nível de apoio militar e financeiro euro-americano, logística mais complexa no rigor de inverno, coincidente ainda com as pressões sociais que emergem com a crise inflacionista e com algumas novas vozes dissonantes sobre a continuidade dos apoios e das sanções, como pode ser o caso do novo governo italiano. A resposta russa é também uma incógnita. Até ver, as vozes mais incomodadas com os sucessivos falhanços no terreno vêm de setores hipernacionalistas, que exigem um rolar de cabeças na hierarquia russa e uma resposta maciça. Putin, ao lado destes falcões, parece uma pomba. Estas duas dinâmicas, reconquista e contraofensiva, devem ser avaliadas em todas as capitais da Europa e nos EUA. Haverá quem deseje uma vitória expressiva da Ucrânia e a saída total das tropas russas. Haverá quem prefira uma vitória simples da Ucrânia e uma derrota airosa da Rússia, deixando a Crimeia como está e dando assim a Moscovo condições para salvar a face. E haverá quem hesite com Kiev, temendo a loucura do Kremlin, com armas nucleares, subjugado a uma nova estirpe nacionalista apocalítica, capaz de tudo para salvar a pele.

O próximo par de meses ditará, provavelmente, o curso da guerra e o rumo da paz. Os nossos governos precisam da melhor informação do terreno, militar e política, para tomarem as decisões mais acertadas. Distrairmo-nos com lateralidades mediáticas tem um preço. visao@visao.pt

SERGIO DORANTES/GETTY IMAGES

19 DE SETEMBRO DE 1985

Dia negro na Cidade do México

Às 7h19 da manhã do dia 19 de setembro de 1985, a capital do México foi brutalmente abanada por um terramoto com epicentro no mar de Michoacán, que atingiu a magnitude de 8,1 a 8,3 na escala de Richter. O resultado foi catastrófico. Tratou-se do pior terramoto da História do México e um dos mais devastadores da história contemporânea das Américas: causou entre três e quatro mil milhões de dólares em danos. Ao todo, 412 edifícios ficaram totalmente destruídos e outros 3 124, seriamente danificados. Quanto ao número de mortes, dados oficiais apontam para dez mil vítimas, mas os especialistas concordaram que pode ter chegado aos 40 mil. Não foi, felizmente, o destino destas seis mulheres e dos seus filhos. Perderam tudo, menos a vida. No mesmo dia, mas 32 anos depois, em 2017, a Cidade do México voltou a ser atingida por um violento tremor de terra, com uma magnitude de 7,1 na escala de Richter. Desta vez, porém, as consequências foram menos graves. Ainda assim, 370 pessoas perderam a vida, mais de seis mil ficaram feridas e 40 edifícios foram arrasados.

— POR MANUEL BARROS MOURA

MORTES

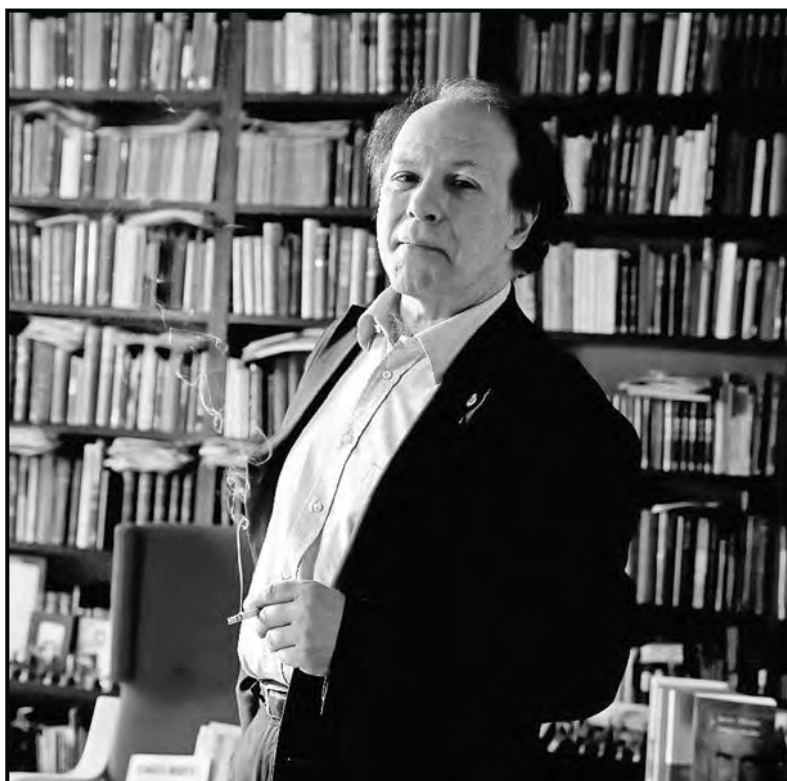
Jean-Luc Godard

O cineasta franco-suíço morreu na terça-feira, 13, com 91 anos. Nasceu em Paris, em 1930, mas cresceu na Suíça. Regressou a França com 19 anos, e começou a frequentar os cineclubes da capital francesa, onde surgiu a Nouvelle Vague, movimento que revolucionou o cinema a partir dos anos 50. Godard tem uma longa carreira premiada, que vai desde o galardão de melhor realizador, em Berlim, com *O Acossado*, até um Oscar honorário, entregue em 2010, numa cerimónia a que não compareceu. Autor de obras influentes, como *O Desprezo* (1963), com Brigitte Bardot, *Bando à Parte* (1964), *Pedro, o Louco* (1965) ou os mais recentes *Filme Socialismo* (2010) e *Adeus à Linguagem* (2014), Jean-Luc Godard ficou conhecido "pelo seu estilo de filmar iconoclasta, aparentemente improvisado, bem como pelo seu inflexível radicalismo", como recorda o *The Guardian*.

Alain Tanner

O realizador suíço, considerado um pioneiro da Nouvelle Vague no seu país, morreu no domingo, 11, com 92 anos. Entre as suas obras mais conhecidas estão *A Salamandra*, *Os Anos de Luz*, que conquistou o Grande Prémio Especial do Júri no Festival de Cannes de 1981, ou *A Cidade Branca*, de 1983, protagonizado por Bruno Ganz, e no qual Tanner mostra todo o seu fascínio pela luz de Lisboa.

Paulo de Pitta e Cunha

O professor catedrático jubilado da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que foi fundador e presidente do Instituto Europeu, morreu na quinta-feira, 8, com 85 anos.

1951-2022

Javier Marías
Génio que não queria patrões

Costumava explicar que escolheu ser escritor "para não ter patrões e não ter de acordar cedo". Mas era sobretudo de manhã que costumava sentar-se a escrever, algo que fazia porque era "a melhor forma de pensar". E escrevia sempre à máquina, uma Olympia Carrera de Luxe, à qual, segundo conta o *El País*, ligou o seu destino: no dia em que ela avariasse, deixava de escrever. Pelos vistos, a máquina sobreviveu ao autor. No domingo, 11, a poucos dias de completar 71 anos, Javier Marías, fumador compulsivo, morreu em Madrid, com uma pneumonia, machadada final depois dos problemas pulmonares que o mantinham em coma há já cerca de um mês. As reações à sua morte são unânimes: partiu um dos maiores escritores espanhóis dos nossos dias. Há mais de uma década que o seu nome figurava entre os possíveis vencedores do Prémio Nobel da Literatura.

Javier Marías nasceu em Madrid, a 20 de setembro de 1951, filho do filósofo Julián Marías, discípulo de Ortega y Gasset, e de Dolores Franco, professora, escritora e tradutora, que morreu em 1977. Por se opor ao regime franquista, o seu pai viu fecharem-se-lhe as portas das universidades espanholas, sendo obrigado a lecionar nos Estados Unidos da América, onde, por via disso, Javier passou largos períodos da adolescência. Ali viria, mais tarde, a dar aulas, em Boston, depois de se formar em Filosofia e Letras na Universidade Complutense de Madrid. Lecionou ainda em Oxford, Londres e Veneza.

Marías deixa uma extensa obra, constituída por 16 romances, o último dos quais *Tomás Nevinson*, lançado em março de 2021 e que é uma sequela de *Berta Isla*.

A estes somam-se outras grandes obras, como *Os Enamoramentos*, *Coração tão Branco*, *Assim Começa o Mal*, *Amanhã na Batalha Pensa em Mim* e a trilogia *O Teu Rosto Amanhã*, que parte de um acontecimento verdadeiro, envolvendo o seu pai na altura da resistência ao franquismo. Ao todo, entre romances, contos, ensaios e traduções, publicou cerca de 40 livros (editados em 46 línguas em mais de 59 países), a que se juntam as crónicas que escreveu ao longo de "mais de 900 domingos", no *El País*. **— M.B.M.**

Amor de cão
Será que o seu animal gosta mesmo de si? Como saber, segundo a Ciência

— POR LUÍSA OLIVEIRA

Há toda uma questão semântica em cima da mesa da investigação acerca do comportamento canino. Será amor (*love*) aquilo que estes animais de estimação sentem pelos donos ou tratadores?

No seio da comunidade científica, o termo não colhe unanimidade e aparece como sendo desadequado à relação em causa, pelo facto de o seu significado ser muito dúbio, até para poetas. Os cientistas preferem, então, falar em apego (*attachment*). "Esse é um dos aspetos mensuráveis do amor, especialmente pela segurança que um indivíduo ganha com a presença do seu amado", justifica Clive Wynne, autor do estudo *Dog is Love*, que sugere uma semelhança enorme com a relação entre pais e filhos e a de cães com pessoas.

Numa experiência recente, foi oferecido a lobos domesticados e a cães a possibilidade de ter comida ou ter os cuidadores por perto. Os primeiros só se preocuparam com as questões do estômago; já os segundos, apesar de terem ido cheirar os alimentos, chegaram-se aos donos para festas e atenção.

"Tudo indica que os cães olham para os seus humanos de uma forma similar ao amor que une uma criança aos pais", acrescenta o investigador.

Manuel Magalhães Sant'Ana, especialista europeu em bem-estar animal e vice-presidente do conselho profissional e deontológico da Ordem dos Veterinários, não podia estar mais de acordo. "Quando uma pessoa diz que o seu cão é como se fosse um filho, ela não está a falar apenas em sentido figurado; de facto, este preenche uma função afetiva. E isso desperta em nós as mesmas reações químicas do que uma relação filial."

A oxitocina, uma das moléculas associadas aos momentos de prazer nos mamíferos, também se liberta quando os cães se relacionam socialmente com humanos – quando se miram nos olhos, os níveis desta hormona disparam. Num ensaio, bastou meia hora de olhares amorosos entre os tutores e os animais de estimação para os valores duplicarem.

Não é preciso insistir nas lambidelas para perceber se os cães gostam de nós. Não é um gesto natural para os animais e pode ser bastante nocivo

COM A LÍNGUA, NÃO!

Segundo os especialistas nesta matéria, os cães são seres sociais por natureza, ou seja: têm a sociabilidade inscrita no ADN por culpa de dois genes, GTF21 e GTF21RD1, que influenciam o comportamento social dos mamíferos. "A maioria dos cães tem dois, três ou quatro destas mutações, mas isso varia de acordo com as raças, podendo ir até seis", afirma Bridgett vonHoldt, professora de Genética na Universidade de Princeton, nos EUA.

Manuel Magalhães Sant'Ana lembra que os cães são a espécie que nos acompanha há 30 mil anos, porque começaram a ser domesticados nessa altura para nos ajudarem a

Apego Estas duas espécies estão juntas há 30 mil anos; adotaram-se uma à outra e já comunicam bem

caçar. "Somos, por isso, da mesma estrutura familiar, fomos adotados por eles. A fronteira da espécie parece ter sido quebrada por estes animais, que comunicam connosco da mesma forma que o fazem com os pares."

Os cães precisam de estar com pessoas de várias idades para a sua socialização, tal como uma criança para estar confiante. O processo é muito semelhante, defende o especialista.

Para Ilda Rosa, professora de comportamento animal na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, a tal questão semântica pouco importa, já que não tem dúvidas de que as manifestações de contentamento quando o dono chega a casa, por exemplo, são a prova de que eles nos adoram, "gostam de nós".

Alguns desses gestos, como abanar a cauda, saltar para o colo ou cirandar à nossa volta, são transversais; outros dependem das raças e do porte do animal. Por exemplo, aos maiores deve-se ensinar a não saltar, porque podem magoar alguém. "Estes comportamentos repetem-se, já que são recompensados quando os manifestam."

No entanto, a veterinária discorda dos "beijinhos", pois nem se trata de um gesto natural – só os cachorros lambem as mães e depressa são ensinados que esse comportamento não é para ser generalizado. Porém, alguns humanos instigam-no, mesmo quando eles crescem. Ilda Rosa alerta: "A língua do cão está cheia de bactérias patogénicas que podem ser nocivas."

ANIMAIS SÃO ANIMAIS

Não é preciso insistir nas lambidelas para perceber se os cães gostam de nós. "Têm um repertório facial enorme e conseguimos percebê-los facilmente. Os gatos são muito mais difíceis de entender. Há uma subtileza que deixa adivinhar tensão: quando os bigodes ficam mais abertos e as orelhas em radar, mais lateralizadas", revela Manuel Sant'Ana.

"O cão nutre amor pela família em que está inserido e partilha esse amor com muitos. Por outro lado, não se peça a um gato para se aninhar no colo de um desconhecido. Também são capazes de desenvolver relações de afeto, mas nunca da ordem de grandeza dos cães."

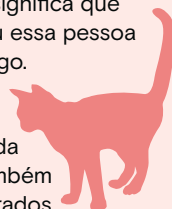
Não digam a ninguém que tenha um gato que eles são desprovidos de sentimentos. Senão, de que se trata quando dão aquele salto para o colo, assim que sentem o tutor a chegar a casa, todos os dias, depois do trabalho? Emily Blackwell, especialista em comportamento animal, oferece toda a espalda científica para desfazer esse mito, sossegando os cuidadores de gatos que, pelo menos de vez em quando, se questionam se o felino gosta mesmo deles *(ver caixa)*.

Amigos, amigos, mas com muito respeito. Ilda Rosa nota que há muita gente a tratar os animais como seres humanos e discorda dessa atitude. "Devem ser respeitados, e o seu comportamento natural também. Não é por isso que vão gostar menos de nós", garante. loliveira@visao.pt

GOSTAR, MAS NÃO TANTO

Os gatos também são capazes de expressar afeto

Os gatos domésticos são mais independentes do que os cães, porque os seus ancestrais selvagens não viviam em grupos. No entanto, no processo de domesticação, eles desenvolveram habilidades que lhes permitem relacionarem-se e muitos conseguem mostrar afeto em relação aos tratadores. Emily Blackwell, especialista em comportamento animal da Universidade de Bristol, em Inglaterra, detetou alguns dos principais gestos felinos que denunciam o seu amor por alguns humanos.

- Quando um gato esfrega a cabeça nas pernas de alguém, isso significa que ele identificou essa pessoa como um amigo.
- Se a cauda estiver esticada para cima, também estão assegurados a amizade, a familiaridade, o afeto e a confiança. Mais ainda se o animal rebolar, expondo a barriga.
- Perante um desconhecido, o gato é capaz de olhá-lo sem pestanejar. Caso contrário, o suave abrir e fechar de olhos corresponde, nos humanos, a um sorriso.
- Sempre que um gato se enrola no colo do dono está a demonstrar a profunda confiança que nele deposita.

World Press Photo
O mundo em exposição

O melhor fotojornalismo do mundo vai estar em exibição no Parque dos Poetas, em Oeiras, de 15 de setembro a 16 de outubro, mais uma vez por iniciativa da VISÃO, em parceria com a Câmara Municipal de Oeiras. As fotografias premiadas na 65.ª edição da World Press Photo estarão expostas, todos os dias com entrada grátis, na Alameda do Parque dos Poetas, junto ao Anfiteatro Almeida Garrett. Aos sábados, em paralelo com a exposição, os visitantes podem assistir a workshops sobre fotografia, com fotógrafos e fotojornalistas de renome: Mário Cruz (premiado anteriormente no WPP), José Carlos Carvalho (fotojornalismo), Patrícia de Melo Moreira (fotojornalismo de agência), Arlindo Camacho (retratos) e Bernardo Conde (viagens).
As fotos premiadas foram escolhidas entre as 64 823 apresentadas a concurso por 4 066 fotógrafos de 130 países.

PAZ NO MEIO DO CAOS
Um menino passa pelo nevoeiro perto da vila de Chenna, 95 quilómetros a nordeste da cidade de Gondar, na Etiópia. Foto premiada com menção honrosa, na região África.

Amanuel Sileshi para a Agência France-Presse

CONEXÃO COM A TERRA
Todos os anos, no dia 31 de dezembro, as comunidades indígenas Na Savi, no México, escalam o Cerro de la Garza para realizar rituais que comemoram o fim e o início de um ciclo. Foto premiada na categoria Projeto de Formato Livre.

Yael Martínez/ Magnum

FOTOGRAFIA DO ANO

Vestidos vermelhos pendurados em cruzes ao longo de uma estrada homenageiam as crianças que morreram no internato Kamloops Indian Residential School, em Kamloops, uma instituição que acolhia crianças indígenas na Colúmbia Britânica, no Canadá, depois da descoberta de mais de 200 sepulturas não identificadas.

Amber Bracken para o The New York Times

REVOLTA BIRMANESA

Manifestantes usando fisgas e outras armas artesanais num confronto com as forças de segurança. No dia 1 de fevereiro de 2021, líderes militares deram um golpe em Myanmar, horas antes de um Parlamento recém-eleito tomar posse.

Anónimo para o The New York Times

DISTOPIA AMAZÓNICA
Membros da comunidade Munduruku fazem fila para embarcar num avião no Aeroporto de Altamira, no Pará, Brasil. Depois de protestarem no local de construção da barragem de Belo Monte no rio Xingu, viajaram para Brasília para apresentar as suas exigências ao governo.

Lalo de Almeida, Brasil, para a Folha de São Paulo/ Panos Pictures

REVOLTA NA UCRÂNIA
Uma estátua decapitada de Lenine, em Kotovsk. Foto premiada na categoria Projetos de Longa Duração. Neste caso, o autor tem documentado a situação na Ucrânia desde 2013.

Guillaume Herbaut para a Agence VU

SINAIS DE RESISTÊNCIA
Crianças palestinianas seguram velas durante uma manifestação no meio das ruínas de casas destruídas por ataques israelitas, em Beit Lahia, no norte da Faixa de Gaza.

Fatima Shbair para a Getty Images

HISTÓRIA DO ANO
Um grupo de mulheres idosas de Nawarddeken caça tartarugas com ferramentas artesanais nas planícies de Gunbalanya, Arnhem Land, Austrália. Em breve a vegetação será queimada para facilitar a caça. Foto inserida na série Salvar Florestas com Fogo.
©Matthew Abbott para a National Geographic/Panos Pictures

WORKSHOPS FOTOGRÁFICOS

Todos os sábados da exposição realizam-se workshops, de duas horas, com fotógrafos credenciados. As inscrições para cada sessão podem ser feitas no Templo da Poesia, no próprio dia do evento, a partir das 10h30. A lotação será limitada à capacidade do auditório.

17 DE SETEMBRO
15h30
Tema: Fotojornalismo, com Mário Cruz, fotógrafo, premiado na World Press Photo em 2016 e em 2019.

24 DE SETEMBRO
15h30
Tema: Fotojornalismo em tempo de pandemia, com José Carlos Carvalho, fotojornalista da VISÃO.

1 DE OUTUBRO
15h30
Tema: Fotojornalismo, com Patrícia Melo Moreira, fotojornalista da Agência France-Presse.

8 DE OUTUBRO
15h30
Tema: Fotografia de retrato, com Arlindo Camacho, fotógrafo, colaborador da VISÃO e da PRIMA.

15 DE OUTUBRO
15h30
Tema: Fotografia de viagem, com Bernardo Conde, fotógrafo de viagem.

O momento que Carlos SEMPRE TEMEU

Monarca de transição ou um rei reformador? Carlos III chega para tentar cumprir o seu destino: manter "unido" um "reino" que tem esse nome e, assim, justificar a continuação da existência da instituição monárquica. Conheça os desafios que se colocam ao Reino Unido e o papel que o rei pode desempenhar neles

— POR FILIPE LUÍS

FOTOS GETTY IMAGES

Rituais Isabel II e o marido, Filipe, em Westminster, após uma abertura de sessão na Câmara dos Lordes. A Monarquia Constitucional tem estado no ADN da democracia britânica

A 19 de agosto de 1941, uma força naval de três contratorpedeiros, dois cruzadores e um navio de passageiros, convertido para fins militares, o *Empress of Canada*, partiram da base da *Royal Navy* (Marinha Real Britânica) de Scapa Flow com destino à pequena ilha norueguesa de Spitsbergen, para cumprir a operação *Gauntlet*: controlar a ilha antes que os alemães o fizessem e tornar mais segura a rota para os portos soviéticos de Murmansk e Arkhangelsk. Esta foi uma das mais ignoradas (e, de facto, pouco importantes) operações da II Guerra Mundial, mas marca a primeira missão das tropas canadianas em cenário de guerra, em muitos anos, depois de três pilotos canadianos terem participado na Batalha da Grã-Bretanha, decorrida um ano antes. E isto no continente europeu, a lutar por Inglaterra.

Hoje, o rei de Inglaterra permanece como chefe de Estado de "apenas" 14 países soberanos, incluindo o Reino Unido, que engloba, além da Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte, entre os 54 que fazem parte de uma assim designada comunidade de nações – Commonwealth de Nações *(ver infografia)*. Essa chefia simbólica de Estados remotos teve expressão concreta nas duas guerras mundiais, com contingentes sul-africanos (na primeira), australianos, neozelandeses e australianos, entre outros. Para estes países, pertencer a uma comunidade anglófila, chefiada por um monarca residente em Londres, tinha consequências diretas no pagamento, em sangue, de muitos filhos de famílias "não inglesas". Se fosse hoje, porém, é muito pouco provável que qualquer deles embarcasse numa guerra na Europa. Durante a invasão do Iraque, em 2003, em que se empenharam forças britânicas de muito relevo, apenas a Austrália disse presente.

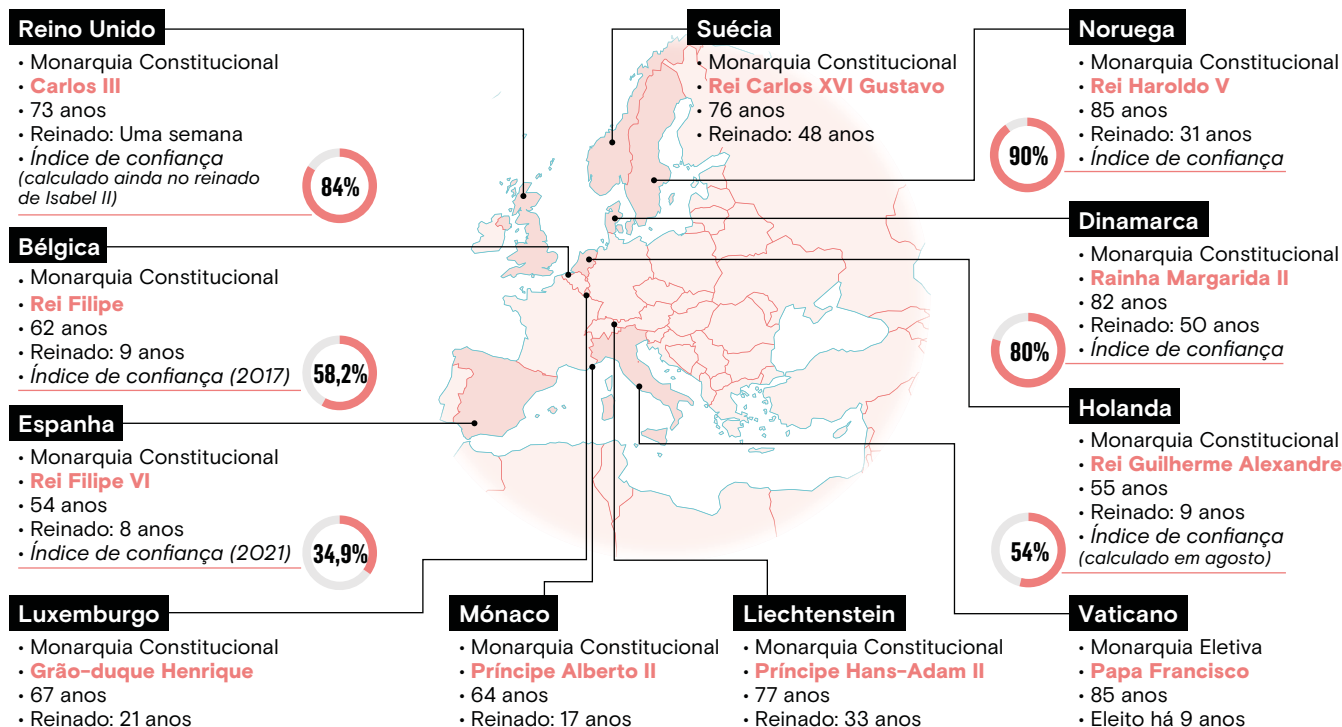
Numa monarquia constitucional, a chefia do Estado pode não implicar funções de soberania: atualmente, o monarca do Reino Unido pode chefiar o Estado do Canadá, mas só os Parlamentos e os governos locais são soberanos para conduzir a política externa e declarar a guerra ou a paz. Cada um deles tem uma Constituição própria, mas o simbolismo é decisivo: a Commonwealth reflete o lustro de um passado imperial que confere vantagens comuns – e muitos países orgulham-se de pertencer a uma comunidade de Estados que, durante muitas décadas, foi vista, de fora, como uma espécie de elite – ou que, pelo menos, exibia a *patine* de uma comunhão identitária associada a poder e a prestígio.

A 6 de fevereiro de 1952, no próprio dia da morte de Jorge VI, pai da rainha Isabel II – e pouco depois da independência da Índia (1947), a joia da coroa do Império Britânico… –, o *Diário de Lisboa* noticiava, numa nota na primeira página: "A Grã-Bretanha fez-se socialista durante o reinado de Jorge VI [alusão ao governo trabalhista de Clement Attlee] e o Império tomou a forma de uma comunidade de nações." Um comentário que, tendo escapado nessa altura à censura de Salazar, dificilmente teria sido publicado dez anos depois, por razões óbvias, quando Portugal já lutava, em Angola, contra os movimentos independentistas…

A GRANDEZA, POR OUTROS MEIOS

O certo é que, durante o reinado de Isabel II, 17 países saíram debaixo das suas saias, mas a rainha foi sempre muito pró-ativa a tentar unir o que se desunia (como na visita de charme à Austrália, em 1963, quando um primei-

As coroas e as caras

Das monarquias cujos níveis de aceitação popular (índice de confiança) se encontram disponíveis, apenas a Noruega bate o Reino Unido. A monarquia espanhola é a mais "impopular"

ro-ministro hostil à Coroa procurava promover a saída e a população, com uma receção entusiástica, fez com que pensasse melhor...) e a tentar parar o vento com as mãos. Peguemos neste exemplo: desde então, os australianos já optaram por manter Isabel II como chefe de Estado, por duas vezes, noutros tantos referendos. Mas continuarão a fazê-lo com Carlos III? A opção foi de cariz identitário ou foi guiada pela emoção, fruto da simpatia pessoal do povo australiano para com a pessoa da rainha? Este lado mais afetivo pode ser o grande *handicap* de Carlos, embora ele tenha começado a trabalhar nisso logo no dia seguinte à morte da mãe, quando regressou a Buckingham e, extraprotocolo, se deteve longo tempo a cumprimentar e a conversar com os súbditos que se aglomeravam junto aos separadores espalhados pelas cercanias do palácio...

A rainha morreu, viva o rei! Mas será mesmo assim? Conseguirá Carlos III, aos 73 anos, ser o homem capaz de reinventar a monarquia britânica? A seu favor, conta com um confortável apoio popular à instituição monárquica. Contra si, um evidente défice de carisma e os anticorpos de intervenções polémicas no passado. A curto prazo, enfrenta os desafios de uma Commonwealth em erosão, a questão irlandesa pós-Brexit e o impulso independentista da Escócia. Sem poder executivo ou competências para uma intervenção política, o rei de Inglaterra serve, fundamentalmente, como elemento de união do reino. Mas se o reino se desunir, que espaço sobra para a monarquia?

O rei enfrenta o deslaçamento da Commonwealth e o problema escocês, e terá de confiar num novo governo sem estado de graça

Para o investigador e analista de Política Internacional Bernardo Pires de Lima, "a Coroa britânica reflete a unidade do Reino, pelo que a respetiva 'desunião', ou desintegração, terá um efeito colateral na monarquia". Segundo este analista, "quer a tensão provocada pela discussão sobre a legalidade do novo referendo escocês quer a predisposição da nova primeira-ministra, Liz Truss, para denunciar o protocolo da Irlanda do Norte [no âmbito do Brexit] são condimentos que, embora não sejam da responsabilidade da Coroa, têm que ver com a unidade nacional". Por outras palavras, se o rei não conseguir manter unido o reino com esse nome, para quê que existe um rei? É que não parece que tenha quaisquer outras funções.

Ou, então, tem. Para o politólogo, investigador e professor universitário António Costa Pinto, a instituição real inglesa não só continua a ser "o garante da unidade nacional" como acaba por representar um "património imaterial de importância decisiva para a afirmação do Reino Unido no mundo". Durante o reinado de Carlos III, a nação inglesa volta a lutar contra a irrelevância insular a que esteve confinada nos primeiros séculos da sua existência. Mas talvez as notícias da sua "morte" sejam, como diria Mark Twain, "manifestamente exageradas". Pode haver uma "nova gran-

Escócia Enquanto, em Londres, Carlos era proclamado rei, em Edimburgo, um manifestante exibia um cartaz com a palavra "República". Foi no sábado, 10, dois dias após a morte da rainha

deza", por outros meios. Para Costa Pinto, a Inglaterra está longe de caminhar para a irrelevância: "Continua a ser uma potência regional económica e militar e tem uma aliança estratégica e estrutural com os EUA." "E depois do Brexit", acrescenta o analista de Política Internacional Filipe Vasconcelos Romão, professor e investigador na Universidade Autónoma, "os britânicos têm as mãos livres para estabelecer importantes acordos de comércio" fora da União Europeia, "sabendo nós que a grandeza da Grã-Bretanha se fez à conta de ser, por excelência, uma nação comercial".

A VISITA ÀS "CAPITAIS DO REINO"

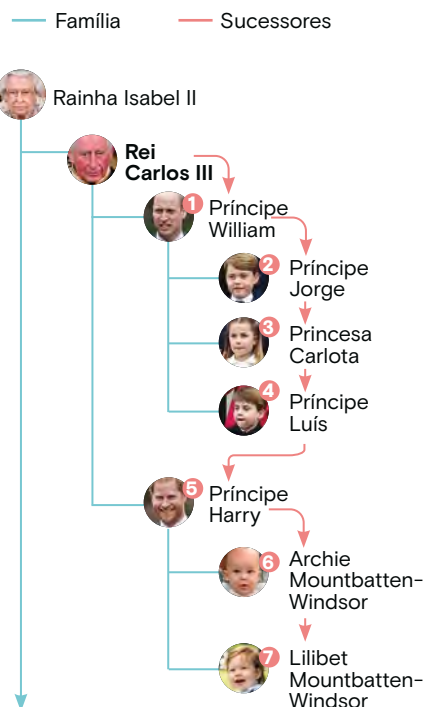
E como se enquadra a nova liderança da Casa Real neste contexto? Para Costa Pinto, a "diplomacia *soft*" exercida pelo rei é a expressão máxima do referido "património imaterial invejável de que o Reino Unido dispõe". De facto, basta ver as receitas do turismo geradas pela existência da Coroa. Vai-se a Roma para ver o Papa, mas ninguém desperdiça, em Londres, uma oportunidade para ver o Palácio de Buckingham e, se possível, avistar algum membro da família real. Por isso é que a pompa e a riqueza material da aristocracia inglesa – e não apenas da realeza – funcionam como uma face da afirmação da Grã-Bretanha no mundo, velando pela sua imagem de país antigo e poderoso. Mas Costa Pinto reconhece que a rainha Isabel II assistiu a uma dupla dinâmica: "O declínio do peso político da família real e a erosão da influência indireta da aristocracia – como o comprovam as sucessivas reformas da Câmara dos Lordes", que, se já foi quase exclusivamente de composição hereditária, "se tornou uma espécie de câmara alta meritocrática e de composição baseada em nomeação política". Como lembra Bernardo Pires de Lima, "cada vez mais setores da sociedade põem em causa a instituição monárquica", embora o índice de confiança ainda se mantenha em níveis elevados *(ver infografia)*.

Talvez para fazer face aos desafios internos – todos os problemas fossem os da erosão da Commonwealth… – tanto Carlos III como Liz Truss estarão a preparar périplos pelas "capitais do reino", Edimburgo (Escócia), Cardiff (Gales) e Belfast (Irlanda do Norte). Esta iniciativa contém duas vertentes, com a curiosidade principal de se saber como vão o rei e a primeira-ministra articular as agendas, os discursos e os calendários: de um lado, a vertente política, protagonizada pela chefe do governo; do outro lado, a vertente institucional e identitária, personificada na pessoa do rei. Não por acaso, as cerimónias fúnebres de Isabel II passaram em força pela Escócia, explorando uma forte componente emocional, com a escala do féretro, em Edimburgo, a mobilizar a multidão. Nas vésperas de um eventual referendo – a decisão do Supremo Tribunal sobre a sua legalidade deverá ser conhecida em outubro –, Isabel II, mesmo depois de morta, pode ter prestado um inestimável serviço à causa da união… do Reino Unido. Ao mesmo tempo, a primeira-ministra da Escócia, Nicola Sturgeon, falou com grande emotividade sobre a morte da rainha. Em todo o caso, é de recordar que o referendo de 2014, em que a Escócia pôs a hipótese da separação, não incluía qualquer automatismo para que a rainha deixasse de ser a chefe de Estado. E há grande expectativa em saber se o próximo referendo, a existir, incluirá, ou não, alguma pergunta sobre o tema…

CARLOS, O MINISTRO-SOMBRA

Terá causado alguma estranheza o facto de Carlos ter decidido conservar o nome de batismo na hora de escolher o nome de função. Muitos admitiam que ele optasse por Jorge

Família real

Linha de sucessão ao trono

(o nome do avô), tornando-se Jorge VII. Como refere Filipe Vasconcelos Romão, o pai de Isabel II, pelo papel exercido durante a II Guerra Mundial – a família real recusou abandonar Londres, durante os bombardeamentos da Luftwage, e a princesa herdeira do trono participou no esforço de guerra, como mecânica de aviões... –, pode ter assegurado, por muitas décadas, o prestígio da Coroa que, na atualidade, ainda estaria a viver desses tempos heroicos de empatia com o povo. Retomar um nome tão querido seria o primeiro sinal de agregação junto da causa monárquica, mas Carlos optou pelo mesmo nome de dois monarcas muito polémicos. Carlos I, absolutista, de simpatias católicas, foi executado em 1649, depois da revolução que conduziu à República de Cromwell – ele próprio um primeiro-ministro majestático que se comportaria de modo mais absolutista do que muitos monarcas do *Ancien Régime*... E o filho exilado do monarca morto, Carlos II, restabeleceu, pelas armas, a monarquia, com as mesmas ideias absolutistas e católicas do pai – viria a casar-se, aliás, em 1662, com uma princesa católica, a nossa D. Catarina de Bragança, filha de João IV. Porém, por essa altura, e muito à custa da aliança com Portugal, iniciava a Inglaterra o período de expansão colonial que viria a dar origem ao império: do dote de D. Catarina, além de Tânger (abandonada, pouco depois, pelos pragmáticos ingleses, visto que a cidade marroquina só dava prejuízo) fazia parte a muito mais lucrativa praça de Bombaim, o que abriu as portas da Índia ao futuro império britânico.

Carlos foi ridicularizado pela sua "ecologia de jardim" e por admitir conversar com as plantas. Mas o ambiente é uma causa política

Até 1707, à semelhança do que tinha sucedido na Península Ibérica, com Filipe II de Espanha e I de Portugal, o rei de Inglaterra detinha duas coroas e governava dois reinos distintos: a Inglaterra e a Escócia (a que, no caso inglês, se juntavam os territórios de Gales e da Irlanda). Com o encerramento, nesse ano, do Parlamento escocês, o reino passava a estar unido sob uma só coroa – a do Reino Unido. Ora, em 1999, com a reabertura do Parlamento escocês (após a reforma promovida pelo governo de Tony Blair), Isabel II esteve em Edimburgo, colocando a coroa escocesa ao seu lado, um ato simbólico de grande significado. Ainda assim, o Parlamento da Escócia não é uma assembleia soberana (a Escócia não tem política externa nem o seu governo superintende na administração da Justiça) mas autonómica, a exemplo do que acontece nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

Ao assumir-se como "Carlos", rei do Reino Unido, o novo monarca não desconhece as vicissitudes por que passaram os antecessores com o mesmo nome. De uma certa forma, talvez, nalguns aspetos, eles o possam inspirar: de perfil mais interventivo, Carlos III revelou-se, mais do que a discrição cultivada por Buckingham aconselharia, um homem de causas. Visto com condescendência por causa da sua "ecologia de jardim" (a sensibilidade pelas causas ambientais adviria do cultivo das roseiras...) e ridicularizado por se gabar, em público, de conversar com as plantas, o ex-príncipe de Gales notabilizou-se por se situar à frente

^ **Homenagem** Imagem de Isabel II entre as flores de um memorial improvisado nas imediações do Palácio de Buckingham. Desapareceu um ícone

do seu tempo no que diz respeito à defesa do ambiente. A importância das suas declarações na última Cimeira do Clima, em Edimburgo, não decorre apenas da função mas também da autoridade que se lhe reconhece nestas matérias. Proferiu, então, junto dos representantes dos países participantes: "Sei que todos vós carregais um peso nos ombros e que não precisais de mim para vos dizer que os olhos – e as esperanças – do mundo estão sobre vós, para que ajam de forma rápida e decisiva, porque o tempo já se esgotou."

É verdade que as causas de Carlos III, enquanto príncipe, seriam sempre de qualquer natureza considerada nobre, como é da praxe entre os membros das casas reais: da simples assistência aos necessitados à defesa dos animais. Diana Spencer, "a princesa do povo", na imortal definição de Tony Blair, destacou-se nas campanhas de desminagem em cenários de conflito. Mas a causa ambiental tornou-se uma matéria explosiva da agenda político-partidária, e a incursão de Carlos por esse terreno não deixará de ser escrutinada, no futuro. Não faltará quem, ao primeiro sinal interventivo, o acuse de tiques "absolutistas". Afinal, a principal virtude do monarca britânico é saber estar calado.

É verdade que Jorge VI, durante a guerra, também falou de política – mas no contexto de denúncia do inimigo externo e de ordem para unir os ingleses. Como analisa Filipe Vasconcelos Romão, quando Boris Johnson fechou o Parlamento e se bradava aos céus que se tratava de uma medida inconstitucional – como o tribunal, na desautorização posterior, veio a confirmar –, muitos pediam que Isabel II não assinasse o decreto. Mas a antiga "aluna dileta" do "percetor político" Winston Churchill (seu primeiro-ministro no debute, como monarca, aos 26 anos) sabia que não compete à rainha interpretar a Constituição...

Carlos não se limita a "mandar umas bocas" sobre a necessidade da ação climática. Procura dar o exemplo, embora sem prescindir do seu Aston Martin DB6, que trabalha a biocom-

As monarquias nórdicas são as mais populares. A "nordificação" da Casa Real inglesa faria de Carlos III um rei reformista...

Império em risco

Além de monarca do Reino Unido, Carlos III é chefe de Estado em mais outros 14 países. Mas esse número pode reduzir-se nos próximos tempos, tendo em conta as pulsões republicanas em muitos deles

MAPA

Os reinos da Commonwealth são diferentes da Commonwealth das Nações, um agrupamento de 54 países que já fizeram parte do império britânico, mas a maioria dos quais já não é súbdito da monarquia.

CANADÁ
Uma sondagem revelou, em fevereiro, que 45% da população preferia um chefe de Estado eleito – um aumento de 13 pontos em apenas dois anos – enquanto somente 24% dos canadianos continuavam a preferir a monarquia. Mesmo assim, só 22% desejavam que Carlos sucedesse a Isabel II.

AUSTRÁLIA – O atual primeiro-ministro trabalhista, republicano convicto, prometeu realizar um novo referendo sobre a abolição da monarquia, caso seja eleito para um segundo mandato. Após ter chegado ao poder, em junho, avançou com a nomeação de um ministro-adjunto para a República, como forma de lançar a discussão pública.

BELIZE
Uma comissão constitucional foi criada, este ano, para estudar a forma de transformar o país numa república.

JAMAICA
O primeiro-ministro Andrew Holness comunicou que o país pretende cortar as ligações com a Commonwealth britânica. O anúncio foi feito em março, durante a visita dos príncipes Harry e Kate ao país que se tornou independente em 1962, após três séculos de colonização britânica.

ANTÍGUA E BARBUDA – Um referendo para decidir entre a continuação da monarquia e a instauração da república deverá ser realizado dentro de três anos, segundo anunciou há dias o chefe de governo, Gaston Browne.

bustível feito com o excedente da produção de "vinho branco e soro de queijo". Ora, na tempestade perfeita que enfrenta – o problema irlandês e escocês, uma primeira-ministra sem estado de graça, o deslaçamento da Commonwealth –, Carlos III pode tentar dar a volta por cima, executando políticas reformistas que contenham a ostentação da Coroa. Na crise de 1992-1993, com os ingleses a passar mal, os gastos e a ostentação de uma Casa Real que não pagava impostos veio dar azo a um mal-estar popular que se refletiu na imagem da própria Isabel II. Por essas e por outras é que, em Espanha, o estatuto de "família real" já se reduziu aos familiares mais próximos do rei, pais e descendentes diretos ou herdeiros. As monarquias nórdicas, conhecidas pela simplicidade, são as mais populares do mundo, e a "nordificação" da Coroa britânica poderia ser um processo que lançaria Carlos III como um rei reformista.

VELHOS SÃO OS TRAPOS?

Por outro lado, quem disse que os ingleses querem ver a Coroa reformada? Durante muito tempo especulou-se que Carlos poderia abdicar a favor do filho mais velho. A suposta pujança e o sangue novo que se espera do príncipe William fariam dele o perfil ideal para "arejar a casa".

No entanto, persiste o trauma da abdicação de Eduardo VIII, visto, ainda por cima, como um aristocrata com simpatias nazis. O episódio da sua abdicação, mesmo que o sucessor se tenha saído bem, provocou uma forte comoção no país: basta dizer que Churchill, cedendo ao seu lado institucionalista, tomou, durante demasiado tempo, o partido do rei "demissionário", o que lhe valeu, veja-se bem, o momento em que mais perto esteve de destruir a sua carreira política! Carlos é o monarca inglês mais velho de sempre a iniciar um reinado, depois de o bisavô, Eduardo VII, ter pegado no cetro aos 57 anos. Mas isso não quer dizer que seja um mero rei de transição. Se quisermos procurar uma instituição ainda mais vetusta do que a monarquia inglesa, basta dizer que João XXIII assumiu o papado com 77 anos – e "só" promoveu o Concílio Vaticano II – e que o Papa Francisco foi entronizado com 76 primaveras, revelando-se o pontífice mais inovador dos últimos 60 anos.

Com pilotos canadianos ou sem eles, esta é, para Carlos III, a nova "Batalha da Grã-Bretanha". E, num dos episódios de uma próxima temporada da série *The Crown*, é bem provável que se ouçam as palavras textuais do rei, proferidas no primeiro encontro com a primeira-ministra Liz Truss: "Chegou o momento que sempre temi." fluis@visao.pt

ISABEL II *Rainha para sempre*

Aqui se conta a vida de Isabel II, de princesa a ícone global. E arrisca-se uma aposta: o legado de 70 anos de trono da monarca, que morreu aos 96 anos com altas taxas de popularidade, há de ser, a partir de agora, muitas vezes evocado

— POR J. PLÁCIDO JÚNIOR

Quando nasceu, na madrugada de 21 de abril de 1926, de cesariana, na residência dos avós maternos, em Mayfair (Londres), Isabel Alexandra Maria Windsor parecia destinada a uma vida recatada e tranquila, num segundo plano da realeza britânica. Reinava, então, o seu avô paterno, Jorge V, e Lilibeth, como era tratada na intimidade familiar, ocupava, desde o berço, um longínquo terceiro lugar na linha de sucessão ao trono. Antes estavam o seu tio Eduardo, príncipe de Gales, e, depois, o seu pai, Alberto, duque de York.

Com o trono aparentemente tão longe, os duques de York, Bertie (como era tratado em família) e Isabel Bowes-Lyon, aristocrata escocesa, que se tinham casado em abril de 1923, conseguiam preservar alguma privacidade, vivendo no elegante bairro londrino de Piccadilly, numa casa grande e confortável, mas que em nada se assemelhava a um palácio real. Depois, a duquesa de York considerava que as filhas Isabel e Margarida (nascida em agosto de 1930) não precisavam de ter uma educação escolar formal – bastava-lhes aprender noções básicas de cultural geral e as regras de etiqueta necessárias para se comportarem sem falhas

em sociedade. As princesas tiveram, assim, uma educação académica pouco exigente, ministrada em casa por preceptores particulares. Quanto à disciplina, ficou a cargo da rigorosa Clara Knight, uma nanny à moda antiga e avessa a crianças mimadas, que, por exemplo, não deixava Isabel e Margarida divertirem-se com mais de um brinquedo de cada vez, para lhes estimular a capacidade de concentração, como argumentava. Em simultâneo, como todas as crianças de classe alta inglesas, foram incentivadas a praticar atividades ao ar livre, como o hipismo (uma das paixões que Isabel manteria ao longo da vida), a jardinagem, a pesca, a caça ou caminhadas pelo campo.

Embora o estatuto dos duques de York os obrigasse a passar longas temporadas longe das filhas, em viagens oficiais ao estrangeiro, os biógrafos da família são unânimes em considerar que, até esta altura, as duas princesas tiveram uma infância descontraída e feliz, com uma mãe enérgica, brincalhona e divertida, e um pai muito carinhoso. Quando o rei Jorge V morreu, em janeiro de 1936, aos 70 anos, a tranquilidade familiar dos duques de York e das filhas, sobretudo Isabel, parecia ir continuar: subiu ao trono o herdeiro, como Eduardo VIII, que ainda era solteiro, e dele se esperava que fizesse um casamento à sua altura e tivesse filhos.

EM MENOS DE SETE MINUTOS...

Mas o destino do duque de York e da princesa Isabel deu uma reviravolta radical, sem retorno, às 22h01 de 11 de dezembro de 1936, quando Eduardo VIII iniciou a leitura de um discurso de menos de sete minutos, transmitido em direto pela rádio BBC, no qual anunciava a abdicação ao trono. Foram palavras que puseram fim a um dos reinados mais curtos da História de Inglaterra: 326 dias. Eduardo escolheu viver a paixão que o prendia a uma socialite americana oito anos mais velha, que ainda não estava divorciada do seu segundo marido, Wallis Simpson, com a qual pretendia casar-se – desejo inaceitável para as instituições políticas e religiosas da época.

Tímido e gago, o pai de Isabel teve então de avançar para o que nunca quis: assumir o trono, sendo coroado, em 1937, como Jorge VI. A vida da família transformou-se por completo. Enquanto reis, os pais passaram a ter muito menos disponibilidade para as filhas. Em paralelo, como herdeira do trono, e dada a educação académica deficitária que trazia, Isabel, a partir dos 10 anos, seria submetida a uma aprendizagem intensa de Geografia, História Universal, Estratégia Militar, Relações Internacionais, Ciências Políticas e Religião (uma vez que, como rainha, se tornaria a chefe da Igreja Anglicana).

A instrução para o seu exigente futuro também implicava preparar-se para os intrincados cerimoniais de que a monarquia britânica é feita, conhecer a realidade do seu país e aprender a lidar empaticamente com os seus súbditos. Por isso, passou a acompanhar com regularidade os pais a diversos eventos, sobretudo de cariz solidário.

Nada atreita a queixas (muito pelo contrário), a princesa ainda arranjou espírito para descobrir o amor. Foi em 1939, quando visitou, com os pais e a irmã, a Real Escola Naval, onde era cadete o seu bem-parecido primo Filipe. Já se tinham encontrado em ocasiões familiares e solenes, mas seria ali, naquele dia, que Isabel se apaixonaria, em definitivo, por Filipe. Então com apenas 13 anos, a princesa herdeira disputou uma partida de ténis com o primo, cinco anos mais velho. Confidenciaria Marion Crawford, ama de Isabel: "Ela não conseguiu tirar os olhos dele durante o jogo todo." A partir daí começaram a corresponder-se.

Poses A ainda jovem rainha numa das inúmeras fotografias que tirou, e a praticar hipismo, uma das suas grandes paixões

MECÂNICA NO EXÉRCITO

Depois, em setembro daquele ano, a Alemanha de Hitler desencadeou a II Guerra Mundial. Jorge VI e a rainha Isabel, com as filhas Isabel Alexandra e Margarida, decidiram manter-se no país, a sofrer ao lado dos súbditos as agruras dos bombardeamentos da Luftwaffe nazi. Tornaram-se, assim, uma família real amada pelo povo. Os monarcas e as duas filhas desdobraram-se em iniciativas de incentivo aos soldados, de conforto aos feridos de guerra, de consolo às famílias enlutadas e empenharam-se em esforços concretos de auxílio aos mais atingidos, recolhendo alimentos e vestuário e promovendo a reconstrução das casas destruídas pelos bombardeamentos. Isabel alistou-se mesmo no Auxiliary Territorial Service (ramo feminino do exército), onde recebeu treino como mecânica. Até que a 8 de maio de 1945, data da capitulação da Alemanha nazi, Isabel e Margarida não resistiram a misturar-se, incógnitas, com a multidão que nas ruas de Londres celebrava a vitória na guerra.

O casamento de Isabel com Filipe (feito duque de Edimburgo), a 20 de novembro de 1947, foi uma lufada de ar fresco para os britânicos, quando as recordações cruéis do longo conflito ainda estavam na mente de todos. Por vontade da noiva, com apenas 21 anos, tal lufada estendeu-se ao globo: a celebração foi transmitida pela rádio BBC, numa emissão ouvida por cerca de 200 milhões de pessoas em todo o mundo. Em lugar de batalhas, mortos e feridos, leram-se notícias, por exemplo, sobre o facto de a princesa ter tido de reunir cupões de racionamento para poder comprar o cetim de seda natural em tom marfim com que Norman

o orgulho ferido e comentou: "Sou o único homem no país que não pode dar o seu nome aos próprios filhos."

Quando foi coroada, a 2 de junho de 1953, numa cerimónia transmitida pela televisão para uma audiência calculada em 277 milhões de espectadores em todo o mundo, Isabel II herdou o império colonial mais vasto do planeta. Agora, era soberana de apenas 14 países (além do Reino Unido), no conjunto das 54 nações que constituem a Commonwealth. Ainda assim, era rainha de cerca de 150 milhões de súbditos nos seus domínios, os mais populosos dos quais são, para lá do Reino Unido, o Canadá, a Austrália, a Papua Nova Guiné e a Nova Zelândia. Mas, em novembro de 2021, perdeu o 15.º reino: a ilha caribenha de Barbados, com 237 mil habitantes, tornou-se então a mais jovem república do globo, deixando de reconhecer Isabel II como chefe de Estado, embora permaneça na Commonwealth – instituição que a monarca muito acarinhou.

"O mundo e o Reino Unido mudaram muito desde 1952 – o que nos dá bem a medida da longevidade do reinado de Isabel II, e da extraordinária capacidade de adaptação que teve de revelar para ir navegando em toda a evolução e turbulência históricas associadas a 70 décadas de trono", diz o investigador Pedro Aires Oliveira, do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. E, no entanto, Isabel II, logo no princípio do seu reinado, pediu ao seu secretário pessoal, Alan Lascelles, que lhe contratasse um tutor. "Como não teve uma educação académica formal, a dada altura apercebeu-se das suas enormes lacunas de conhecimento, e de como isso a colocava numa posição diminuída nos diálogos semanais com o primeiro-ministro", nota o historiador. "Reconhecia que muitas vezes se sentia perdida nos assuntos que tinha para despacho." O tal tutor deu à monarca as noções de política nacional e internacional de que precisava, o que em nada diminui Isabel II – que bateu o recorde dos 63 anos de trono da rainha Vitória. "Vários estudiosos e biógrafos dela reconhecem que, além de inteligente, a rainha tinha capacidade de aprender", acrescenta.

Hartnell confecionou o seu vestido de noiva, o qual ocupou 350 mulheres durante sete semanas. Ou sobre os cerca de 2 500 presentes que os noivos receberam de todo o mundo, entre eles um cesto de piquenique, uma máquina de costura Singer, uma frigideira e, sobretudo para a princesa, largas centenas de pares de meias de nylon, um bem precioso no pós-guerra.

Isabel encontrava-se no Quénia com o marido, etapa inicial de uma viagem que os levaria à Austrália e à Nova Zelândia, quando soube da morte do pai, vítima de cancro no pulmão, aos 56 anos. Foi a 6 de fevereiro de 1952 e, aos 25 anos, tornara-se rainha. Regressou de imediato ao país, saindo do avião, em Londres, vestida de luto profundo. Winston Churchill, que estava no seu segundo mandato como primeiro-ministro (depois de ter sido o chefe do governo e braço-direito de Jorge VI durante a guerra), deu-lhe os pêsames mal acabou de descer as escadas da aeronave.

A duquesa de York considerava que às filhas lhes bastava aprender as regras de etiqueta para se comportarem sem falhas em sociedade

CRISE NO CASAMENTO

Sem dúvida o seu primeiro-ministro preferido, dos 15 com que trabalhou até morrer, Churchill também foi o responsável por uma das maiores crises no casamento de Isabel II. Churchill opôs-se firmemente a que acedesse à vontade do marido para que, após a subida ao trono, tanto ela como os filhos adotassem o seu apelido, Mountbatten. Isso significaria o fim da dinastia Windsor, argumentava o velho político. Embora habituado a viver à sombra da mulher, Filipe não escondeu

RASPANETE A CHURCHILL

O primeiro grande momento de afirmação da monarca, enquanto conhecedora do seu papel na arquitetura política britânica, aconteceu em 1955, com um raspanete a… Churchill. O primeiro-ministro tinha estado gravemente doente, e o seu n.º 2, Anthony Eden, viajara, na mesma altura, para os EUA, para tratamentos. E tal situação tinha sido ocultada à rainha. Ao que referem estudiosos e biógrafos de Isabel II, a monarca, numa audiência, deu uma reprimenda muito forte a Churchill, dizendo: "Vocês faltaram aos vossos deveres constitucionais. Tenho o direito de ser informada sobre o bom funcionamento das instituições e do governo." Churchill ter-lhe-á respondido: "Sinto-me capaz de ceder o meu lugar ao n.º 2 do governo, porque vejo que Sua Majestade reúne já todas as condições para dirigir o reino." Ou seja, de assumir o seu papel e com a maturidade suficiente.

É claro que Isabel II também falhou, dando até pasto aos insaciáveis tabloides britânicos: quando, na educação do primogénito, enviou Carlos, ainda muito pequeno, para vários colégios longe de casa, onde a disciplina era austera e

Gargalhada Mesmo com o subtil humor britânico, Isabel II conseguiu pôr o então Presidente dos EUA, Ronald Reagan, a rir-se a bandeiras despregadas. Ao lado, a monarca com Carlos e André, nos Jogos Olímpicos de Montréal, em 1976, onde assistiram à participação da princesa Ana numa prova de hipismo

onde, pelo facto de ser algo obeso, ter orelhas grandes, não ter jeito para o desporto e ser filho de quem era, foi vítima de bullying por vários colegas; quando se opôs ao desejo da irmã de se casar com um divorciado, Peter Townsend, capitão da Força Aérea e herói da Batalha de Inglaterra, o que teve consequências devastadoras na vida de Margarida; quando, em outubro de 1966, e só depois de muito instada a fazê-lo pelo primeiro-ministro trabalhista Harold Wilson, demorou oito dias até visitar a vila de Aberfan, no País de Gales, onde o colapso de uma mina de carvão soterrou a escola e parte da localidade, provocando a morte de 116 crianças e de 28 adultos; quando forçou Carlos a casar-se com Diana Spencer, sabendo há muito que o príncipe de Gales mantinha uma relação duradoura com Camilla Parker Bowles; e quando, após a morte de Diana num brutal acidente de automóvel, em Paris, em agosto de 1997, voltou a demorar demasiado tempo a prestar a sua homenagem à "Princesa do Povo", como lhe chamou o então primeiro-ministro, Tony Blair, não colocando sequer a bandeira a meia haste no Palácio de Buckingham.

"RAINHA UNGIDA"

Mas a monarca também acertou – e muito. Recentemente, por exemplo, quando se demarcou de André, tido como o seu filho predileto, após o príncipe ser pronunciado para julgamento sob a acusação de abusos sexuais de uma menor de 17 anos, em 2001, Virginia Giuffre, traficada pela rede de Jeffrey Epstein e de Ghislaine Maxwell, caso resolvido com um acordo extrajudicial. Afastou-o dos deveres reais e retirou-lhe todos os títulos. Ou quando, numa bem-sucedida visita à Irlanda, em 2011, revelou sensibilidade na escolha de "lugares de memória" do seu itinerário, incluindo locais que evocavam episódios violentos do domínio britânico na ilha. Até teve a coragem de se encontrar e de cumprimentar ex-membros do IRA, a organização terrorista e independentista da Irlanda do Norte que, em 1979, assassinou lord Mountbatten, tio do príncipe Filipe e primo da rainha. Isabel II, ela própria, foi alvo de dois atentados, um dos quais atribuído ao IRA, e de uma invasão do seu quarto por um indivíduo perturbado.

Como chefe da Igreja Anglicana, a monarca colocava-se num plano transcendental, em que assumia a missão de carregar a coroa enquanto dádiva divina e inviolável. Isabel II considerava-se uma "rainha ungida", dizem os seus biógrafos, pelo que "nunca abdicaria da responsabilidade vitalícia que Deus lhe confiou". Para o historiador Pedro Aires Oliveira, essa convicção inabalável da rainha acabou por ser uma mais-valia para a monarquia britânica, perante a contínua erosão da atitude de deferência em relação à coroa e à família real. "É notável que os índices de popularidade de Isabel II se tenham mantido muito altos", diz. "Ela conseguiu escapar a essa erosão pela sua conduta muito responsável, assente em qualidades de inteligência e de bom senso, que toda a gente lhe reconhece", nota.

> *O primeiro-ministro, Churchill, ocultou uma doença grave a Isabel II e sofreu uma forte reprimenda da jovem rainha*

INTEIRA E FELIZ

Isabel II condecorou músicos como os quatro Beatles, Elton John, Mick Jagger, Bono ou Sting. Mas a verdadeira rainha pop era ela mesma. Foi a mais viajada de todos os chefes de Estado, conhecendo 120 países e fazendo o equivalente a 42 voltas ao mundo. Esta acumuladora de milhas (percorreu mais de um milhão), sempre sorridente e afável para quem a recebia e para as multidões que a saudavam, visitou mesquitas descalça e de véu na cabeça, andou de elefante na Índia, dormiu numa casa numa árvore no Quénia, usou coloridos colares de flores na Polinésia, comeu sentada no chão em tendas beduínas, cobriu-se com mantos de peles maori na Nova Zelândia, viu Pelé jogar no Maracanã, passeou de canoa em Tuvalu e experimentou iguarias das mais exóticas gastronomias. Tudo isto para lá de se ter reunido

“Isabel II foi muito afetiva”

O testemunho da ex-primeira-dama Manuela Eanes

“O meu marido era um Presidente da República com apenas 41 anos, vinha do País que era o mais antigo aliado e que tinha acabado de sair de uma Revolução. Julgo que a nossa juventude terá cativado a rainha, que nos cobriu de simpatia e de... afetividade. Sim, a palavra certa é ‘afetividade’.” Este é o mais forte registo que Manuela Eanes grava da visita presidencial de Ramalho Eanes ao Reino Unido, em 1977, apenas um ano decorrido após a sua primeira eleição presidencial. No testemunho que prestou à VISÃO, Manuela Eanes diz conservar da rainha a memória de uma mulher de “inteligência viva, simples no trato” e que, “como é sabido, manteve sempre uma grande dignidade e um sentido de Estado a toda a prova”. E Manuela Eanes reforça: “Mesmo quando confrontada com os problemas familiares, soube sempre estar à altura dos acontecimentos.” Da visita a Londres, recorda o momento em que a princesa Ana bateu à porta do quarto presidencial para apresentar o filho, da idade do pequeno Miguel Eanes, nascido pouco depois de os pais terem passado a residir no Palácio de Belém: “A princesa Ana sabia disso e fez questão de nos mostrar a criança, daquela maneira pessoal e informal...”
Os Eanes haviam de regressar a Londres, em 1981, por ocasião do casamento de Carlos e Diana, tendo ficado, durante a cerimónia, ao lado do casal Mitterrand – François Mitterrand era na altura o Presidente da República Francesa. Já no jantar de despedida, ficaram na mesa do então presidente da Comissão Europeia, o histórico Jacques Delors. Em 1985, Isabel II fez a sua segunda visita oficial a Portugal (a primeira tinha sido em 1957). Manuela Eanes recorda-se de que a monarca ficou impressionada com a exibição de *dressage* dos cavalos lusitanos, em sua honra, e de que, no Porto, o protocolo seria quebrado, por iniciativa de Eanes e devido às manifestações calorosas da população: “A viatura com os chefes de Estado segue sempre à frente e um segundo carro transporta os respetivos cônjuges. Mas, dessa vez, face à afluência do povo do Porto, que queria contactar de perto com os monarcas, o meu marido propôs uma troca ao duque de Edimburgo, que seguia no segundo carro, ao meu lado. O duque passou para a viatura dos chefes de Estado, ao lado da mulher, Isabel II, e o meu marido veio sentar-se ao meu lado. Foi um gesto muito apreciado pelos monarcas!”
Manuela Eanes revela que muito antes da longa-metragem de Tom Hooper *O Discurso do Rei*, vencedor, em 2011, de quatro Oscares, incluindo o de melhor filme, já Isabel II lhe tinha confidenciado a história, numa das visitas oficiais: “Disse-me que todas as famílias têm os seus problemas e que o pai dela tinha precisado dos serviços de um terapeuta da fala, para conseguir controlar a sua gaguez em público.” E a história da amizade de Jorge VI com o terapeuta Lionel Logue, que o filme reconstitui, já era, assim, familiar ao casal Eanes, por ter sido contada, de viva voz, pela própria Isabel II... **F. L.**

Proximidade Instantâneo da visita de Isabel II a Portugal, em 1985

com cinco Papas (Pio XII, João XXIII, João Paulo II, Bento XVI e Francisco) e com uma mão-cheia de presidentes dos EUA (da lista constam Eisenhower, Nixon, Ford, Reagan, Bush, o filho deste, George W. Bush, Obama e Trump). Em todas estas ocasiões, era raríssimo que não estivesse acompanhada do homem com quem foi casada durante 73 anos (outro recorde na monarquia britânica), o príncipe Filipe de Edimburgo, com quem teve quatro filhos e que morreu a 9 de abril de 2021, a dois meses de se tornar centenário.

Era em refúgios como o Castelo de Balmoral, na Escócia (onde Isabel II morreu no passado dia 8, aos 96 anos, 48 horas depois de ali dar posse à nova primeira-ministra britânica, Liz Truss), que a monarca se revelava inteira e feliz. Deixava cair a máscara profissional dos intermináveis compromissos oficiais e era apenas a mulher que preferia o contacto com a Natureza ao brilho das joias, ao espartilho dos vestidos chiques, aos sapatos de salto, à maquilhagem, aos penteados impecáveis e aos exóticos chapéus. Vestia calças ou saias de fazenda, e blusões aconchegantes, calçava sapatos rasos abotinados (ou botas de montar ou de borracha) e usava lenços simples na cabeça.

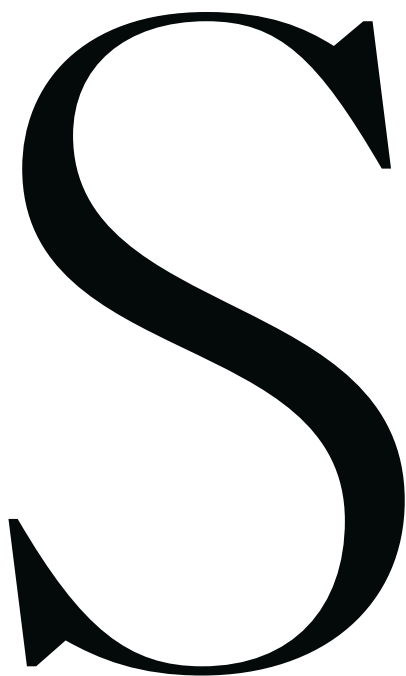
Descontraída, a monarca podia então dar-se ao maior dos luxos: esquecer por uns tempos que era rainha, e caminhar com os seus cães sobre a terra molhada, montar a cavalo, pescar, fotografar uma paisagem que lhe chamasse a atenção, guiar os seus jipes e, até, ir às compras sozinha. Afinal, tinha apenas 12 anos quando confidenciou ao seu instrutor de equitação: “Se não tivesse de ser rainha, gostaria de viver no campo e ter muitos cavalos e cães.”

jjunior@visao.pt

JOSÉ DE BOUZA SERRANO

Ex-chefe do Protocolo de Estado, fez carreira diplomática em monarquias constitucionais. Dedica o mais recente livro ao reinado de Isabel II. Uma conversa com um monárquico irredutível sobre o Reino Unido e o regime em que vivemos: "A monarquia é uma reserva da república"

Enquanto os políticos entram e saem, prometem, faltam e desaparecem, a rainha foi uma sólida rocha

— POR MIGUEL CARVALHO

Seja a falar de Carlos III ou a contar a *petite histoire*, nunca perde o sentido de humor. Há algumas – "escabrosas", assume – na última obra, *A Viúva de Windsor* (Oficina do Livro), sobre o reinado de Isabel II. José de Bouza Serrano (Lisboa, 1950) é um monárquico que teve na diplomacia uma segunda pele. Esteve colocado nas embaixadas de Madrid, Bruxelas, Santa Sé, Ordem Soberana e Militar de Malta, Copenhaga e Haia, nas duas últimas como embaixador. Entre outros cargos, foi chefe do Protocolo do Estado e da Inspeção-geral Diplomática e Consular do Ministério dos Negócios Estrangeiros, funções nas quais se reformou. Tinha 6 anos quando viu Isabel II no Rossio, e a sua devoção monárquica começou ali. Bouza Serrano mantém-se, pois, fiel ao regime que considera "uma reserva da República". E explica porquê.

Quais foram as luzes e sombras do longo reinado de Isabel II?

Ficam mais luzes do que sombras. Ela valorizou a instituição e, ao contrário de Eduardo VII, a quem a rainha Vitória não deixava ler um único papel de Estado, o rei Carlos III acompanhou sempre os assuntos próximo da mãe. Isabel II consolidou a monarquia e a Commonwealth, projeto do pai que juntava os *leftovers* e os restos do Império Britânico. Enquanto os políticos entram e saem, prometem, faltam e desaparecem, a rainha foi uma sólida rocha. Nunca pôde exprimir publicamente o que pensava, nem mesmo sobre políticas e traições dos governos a que deu posse, mas era sábia e esteve lúcida até ao fim. Dois erros de julgamento poderiam ter prejudicado a instituição: um, em 1966, quando uma mina de carvão colapsou no País de Gales e soterrou parte da aldeia de Aberfan, matando 116 crianças e 28 adultos. Demorou oito dias a reagir, mas cedeu às insistências do primeiro-ministro Wilson e deslocou-se lá. O outro erro, um *remake* da síndrome de Aberfan, é a morte da princesa Diana. Aí, foi Tony Blair quem a desafiou a dar a cara. Nestas crises de avaliação, foi sempre salva por governos trabalhistas.

> ***As repúblicas também são caríssimas, é um forrobodó! Nunca faltou dinheiro para visitas de Estado dos senhores presidentes. Podia não haver para outras coisas, mas para isso havia sempre...***

Como foi possível ignorar a dimensão da devoção popular por Diana?

Ela não contava com a onda de revolta pelo facto de não chorar a nora endeusada pelas massas. Quando chegou a Londres, havia cartazes a dizer "Windsor assassinos". Estava tudo contra ela e a família. Não percebeu a hostilidade, mas depois deu a volta com o discurso que faz em Buckingham sobre a Diana. Não estava previsto, mas o povo obrigou-os a dar-lhe um funeral de Estado. Aí, o Blair teve uma grande jogada política ao inventar a "Princesa do Povo", coisa a que Isabel II não achou graça.

Os rituais e a liturgia do reinado parecem impedir uma ligação que toque realmente a vida das pessoas comuns, como Diana fez. É mesmo assim?

A distância gera mistério. E o facto de nem sequer se poder tocar na rainha aumenta a aura da instituição. E ela, como foi ungida, assumia a ligação a Deus. A distância gera respeito e um certo espírito reverencial. Mas a Diana dissolveu isso. Para ela, não havia súbditos, mas próximos: beijava crianças, abraçava os doentes com sida, etc. Tudo o que a instituição achava impensável... ela fazia. Por isso, era muito querida.

Thatcher foi a primeira-ministra com quem Isabel II teve a relação mais tensa?

A Thatcher não se interessou pela Commonwealth, estragou-lhe o "brinquedo", a herança do pai. A rainha salvou-se pela autodisciplina e perseverança: reinar estava à frente de tudo. Ela gostava do Howard Wilson, bem diferente dela e de outro meio. Com o Blair, não foi fácil, sobretudo por causa da Câmara dos Lordes. Ele queria modernizar a Inglaterra e, de certa forma, conseguiu. Agora, é cavaleiro da Ordem da Jarreteira, a mais antiga da coroa. É um reconhecimento do seu papel.

Os rendimentos e custos da monarquia são polémicos. Vieram a público investimentos da rainha nas Ilhas Caimão, e a família é conhecida por "A Firma"...

O incêndio do Castelo de Windsor, em 1992, deixou a rainha devastada, mas deu-lhe também o impulso para mudar. Até ali, o público via-os como uma família disfuncional: separavam-se todos, não pagavam impostos, etc. Isabel II decidiu, então, que parte dos rendimentos seria taxada. Foram séculos e séculos a "amassar" fortunas. É uma "firma" com um objetivo muito próprio, uma máquina pesada e desconhece-se certo tipo de investimentos. O príncipe Filipe era paupérrimo. Quando chovia, não saía do colégio por não ter gabardina. Quando foi ao casamento da prima Marina de Kent, levou uns botões de punho pagos pelos colegas. Depois, durante os anos de príncipe consorte, "amassou"

REINADO À LUPA
O autor queria lançá-lo com a rainha em vida, mas a "infeliz coincidência" impôs-se. A obra (512 páginas), que estará esta semana nas livrarias, começa com a morte do príncipe Filipe e dá muitos detalhes sobre o reinado de Isabel II, em parte "fruto do acesso a documentação e conversas com pessoas que estiveram ao serviço até há pouco tempo". "Tenho amigos próximos, com bons arquivos", assume Bouza Serrano.

razoável fortuna. Quando estive em Haia, o último posto diplomático que ocupei, soube-se que a família real holandesa era dona de partes de Manhattan [EUA], e a rainha Juliana era das principais acionistas da Shell.

Antes da pandemia, a monarquia britânica custava ao erário público cerca de 95 milhões de euros anuais. Faz sentido?

Faz. Há um retorno em termos turísticos, industriais e simbólicos. Já imaginou quanto se vai gastar em empresas nacionais para mudar selos, papel-moeda, caixas vermelhas, emblemas dos *bobbies*, etc.? Há uma devolução disso ao erário público. As repúblicas também são caríssimas! Já nem digo Belém, porque seria uma maldade e não se morde a mão que nos dá de comer, mas é um forrobodó! [*Risos*] Nunca faltou dinheiro para visitas de Estado dos senhores presidentes. Podia não haver para outras coisas, mas para isso havia sempre...

As intervenções de Isabel II em matéria política estavam-lhe vedadas. Mas não faltaram mensagens subliminares, não é assim?

Ela usava imensos elementos subliminares. A escolha da Escócia para morrer terá sido uma forma de dizer aos escoceses "não nos deixem". Para mim, foi um derradeiro sinal. Quando recebeu Trump, pôs a joia que o casal Obama lhe dera. Nada era inocente. Tal como a mímica da mala para os "ajudantes de campo" quando estava farta da pessoa com quem falava, por exemplo. Deixava rastos...

O que espera de Carlos III? Na Commonwealth, crescem desejos de emancipação da coroa e reclamações sobre o período da escravatura...

Ele é chefe de Estado de 16 monarquias constitucionais, mas, passado este período, sabe o que o espera: virão novos ataques. Já tinha representado a mãe na independência das Bahamas. Viu ser erguida a nova bandeira e a cantora Rihanna elevada a heroína nacional. Não teve outro remédio. São novos tempos.

Chamam-lhe "príncipe da anticiência" e "inimigo" do Iluminismo. Isto pode abalar o seu reinado?

Os Windsor dão sempre a volta por cima. E ele fará como certos políticos quando chegam a certos lugares: abdicam de algumas posições, adaptam-se. Será mais comedido. Já deu sinais na questão das religiões, área em que hoje tem, sobretudo, de defender as diferentes fés. Quanto ao resto, o ex-Presidente da República Mário Soares usava a "magistratura de influência". Um rei não pode fazer mais do que isso. O poder está no Parlamento.

As monarquias têm futuro?

Ah, sim! A monarquia é uma reserva da república. As repúblicas têm o hábito de dar cabo delas próprias e, assim, têm na monarquia uma bolsa de pessoas preparadas para reinar, mesmo que estejam no exílio.

Sente-se confortável nesta República?

Sim, mas tenho pena que cem anos de república tenham acabado com oito séculos de monarquia. A monarquia seduz-me, porque tem mecanismos de salvaguarda; basta ver a admiração do povo por Isabel II para perceber a identidade e unidade nacional que simboliza. Mas Portugal "republicanizou-se" rapidamente e a Constituição proíbe o referendo. Só podemos sentir a aura monárquica se formos ao Palácio da Ajuda ou a outros. Mas se temos palácios, cavalos, tudo, porque não os usamos ao serviço da República? Por outro lado, a família real portuguesa é pouco conhecida e é pena, pois tem elementos muito válidos e patrióticos, sem serem patrioteiros. V mbcarvalho@visao.pt

Os últimos anos de ISABEL II

No fim do reinado, foi possível perceber um "triste e lento declínio" da monarca britânica. Quem o afirma é Andrew Morton, conhecido biógrafo de celebridades e autor do muito polémico *Diana: A Sua Verdadeira História*, que agora se prepara para lançar *A Rainha* – livro do qual a VISÃO apresenta, em rigoroso exclusivo, uma pré-publicação

POR
ANDREW MORTON
É um dos mais conhecidos biógrafos de celebridades. Escreveu cerca de duas dezenas de livros sobre a vida de figuras como Madonna e Monica Lewinsky e, em 1992, publicou *Diana: A Sua Verdadeira História*, que se tornou um *bestseller* e deu a conhecer o mundo secreto da princesa que viria a morrer no túnel da Ponte d'Alma, em Paris

Numa amena noite de verão, a rainha, de 86 anos, deu a si própria permissão para surpreender e arrepiar uma audiência mundial, ansiosa por ver a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2012. Sua Majestade, usando um vestido cor de pêssego e pérolas, saltou de um helicóptero suspenso, o seu paraquedas Union Jack iluminado no céu noturno, enquanto ela caía em segurança para terra, um pouco fora do palco. No momento seguinte vimo-la com aquele mesmo vestido e chapéu a caminhar para o pódio, no estádio construído especialmente para os Jogos Olímpicos, no Leste de Londres, para proceder à abertura formal dos jogos.

Havia muitos entre os milhões que assistiam que pensavam genuinamente que a rainha tinha feito a entrada mais ousada e perigosa do seu reinado. O anterior ministro da Saúde, Jeremy Hunt, disse mais tarde a Isabel que um turista japonês comentou que era maravilhoso a rainha estar envolvida daquela forma nos Jogos Olímpicos, porque eles nunca conseguiriam que o seu imperador saltasse de um avião.

A princípio houve alguns no Palácio de Buckingham que não acreditaram que a rainha concordasse em tornar-se a Bond girl de mais alto estatuto de sempre e, além disso, aceitasse proferir a frase imortal "*Good evening, Mr. Bond*".

Contudo, quanto mais tempo a rainha reinava, mais desejosa parecia de se divertir e correr riscos. O realizador de cinema irlandês Danny Boyle, que teve a tarefa desafiante de criar a coreografia para a cerimónia de inauguração dos Jogos Olímpicos, perguntou-se se ela lhe daria uma oportunidade.

Alguns meses antes tivera a ideia de usar a rainha num curto filme promocional, mesmo antes da abertura oficial da cerimónia. Ela devia ser resgatada de alguma ameaça desconhecida pelo próprio 007. James Bond, de fato preto e laço, encontrava-se com ela no Palácio de Buckingham e escoltava-a para um helicóptero no qual "a rainha" sobrevoaria vários pontos importantes de Londres, como Tower Bridge e o Palácio de Westminster, antes de saltar dramaticamente do helicóptero para o céu noturno.

A ideia agradaria a Sua Majestade? Inicialmente, Boyle apresentou o esquema a lord Coe, o responsável pelo London 2012, que por sua vez falou com a princesa Ana. Com o seu jeito pragmático, esta respondeu simplesmente: "Porque não lhe pergunta?"

Dias depois, Boyle estava no Palácio de Buckingham, esboçando o cenário ao secretário privado da rainha, Edward Young, e à sua estilista, Angela Kelly. Esta adorou a ideia e subiu para falar pessoalmente com a rainha.

A ideia encontrou imediatamente aprovação real, mas com uma condição: ela tinha de proferir as icónicas – e muito parodiadas – palavras "*Good evening, Mr. Bond*", enquanto o ator Daniel Craig, que interpretava o herói intemporal, a vigiava atentamente e ela terminava de tratar de alguns documentos na sua secretária. Então a rainha, os seus corgis e o seu pajem, seguidos por Bond, dirigir-se-iam a um helicóptero, terminando com o icónico salto de paraquedas em vestido de cerimónia.

Não só este sketch foi um dos pontos altos de uns Jogos Olímpicos memoráveis, como revelou um lado ousado, quase maroto, da personalidade da rainha, que emergia de tempos a tempos.

Embora o beco sem saída do protocolo e do adequado estivesse sempre presente na vida da rainha, ocasionalmente ela conseguia mostrar excertos de uma pessoa muito diferente, como daquela vez em que recebeu o Presidente Barack Obama e a primeira-dama Michelle Obama numa receção no Palácio de Buckingham, em 2009. Parecia um encontro rotineiro até a rainha chegar e deslizar o braço em torno da cintura de Michelle Obama, que, com 1,80 m, parecia uma torre ao lado da pequena rainha. Por sua vez, esta pôs um braço em volta dos ombros da rainha e disse: "Gostei muito do nosso encontro." Mais tarde, Michelle Obama explicou que tinham criado um laço em torno das suas dores nos pés.

Sendo a imagem tradicional da rainha a de alguém que desencorajava a intimidade, a soberana segurando a sua enorme mala de mão diante do corpo como um escudo, esta demonstração de familiaridade amigável foi surpreendente. No passado, quilómetros de tinta impressa tinham sido gastos a reprovar quando um anfitrião apenas tocara as costas da rainha para a ajudar a atravessar uma multidão.

O seu desejo de correr riscos foi recompensado quando, em abril de 2013, a British Academy of Film and Television Arts atribuiu um BAFTA honorário à rainha pela sua "sensacional" atuação na cerimónia inaugural dos Jogos Olímpicos, assim como pelo seu apoio ao mundo das artes e do espetáculo. O ator Kenneth Branagh, que fez a apresentação, brincou dizendo que vários colegas estavam tão impressionados com a sua atuação que tinham guiões preparados para sua aprovação.

Durante o evento, realizado no Castelo de Windsor, a atriz Helen Mirren, que fez o papel da rainha no filme epónimo de Peter Morgan, estava a repetir o seu papel

Biografia A tradução portuguesa estará nas livrarias no próximo dia 6 de outubro, com a chancela da Edições Desassossego

Memórias felizes Apesar de já não fazerem viagens de longo curso, em 2015, Isabel II e o príncipe Filipe foram até Malta. A viagem fê-los recordar a sua vida de recém-casados

régio na nova peça de Morgan, *The Audience*, por isso faltou ao evento real. A sua interpretação do humor seco, pragmático e imperioso da rainha foi tão realista que quando o príncipe William apresentou o seu prémio BAFTA Fellowship a descreveu como uma "extremamente talentosa atriz britânica a quem eu devia provavelmente chamar '*Granny*'".

Por sua vez, Mirren admitiu que, apesar de ter interpretado o papel da rainha, tanto em palco como em filme, teve uma verdadeira "lição de embaraço" quando se juntou a ela e ao príncipe Filipe para um chá no Palácio de Buckingham. Viu-se reduzida a balbuciar.

"Ficamos a pensar: 'É a rainha, é a rainha.'" Numa divertida inversão de papéis, Mirren admitiu que ficara ainda mais deslumbrada ao conhecer a mulher que interpretara com tanto sucesso. "Fico sempre genuinamente fascinada pela sua aura, o seu brilho, a sua presença. Nunca cessa de me surpreender."

O facto de tantos, até atores vencedores de Óscars, serem reduzidos a balbuciar na "presença" ajuda a explicar o seu amor eterno pelos cavalos e as corridas. A romancista Jilly Cooper observou: "Um cavalo não sabe que ela é a rainha; um cavalo trata-a como a outro ser humano qualquer. Ela tinha de conquistar o amor e o respeito de um cavalo, não esperá-los como uma dádiva. Isso devia ser um grande alívio para ela."

Mais do que um passatempo, criar cavalos e participar em corridas era o seu refúgio dos infindáveis problemas que passavam pela sua secretária. Era uma forma de relaxamento positivo passar alguns minutos com as reconfortantes colunas do *Racing Post* ou falar acerca de cavalos, discutir as personalidades, os leilões e pedigrees com especialistas na matéria. Era um mundo em que se sentia completamente em casa. Os cavalos eram o seu âmago, um mundo absorvente que lhe fornecia uma alternativa enriquecedora ao mundo régio quotidiano. Então, embora ela estivesse feliz com o BAFTA honorário, o seu profundo e puro entusiasmo dois meses depois, em junho de 2013, quando ela e o seu gestor de corridas, John Warren, assistiram à vitória triunfal de *Estimate* no Gold Cup, em Ascot, era inconfundível. Ao fazê-lo ela tornou-se a primeira monarca, nos seus 207 anos de História, a arrecadar o prémio. A sua paixão de uma vida dera-lhe a maior vitória desde 1977. Alguns anos mais tarde, em 2021, não foi uma surpresa para a comunidade das corridas que ela se tornasse a primeira "contribuidora especial" a entrar no Hall of Fame dos campeões britânicos.

A rainha celebrou outro marco único quando, a 9 de setembro de 2015, superou o recorde da rainha Vitória de 63 anos e 216 dias no trono. O seu tornou-se o mais longo reinado de uma mulher na História do mundo, embora tratasse o momento histórico como mais um dia de trabalho ao inaugurar o novo Borders Railway em Tweedbank, na fronteira escocesa. O seu longo mandato de serviço era, como observou a sua filha, a princesa real, uma faca de dois gumes. "As pessoas tendem a esquecer que ela ultrapassou o marco do reinado mais longo apenas por o seu pai ter morrido tão cedo. Para ela, isso é uma bênção controversa e é um recorde que ela preferia não ter batido."

Embora o príncipe Filipe tivesse falado em reformar-se quando atingisse a madura idade de 90 anos, estava ao lado dela quando a rainha chegou, ela própria, a essa idade. Uma visita a Malta em novembro de 2015, onde ela e o príncipe Filipe passaram uma grande parte da sua vida de recém-casados, trouxe de volta reminiscências felizes. A rainha estava de visita como chefe da cimeira dos chefes de Estado da Commonwealth, e, embora ela e o príncipe Filipe já não fizessem voos de longo curso, a viagem de três horas a partir de Londres foi considerada aceitável.

Para a rainha, o príncipe Filipe e aqueles que tinham conhecido o casal na década de 1940 foi verdadeiramente uma viagem pela memória. Durante um passeio pela ilha, o casal arranjou tempo para visitar o campo de polo onde Filipe e Dickie Mountbatten tinham jogado. Ao olhar em volta, a rainha avistou Elizabeth Pulé, filha da sua antiga governanta Jessie Grech, no meio da multidão. Outro rosto familiar foi o de Freddie Mizzi, um clarinetista da Jimmy Dowling Band, que costumava tocar as suas melodias favoritas do musical *Oklahoma*, no Hotel Phoenicia.

Quando ela disse à sua audiência que passara ali alguns dos anos mais felizes da sua vida, não estava a exagerar. Recordava genuinamente aqueles que tinham trabalhado para ela e mantinha-se ao corrente dos assuntos da ilha do Mediterrâneo com uma entrega regular do *Times of Malta*.

A rainha sempre teve interesse e apreço por aqueles que trabalhavam com ela. Desde o palácio, o Parlamento, Balmoral e Sandringham até à Commonwealth, gostava de sentir a pulsação das coisas. Como o anterior presidente do município de Edimburgo, Eric Milligan, observou: "Ela sabe o que se passa e cuida das pessoas que cuidaram dela."

O seu extenso conhecimento da cena social também impressionou o príncipe André. "A sua rede de informação – de quem fez o quê, o que aconteceu, quem está doente, quem

Andrew Morton

"Isabel II trouxe estabilidade a um mundo incerto"

Para o polémico biógrafo, de agora em diante, a natureza e o futuro da Commonwealth vão ocupar o centro do debate. Esses assuntos foram evitados por respeito a Isabel II, defende em declarações à VISÃO

Quanto tempo demorou a escrever esta biografia e que tipo de pesquisa realizou?
Comecei a fazer a pesquisa para este livro em 2019. A Escócia foi o primeiro sítio a que fui de maneira a ficar perto do coração da rainha. Também viajei até Malta, onde ela e o príncipe Filipe viveram felizes, durante vários anos, e depois fui ao Canadá e aos Estados Unidos da América, por causa da fabulosa rede de bibliotecas que estes países têm.

Após a morte de Isabel II, acredita que o livro será entendido pelos leitores de maneira diferente?
Terminei o livro em agosto deste ano, quando já era claro que ela estava fisicamente debilitada. Por isso a biografia já incorpora o triste e lento declínio de Isabel II.

Na sua opinião, qual é o maior legado de Isabel II?
A rainha trouxe continuidade, certeza e estabilidade a um mundo incerto e em mudança. Ela era a avó da nação, uma presença sorridente que confortava milhões. A sua hora decisiva foi o discurso do "vemo-nos em breve", proferido durante a pandemia Covid-19.

KEN LENNOX

A sua morte representa o fim de uma era, como tantos têm dito nos últimos dias?
A morte de Isabel II representa um passo significativo para a nação e para a monarquia. Assuntos que não foram ditos por respeito à rainha, como a natureza e o futuro da Commonwealth, vão agora ocupar o centro do palco. É o fim de uma era e o princípio de um debate sobre o futuro e a natureza da monarquia.

Que expectativas tem sobre o reinado de Carlos III?
O rei Carlos é o monarca mais bem preparado da História. Durante a primeira semana do seu reinado, ele foi perfeito em termos de comportamento e de declarações públicas. Tomou o seu lugar na monarquia com graça e dignidade. O reinado de Carlos III será mais sensível, menos reservado, com enfoque na cultura e na inclusão.

morreu, quem teve um filho – é extraordinária. Como é que ela descobre é um mistério."

Tal como os seus cavalos, os bisnetos não ficavam apreensivos na sua presença – embora, a partir de certa idade, percebessem com quem estavam a lidar. Durante os seus anos de infância e adolescência, William, Harry e os outros netos viam a rainha como uma mulher sábia, por vezes ligeiramente ameaçadora, mas sempre ali para os ajudar e aconselhar. Aos seus olhos, era uma figura ríspida, que não admitia disparates, exigia respeito e nunca os tratava com paninhos quentes. William recorda o dia, em Balmoral, em que recebeu "o mais forte sermão" da rainha depois de, com Peter Phillips, ter perseguido a prima Zara, que conduzia um carro de karting, fazendo-a embater num poste. A rainha, usando o seu kilt, foi a primeira pessoa a sair de casa para ajudar a menina e, depois, dar uma repreensão aos rapazes.

Andar a cavalo, mais do que o karting, é naturalmente um vínculo que se estende por gerações. A própria rainha recebeu o seu primeiro pónei shetland quando tinha apenas 4 anos, e a princesa Ana, assim como a sua filha Zara, participaram ambas em provas de equitação nos Jogos Olímpicos. Seguindo os passos do avô, a filha do príncipe Eduardo, lady Louise Windsor, entra em competições de condução de carruagens. Em ocasiões mais tranquilas, as princesas Beatrice e Eugenie lembram-se de apanhar framboesas com a *Grannie* e depois encontrarem a sua colheita transformada em compota para o chá da tarde.

O duque de York recorda: "Ela tem sido uma avó fantástica para a Beatrice e a Eugenie, e provavelmente, em certa medida, desfruta mais disso do que de ser mãe, sempre interessada e preocupada com o que as meninas andam a fazer."

O nascimento do primeiro filho dos duques de Cambridge, o príncipe George, em julho de 2013, e depois, em maio de 2015, a chegada da princesa Charlotte asseguraram a estabilidade da dinastia e o papel crucial, mas tantas vezes subestimado, do monarca. "A rainha pode ver continuidade em William, Catherine, George e Charlotte", disse a sua amiga lady Elizabeth Anson. "Isso mudou a sua vida."

Enquanto a nação celebrava o seu 90.º aniversário, um bem-disposto príncipe Harry conseguiu introduzir-se na sala de estar da rainha, no Castelo de Windsor, e persuadi-la a participar num sketch para publicitar os Invictus Games, de que era patrono.

A rainha tinha um verdadeiro fraquinho por Harry, o neto com jeito para ultrapassar as burocracias para ver a rainha – para grande frustração dos funcionários régios. Desta vez, num vídeo que se tornou viral, Harry convenceu a aniversariante a ver uma mensagem, num telefone com câmara, do Presidente Barack Obama e da primeira-dama Michelle Obama antes dos jogos, que deviam decorrer na Flórida em maio de 2016. Uma Michelle Obama de rosto sério entrou no seu campo de visão e desafiou Harry em relação a uma rivalidade entre a América e a Grã-Bretanha devido a militares feridos de vários países que queriam participar nos jogos. "Cuidado com o que desejam", interrompeu o Presidente apontando com o dedo para uma equipa de militares reunidos ao fundo, antes de um dizer "Bum!" A rainha comentou: "Oh, por amor de Deus." Um Harry de rosto corado olhou então para a câmara e disse, muito humildemente: "Bum!"

Sob a leveza de avó e os confetti de edições de jornais comemorativas do ano marcante da rainha, havia uma sensação

Popular Nos Jogos Olímpicos de 2012, aceitou participar, com o ator Daniel Craig, numa cena *à la* James Bond (*em cima*); os cavalos eram uma alternativa ao "mundo régio quotidiano"

crescente de transição. Era uma mudança de que Harry queria fazer parte. No verão seguinte, em 2017, o príncipe Harry disse à escritora Angela Levin que estava ansioso por "promover" uma renovação da monarquia. "Estamos envolvidos na modernização da monarquia britânica. Não o fazemos por nós, mas pelo bem maior de todo o povo."

Algo que recordou o quanto a monarquia ainda importava ocorreu nos dias que se seguiram ao terrível incêndio nos apartamentos da Grenfell Tower, na zona oeste de Londres, a 14 de junho de 2017, que causou 72 mortos e deixou centenas de pessoas sem casa. A rainha e o príncipe William apressaram-se a visitar os sobreviventes e os socorristas, oferecendo a monarca o seu ouvido atento e a sua presença reconfortante durante uma calamidade nacional.

"A rainha olhou para mim. Havia compaixão, era um olhar preocupado e sincero", concluiu uma sobrevivente depois de explicar a sua tortura num encontro cara a cara com a rainha. Aqui estava a avó da nação em ação, levando conforto e reconhecimento da perda.

Ela deixara sempre muito claro, apesar de anos de especulação, que reinaria enquanto tivesse saúde e força. Como disse ao arcebispo de Cantuária, George Carey, quando este se reformou: "É algo que eu não posso fazer. Vou continuar até ao fim."

Isso não evitou pensamentos e ações relativamente à inevitável mudança de reinante. O seu secretário privado, sir Christopher Geidt, conquistou um segundo grau de cavaleiro logo em janeiro de 2014 por planear este trabalho. A sua citação diz: "para uma nova abordagem das questões constitucionais…[e] preparação para a transição para uma mudança de reinante".

Havia outros indícios no ar. Em 2016 a rainha promoveu Camilla ao Conselho Privado, o organismo supremo de conselheiros da rainha. Isso significava que ela tinha o direito de estar presente no Conselho de Subida ao Trono para ouvir a proclamação do novo soberano.

Quanto ao príncipe de Gales, recebia agora regularmente caixas de despacho apenas para ler, para estar atualizado com as políticas do governo. Embora alguns acreditassem que a rainha ainda estava tão cheia de vigor e energia como na meia-idade, a verdade é que estava a abrandar e a passar muito mais tempo no Castelo de Windsor e menos no Palácio de Buckingham.

Embora a rainha não tivesse intenção de abdicar, reconhecia que estava na altura de o seu marido, cinco anos mais velho, resignar. A sua visão, a sua audição e a sua memória estavam a falhar, ao ponto de ser apenas a sua lendária teimosia que o fazia seguir em frente. Em maio de 2017, o príncipe contou à família as suas intenções e fez a sua aparição final no átrio do Palácio de Buckingham como capitão-general dos Royal Marines.

O príncipe Filipe merecia descanso. Durante a sua carreira real apertara centenas de milhares de mãos, fizera milhares de discursos abordando os seus interesses em ciência, ambiente e religião e, desde 1952, assistira a cerca de 22 219 compromissos por direito próprio.

Numa receção da Ordem de Mérito no Palácio de St. James, pouco depois do anúncio, o matemático Michael Atiyah, então com 88 anos, disse ao príncipe: "Lamento saber que está a retirar-se." Com o seu habitual jeito irreverente, o duque brincou: "Bem, já não me aguento em pé por muito mais tempo." Retirou-se para Wood Farm, o espaçoso mas modestamente mobilado chalé na propriedade de Sandringham, onde o patriarca de 96 anos passou os dias a ler, a pintar aguarelas, a escrever cartas e a receber amigos e família para provarem a sua comida – gostava de fazer as receitas que via em programas de culinária na televisão. Um velho amigo observou: "Ele está a desfrutar, lendo coisas que sempre quis ler e a fazer o que quer em vez de ter um escudeiro a dizer-lhe que tem de estar noutro sítio ou uma câmara a segui-lo."

A mudança teve a aprovação total da rainha, apesar de reconhecer que se veriam menos. Falavam ao telefone diariamente e ela ia mais vezes a Sandringham. Inicialmente, a rainha ficou alarmada quando ele se envolveu num acidente de carro em janeiro de 2019, mas ficou grata por o incidente o forçar a desistir da carta de condução. Na opinião dela, ele sempre conduzira demasiado depressa – e os seus hábitos de condução eram fonte de um conflito de décadas e palavras amargas.

Com o responsável pela família a descansar, coube ao secretário privado da rainha, sir Christopher Geidt, propor mudanças na monarquia. Este promoveu uma política de centralização da estrutura da monarquia de modo a que o Palácio de Buckingham assumiria o comando, apoiado por Clarence House, a casa de Londres do príncipe Carlos, e pelo Palácio de Kensington, a casa do príncipe William e do príncipe Harry. As suas propostas de comando e controlo não encontraram a aprovação dos príncipes, que queriam autonomia para fazer as coisas à sua maneira em vez de reportarem constantemente ao Palácio de Buckingham. Cada "empresa", ou, melhor, casa real queria operar a partir do seu próprio silo, enfraquecendo

assim a autoridade do centro. Carlos, William, André e Harry favoreciam um sistema colegiado, rejeitando completamente o plano de centralização de Geidt. Embora já tivesse planeado aposentar-se, lord Geidt, que servira a rainha ao longo de dez anos, decidiu partir mais cedo em vez de enfrentar um conflito com os filhos dela.

"Este golpe palaciano sem sangue significa que o príncipe Carlos pode agora exercer mais controlo sobre a direção do percurso da monarquia", notou o correspondente real da BBC, Peter Hunt.

Parte do argumento usado pelos jovens príncipes era que o príncipe Carlos, mais do que a rainha, devia ser responsável por dar forma à monarquia. Havia sugestões não confirmadas de que ele queria que o Palácio de Buckingham estivesse aberto aos visitantes durante todo o ano, passando o novo rei a viver num apartamento do palácio, similar ao apartamento do primeiro-ministro por cima de Downing Street. A sua residência principal seria Highgrove, no West Country, e William e Catherine mudar-se-iam do Palácio de Kensington para o Castelo de Windsor. O Castelo de Balmoral seria transformado num museu, mas o príncipe manteria Birkhall Lodge, que fica perto.

Embora as consequências da luta de poder nos bastidores não se tornassem de imediato evidentes, era claro que a autoridade da rainha tinha sido diluída e que os príncipes detinham mais liberdade para dar forma à sua própria visão da monarquia no futuro. Embora a sua autoridade institucional estivesse diminuída, ela ainda era vista com bastante respeito, para não dizer temor, pela família e o staff.

Conquanto houvesse tensões entre as diferentes casas, havia também cooperação, sobretudo em relação à amada Commonwealth, uma organização de que a rainha cuidara e que apoiara durante o seu reinado.

Num encontro em Londres que reuniu os chefes de governo da Commonwealth em 2018, ela falou do seu "sincero desejo" de que um dia o príncipe de Gales continuasse o importante trabalho começado pelo seu pai em 1949. Antes do fim da conferência, os líderes juntaram-se e concordaram em aceitar a sua recomendação para Carlos ser o próximo chefe da Commonwealth. Foi um êxito que agradou à Casa de Windsor.

A diversidade de raças, credos e cores que era a pedra de toque da Commonwealth aproximou--se de casa com a aceitação calorosa na família real da namorada do príncipe Harry, Meghan Markle, uma atriz americana divorciada e birracial. Durante os preparativos que levaram ao casamento, em maio de 2018, ela reconheceu ponderadamente o quanto a Commonwealth importava à rainha quando incorporou as flores nacionais das 53 nações da organização no seu véu de noiva. Foi um gesto que a rainha apreciou muito, assim como a decisão de Meghan de ser batizada na fé nacional, a Igreja de Inglaterra, antes do dia do casamento. Enquanto olhava para Meghan, de um país, uma cor e uma cultura diferentes, caminhando para o altar da Capela de S. Jorge, estava a testemunhar a construção da História. De uma só vez, o casamento deles fazia a monarquia parecer mais relevante e inclusiva num mundo em constante mudança.

Contudo, a sua breve jornada pelo seio da instituição testaria a paciência da rainha, exporia a sua indulgência familiar e pressionaria os laços de sangue. A princípio tudo parecia bem. Algumas semanas depois do casamento, a rainha convidou Meghan a viajar no comboio real para um dia de compromissos em Cheshire, no Noroeste de Inglaterra. Durante a viagem, presenteou-a com um bonito colar de pérolas e brincos a condizer. "Adorei mesmo estar na companhia dela", disse Meghan mais tarde, comparando a sua figura calorosa e acolhedora com a da própria avó Jeanette. Para assegurar que Meghan estaria suficientemente informada em eventos futuros, a rainha atribuiu-lhe uma secretária privada adjunta, Samantha Cohen, para que lhe explicasse o funcionamento da monarquia e da Commonwealth. E nomeou Harry embaixador da Commonwealth para a juventude quando, meses mais tarde, Meghan se tornou patrona da Associação de Universidades da Commonwealth. Essas nomeações dariam ao casal um papel internacional, deixando a cena doméstica sobretudo para os futuros rei e rainha, o príncipe William e a duquesa Kate. Evidenciava ser uma estratégia astuta, especialmente porque Harry parecia determinado em abrir um caminho muito diferente do do seu irmão, uma atitude que colocou os irmãos em percursos conflituantes.

> ***Mais do que um passatempo, criar cavalos e participar em corridas era o seu refúgio dos infindáveis problemas que passavam pela sua secretária***

Uma história no venerável *Times of London*, em novembro de 2018, pouco depois de Meghan e Harry regressarem de uma bem-sucedida visita à Austrália, permitiu um sabor íntimo da relação entre o príncipe e a sua soberana. Teve que ver com a tiara, muito bem guardada nos cofres do Palácio de Buckingham, que a rainha emprestara a Meghan antes do casamento. Diz a história que, antes do enlace, Harry ficou zangado quando esta não ficou imediatamente disponível para uma prova com o cabeleireiro de Meghan, Serge Normant, que voara especialmente de Nova Iorque. A estilista da rainha, a determinada Angela Kelly, que era também guardiã da sua coleção de joalharia privada, explicou que tinham de se cumprir certos protocolos de segurança para ter acesso à peça, de valor inestimável. Harry não aceitou nada daquilo e disse furiosamente ao staff: "O que a Meghan quiser a Meghan obtém." No final, foi falar com a rainha, que concordou em disponibilizar a tiara para a prova.

Embora o foco dos média estivesse no alegado comportamento de prima-dona de Meghan, a primeira conclusão que se tira da "birra da tiara" é que Harry passou por cima de uma ajudante real de confiança e foi diretamente à rainha, convencendo-a a fazer-lhe a vontade. Numa organização onde podem ser necessárias semanas para obter uma entrevista com a rainha, este acesso foi notável. A família em primeiro lugar. Era, ao mesmo tempo, uma força e uma fraqueza. Como um assistente observou: "Temos de nos lembrar de que isto é uma família e uma corte, não uma corporação."

Uma família onde, em última análise, o que conta mais é a posição, não a popularidade. Meghan juntou-se à instituição num período em que esta sofria as graduais, mas ainda assim sísmicas, mudanças que, inevitavelmente, advêm da passagem da coroa de uma geração para outra. Por muito populares

Netos A cena internacional ficou entregue a Meghan e Harry, nomeado embaixador da Commonwealth para a juventude (*foto em baixo*). William e Kate encarregar-se-iam do plano doméstico

que fossem, Meghan e Harry, a seu tempo, deslizariam para o fundo do poste totémico real, como o príncipe André que, tendo já sido o segundo na linha de sucessão ao trono, era agora membro do elenco secundário.

O casal real queria criar um futuro alternativo para si, que acabaria por o colocar em conflito direto com a ordem existente.

À medida que as dissensões entre a família, particularmente entre Harry e William, se tornavam mais pronunciadas, o tema do respeito e da reconciliação que a rainha escolhera para 2019 parecia tão apropriado para a sua família em guerra como para a Grã-Bretanha, ainda a lamber as feridas depois do voto para abandonar a União Europeia.

A conciliação era um tema a que a rainha voltava muitas vezes: num discurso no Women's Institute, na visita do Presidente americano Trump e no 20.º aniversário da abertura do Parlamento escocês. Entendia ser um papel seu tentar arrefecer as paixões políticas e amainar as preocupações de uma nação que se virava para si própria.

A sua sabedoria e o seu julgamento eram necessários muito mais perto de casa. Desde que a sua "força e esteio", o príncipe Filipe, se tinha retirado, o seu segundo filho, o príncipe André, fizera o seu melhor para preencher a lacuna. Acompanhava-a à igreja aos domingos e assegurava-se de que as suas filhas, Beatrice e Eugenie, mantinham contacto com ela.

Aos seus olhos, o seu segundo filho tinha, em tempos de crise, mostrado qualidades de coragem e liderança, nomeadamente durante o conflito das Malvinas e o incêndio de Windsor. Apesar de ter reputação de arrogante, a sua lealdade à rainha era inabalável. Ela apreciava o seu apoio obstinado e até as suas opiniões, de certa forma simplistas. Durante a semana do funeral de Diana, por exemplo, quando as paixões estavam ao rubro dentro de Balmoral acerca da melhor forma de lidar com a crise, André declarou a uma sala cheia de conselheiros do palácio em guerra: "A rainha é a rainha. Não podem falar assim com ela." O que significava que a sua opinião devia ser aceite sem questionamento.

Embora ele se tivesse tornado uma presença reconfortante e bem-vinda, distraindo a rainha dos seus dois netos em guerra, os seus próprios problemas não tardaram a dominar a agenda real. Por mais que tentasse, não conseguia fazer cair no esquecimento a sua associação com o banqueiro Jeffrey Epstein, condenado por pedofilia. O assunto tornou-se muito pior quando, em agosto de 2019, Epstein, depois de ter sido acusado por inúmeras mulheres de outros crimes sexuais, se suicidou na cela de uma prisão em Manhattan.

Uma das suas mais proeminentes e persistentes acusadoras foi Virginia Roberts Giuffre, que afirmava que quando tinha 17 anos o velho Epstein a forçara a ter sexo com os amigos, incluindo o príncipe André. Disse que tivera sexo com o príncipe em três ocasiões diferentes. Como prova do seu relacionamento publicou uma fotografia que mostrava um sorridente príncipe André com o braço em torno dela na casa de Ghislaine Maxwell, em Londres. Embora o duque negasse qualquer envolvimento sexual com Giuffre, os títulos negativos continuaram. Em novembro de 2019, André, após discussões com os seus advogados e a sua secretária privada, Amanda Thirsk, decidiu dar uma extensa entrevista à apresentadora do *Newsnight* da BBC, Emily Maitlis. Quando a equipa do *Newsnight* chegou ao palácio para os preparativos finais da entrevista, André declarou que precisava de "pedir aprovação mais acima", referindo-se à própria rainha. A decisão final, por conseguinte, seria da rainha e do príncipe Carlos, que estavam ambos nervosos em relação ao possível resultado. A mãe sabia, pela experiência passada com a família, nomeadamente com o príncipe Carlos a confessar em *prime time* o seu adultério e a entrevista de Diana ao *Panorama*, que a realeza não se saía bem na televisão.

Contudo, na sequência de conversações internas, a rainha e o príncipe Carlos sentiram-se suficientemente seguros para aprovar a entrevista.

Após uma hora de interrogatório por Emily Maitlis, André achou que a conversa, que decorreu num salão de baile do palácio, tinha corrido bem e ligou à rainha para lhe dizer: "Missão cumprida." Achou que tinha sido um tal sucesso que, após a entrevista, levou a equipa da *Newsnight* numa visita guiada pelo palácio.

Uma cacofonia de críticas em breve dissiparia essa ideia errada. A entrevista de André fora um desastre. "Um acidente de carro na TV" foi uma das descrições mais generosas. O príncipe não parecia estar arrependido da sua ligação com Epstein; também não exprimiu qualquer empatia pelas infelizes vítimas do banqueiro, embora lhe tivessem dado amplas oportunidades de o fazer. A rainha afirmou estar horrorizada porque também ela estava na linha de fogo, por ter permitido que André fosse para a frente com uma entrevista que não só destruiu a reputação dele como prejudicou a posição da monarquia. A calamidade televisiva do príncipe André sugere que a rainha está a perder o controlo da "firma" foi o título do *The Times*, o jornal de referência do *establishment*.

A sua avançada idade, a ausência do príncipe Filipe, o *enforcer* da família, deste conflito, e a preferência da rainha por André foram sugeridos como motivos que contribuíram para o desastre. Contudo, o facto de o príncipe não ter conseguido fornecer uma razão convincente para a continuação da sua amizade com o pedófilo milionário nem explicar a fotografia com o braço em volta da cintura de Giuffre depois de ter afirmado não se lembrar de a conhecer, foi extremamente prejudicial. Além disso, as suas respostas ligeiras e a atitude irrefletida sugeriam um homem completamente alheado da geração #MeToo.

Enquanto as suas associações de caridade, universidades, negócios e outras organizações lavavam as mãos em relação a ele, poucos dias depois da transmissão televisiva, em novembro, o príncipe tornou-se o primeiro membro da família real na História a ser forçado a retirar-se dos seus deveres reais. Tomou a decisão na sequência das conversas de crise com a rainha e o príncipe Carlos, que foi consultado durante uma viagem à Nova Zelândia.

No que dizia respeito à rainha, os últimos dias tinham-na forçado a escolher entre as exigências da sua família e a instituição que servia. A declaração histórica de André, anunciando a sua partida, foi divulgada apenas alguns minutos antes de a rainha chegar a Chatham House para entregar ao seu amigo, o naturalista sir David Attenborough, um prémio internacional relativo ao seu trabalho de divulgação da poluição dos oceanos com plásticos.

Nada no comportamento da rainha sugeria mais do que deleite por homenagear o seu velho amigo. Sorriu muito e, quando assinava o livro de visitas, perguntou a data. Era 20 de novembro, o seu 72.º aniversário de casamento. "Oh, eu sabia", disse ela, impassível. Nenhum dos presentes teve um indício de que apenas alguns minutos antes ela tinha feito parte da ostracização de André das fileiras da família.

Demonstrou que permanecia implacável quando era necessário proteger a instituição a que sacrificara toda a sua vida. André era um problema, e ela e o filho mais velho tinham agido celeremente para o exorcizar. Agora André tinha o resto da vida para refletir sobre a sua loucura. Embora ele lamentasse publicamente a sua "errada associação" a Epstein e exprimisse "profunda compaixão" pelas vítimas, era um pouco tarde demais. (As coisas ainda piorariam para o desventurado duque. Após um mês de julgamento, em dezembro de 2021, a sua amiga Ghislaine Maxwell foi condenada por tráfico sexual, e em janeiro de 2022 ele perdeu o recurso para a remoção do processo de Virginia Giuffre contra si. Dias depois, com o "apoio e o acordo" da rainha, abdicou dos seus patrocínios reais e títulos militares. Acabou por conseguir um acordo extrajudicial com a sua acusadora, que deixou muitas perguntas por responder.)

Frágil A debilidade física foi visível durante as comemorações do Jubileu, mas, nas exéquias do príncipe Filipe, a imagem solitária foi a prova da sua forte personalidade

Dias depois de gerir os disparates do segundo filho, a rainha viu-se mergulhada numa crise no lado oposto da hierarquia. Enquanto o príncipe André estava desesperado por se agarrar às benesses da realeza e ficou devastado por abruptamente ter de renunciar a elas, o príncipe Harry deixou claro o seu desejo de abdicar da "firma" familiar. Harry sempre fora um relutante membro da realeza. Desde a morte de Diana, considerava as aparições públicas uma tortura, suando nervosamente quando enfrentava os flashes. Teria preferido mil vezes continuar a sua carreira no exército em vez de apertar mãos em compromissos reais. O problema era ele ser "um natural" e o público ver nele sombras da sua muito amada e saudosa mãe. O correspondente régio da BBC, Jonny Dymond, comentou: "Observar o príncipe Harry é ver um homem que ganha vida com as multidões, com o amor, com aqueles que precisam dele. Mas é também ver um homem completamente infeliz com o seu destino. Um homem que quer desesperadamente fugir das câmaras, dos observadores, dos estranhos, que o observam, filmam e exploram." Ele tinha, por sugestão do irmão, procurado ajuda psicológica para o auxiliar a lidar com tudo aquilo. A rainha mantivera-se atenta a ele, tanto quanto o tempo lho permitia, e estava sempre pronta para o receber.

Ainda que alguns vissem com grandes suspeitas a chegada de Meghan Markle à sua vida, como era o caso do príncipe William, havia outros que esperavam que ela fosse para Harry um porto de abrigo. A história não estava do lado deles, como provava a abdicação de Eduardo VIII para se casar com a americana divorciada Wallis Simpson.

Embora tudo tivesse começado muito bem, a vida real para ambos principiou em breve a desenrolar-se e eles elaboraram um caminho no mapa do seu futuro que corria paralelamente ao da família real. A família e os seus servidores sabiam perfeitamente, desde maio de 2019, dos seus planos de serem financeiramente independentes e de se focarem na sua missão humanitária. Há alguns meses que era visível que Harry e Meghan eram infelizes com as implacáveis críticas da imprensa e com o que eles consideravam ser uma falta de apoio da instituição. O príncipe Harry falara com a rainha e o pai acerca de abdicarem da posição sénior na realeza e de angariarem fundos privadamente, para não precisarem da

Sovereign Grant ou dos dinheiros do ducado da Cornualha, a propriedade do príncipe Carlos, para subsidiar o seu estilo de vida. Enquanto cidadãos privados não estariam sob os holofotes dos média e seriam, antes, capazes de servir a monarquia, se bem que com uma capacidade limitada. A reação inicial da rainha a esta ideia foi que era impossível estar a meio tempo na família real; era como estar-se ligeiramente grávida.

O casal, que passou o Natal numa mansão canadiana emprestada, viu os sinais de fumo emergirem do Palácio de Buckingham e percebeu que a mensagem não os incluía. Primeiro surgiu a publicação da fotografia oficial, tirada no Palácio de Buckingham, da monarca reinante e dos três príncipes, Carlos, William e George, que estavam na linha de sucessão direta. Era apenas a segunda vez que tanto um monarca existente como os eventuais futuros tinham sido fotografados juntos.

Posteriormente, quando a rainha transmitiu a sua mensagem de Natal, não havia fotografias de Harry, Meghan e Archie Harrison Mountbatten-Windsor, o mais recente bisneto, na sua secretária, junto das dos outros membros da família. O príncipe Harry, notavelmente suscetível mesmo quando tudo corria bem, interpretou o facto de uma forma totalmente conspiratória: eles já não faziam parte da família real. Tudo isto contribuiu para a sua tomada de decisão enquanto cuidadosamente projetavam o seu futuro. A 8 de janeiro de 2020 o casal anunciou, com o mínimo de aviso prévio à rainha, ao príncipe Carlos e ao príncipe William, que ia de facto "afastar-se" dos deveres reais e dividir o seu tempo entre a Grã-Bretanha e a América do Norte.

A sua declaração oficial, que foi divulgada contra os desejos expressos da rainha, dizia a certo momento: "Depois de muitos meses de reflexão e discussões internas, escolhemos este ano fazer uma transição e começar a dar forma a um novo papel progressista no seio desta instituição. Tencionamos abdicar da posição de membros 'seniores' da família real e trabalhar para nos tornarmos financeiramente independentes, ao mesmo tempo que continuaremos a apoiar completamente Sua Majestade, a rainha." Eles desejavam "colaborar" com a rainha e o resto da família para que isto acontecesse. Esta escolha de palavras demonstrou claramente quão enfraquecida se tornara a posição da rainha. A ideia de um membro júnior da família real "colaborar" com a chefe de Estado em pé de igualdade deixou os historiadores, os funcionários régios e os comentadores abalados. Quando muito, a família real era uma hierarquia, não uma república de iguais.

A declaração de independência do casal, cerca de 244 anos depois da original, foi recebida com incredulidade pelo resto da família real e dos seus funcionários. Uma nova frente na guerra dos Windsor estava prestes a eclodir. A resposta indignada e baralhada do príncipe Filipe, embora cada vez mais incapacitado, resumiu os sentimentos de muitos, tanto dentro como fora da família. "Mas a que raio é que eles estão a brincar?" A ideia de um membro da realeza já não querer sê-lo nem aceitar a autoridade da rainha sem questionamento era simplesmente incompreensível, particularmente para um homem que sacrificara toda a sua vida no apoio à rainha e à manutenção da monarquia.

A soberana concordou com um encontro em Sandringham alguns dias mais tarde, entre ela, Carlos, William, Harry e os funcionários mais importantes. Estes receberam ordem de "agir com rapidez". Por uma vez ela não estava preparada para deixar o assunto arrastar-se como fizera com a separação da princesa Margarida e a perniciosa guerra dos príncipes de Gales que irrompera quando Carlos e Diana se separaram, em dezembro de 1992. Também não havia lugar para o "comportamento de avestruz", ou seja, o velho hábito da rainha de evitar realidades desagradáveis.

Desde o início ficou claro que a rainha queria arranjar uma solução operacional para acomodar os duques de Sussex e, ao mesmo tempo, manter a integridade da monarquia, particularmente em relação às finanças. A ideia de que Meghan e Harry podiam capitalizar a sua marca régia, Sussex Royal, por exemplo, não foi bem-sucedida. Seguidamente, contudo, conseguiram fazer acordos para si mesmos como indivíduos, o casal surpreendendo a família e o mundo com contratos de muitos milhões de dólares com a Netflix, o Spotify e outros outlets de média.

Embora as consequências da luta de poder nos bastidores não se tornassem de imediato evidentes, era claro que a autoridade da rainha tinha sido diluída

Numa calorosa e amigável declaração na sequência das conversações, a rainha disse: "Eu e a minha família apoiamos completamente o desejo de Harry e Meghan de criarem uma nova vida enquanto jovem família. Embora preferíssemos que continuassem a trabalhar a tempo inteiro como membros da família real, respeitamos e compreendemos o seu desejo de terem uma vida mais independente, continuando a ser uma parte valiosa da minha família."

Era claro desde o início das negociações que, se eles queriam liberdade, tinham de abdicar dos seus privilégios reais. Depois de muitos avanços e recuos, o casal concordou em pagar a renovação de Frogmore Cottage, a casa para onde se tinha mudado após o casamento, subscrever os seus próprios seguros, abandonar a marca Sussex Royal e prescindir dos patrocínios militares honorários de Harry, nomeadamente da sua posição como capitão-general dos Royal Marines, um posto que detinha desde 2017.

A 18 de janeiro, apenas dez dias depois do anúncio do afastamento de Meghan e Harry, o caminho para o futuro estava cartografado, redigido e aprovado. Embora Carlos e William tivessem, sem dúvida, pressionado as matérias, no final ainda foi a rainha que emitiu a declaração acerca da partida do casal real. Embora na sua declaração final a rainha dissesse esperar que o casal tivesse uma vida feliz, nem toda a gente era tão bajuladora. O desconforto e a tensão entre o quarteto outrora designado como os "Fabulosos Quatro", como os Beatles, esteve em exposição pública no Dia da Commonwealth, numa cerimónia na Abadia de Westminster, a 9 de março de 2020. Os irmãos mal trocaram uma palavra. Pouco depois, Meghan e Harry rumaram a ocidente, mantendo-se fora de vista numa mansão à beira da água, na ilha de Vancouver.

Tinham uma arma secreta já apontada assim que fizeram a sua grande fuga. Apenas seis meses depois do casamento, em dezembro de 2018, Harry mantivera conversações secretas num hotel de Londres com a rainha dos talk-shows, Oprah

Winfrey, uma convidada do seu casamento, acerca da possibilidade de uma entrevista. Quando voaram para o Canadá para passar o inverno, o contrato já estava garantido.

E então toda a gente começou a falar de Covid-19 e nada voltou a ser igual. Até existir uma vacina eficaz, os números impressionantes de mortos por Covid-19 na capital eram piores do que os da pior semana do Blitz em 1940, quando as bombas nazis lançaram a morte e a destruição sobre Londres, matando mais de 4 000 pessoas numa semana. Os serviços de saúde da linha da frente, enfermeiros e outros, alguns dos quais perderam a vida, eram comparados aos heroicos pilotos dos Spitfires que frustraram a invasão nazi. As noites de quinta-feira, às 20h, tornaram-se o momento de a nação mostrar o seu apreço, ficando à porta das casas para aplaudir estes profissionais.

Para a rainha, que vivera o Blitz, era o momento de recordar à nação o estofo de que eram feitos. Com o filho e herdeiro em Birkhall, na Escócia, sofrendo da doença, e o primeiro-ministro Boris Johnson internado no Hospital de St. Thomas no centro de Londres, onde acabou a lutar pela vida nos cuidados intensivos, a rainha falou a uma nação profundamente ansiosa e nervosa. Ao mesmo tempo, era um país unido em face de um inimigo comum. Embora a rainha pudesse encontrar-se no outono do seu reinado, estava perfeitamente posicionada para falar à nação com conhecimento e empatia. O seu discurso de domingo à noite, no dia 5 de abril de 2020, durou apenas quatro minutos mas o impacto foi duradouro, com a rainha invocando o estoicismo britânico, a coragem tranquila e a capacidade de enfrentar uma calamidade mortal com um sorriso que os britânicos tinham mostrado durante a guerra. Muitos dos 23,3 milhões que sintonizaram o que era apenas o seu quinto discurso especial não festivo, nos seus 68 anos de reinado, admitiram que tinham um nó na garganta e lágrimas nos olhos quando ela repetiu as famosas palavras da favorita em tempo de guerra, dame Vera Lynn: "Voltaremos a encontrar-nos."

Enquanto olhava para Meghan, de um país, de uma cor e de uma cultura diferentes, caminhando para o altar da Capela de S. Jorge, estava a testemunhar a construção da História

A rainha, que escreveu o discurso evocativo juntamente com o seu secretário privado sir Edward Young, começou por dizer: "Falo-vos num tempo que sei que é cada vez mais desafiador. Um tempo de disrupção na vida do nosso país: uma disrupção que trouxe dor a alguns, dificuldades financeiras a muitos e enormes mudanças na vida diária de todos."

Depois de agradecer aos que se encontravam na linha da frente, continuou: "Espero que nos anos vindouros todos sejamos capazes de nos orgulhar pela forma como respondemos a este desafio. E aqueles que vierem depois de nós dirão que os britânicos desta geração eram tão fortes como todos os outros, que as qualidades da autodisciplina, da determinação bem-humorada e tranquila e do companheirismo ainda caracterizam este país. O orgulho em quem somos não faz parte do passado, define o nosso presente e o nosso futuro."

Terminou com uma nota de incentivo: "Devemos encontrar conforto na ideia de que, embora ainda tenhamos mais para suportar, dias melhores voltarão: estaremos de novo com os nossos amigos; estaremos de novo com as nossas famílias; voltaremos a encontrar-nos."

Foi um discurso de esperança, consolo, inspiração – e resolução de aço. A sua longa experiência com crises e dramas deu às suas palavras a ressonância e a autoridade que uma voz mais jovem não teria tido. Ela foi a pessoa certa, com o discurso certo no tempo certo. Nesse momento a rainha foi, verdadeiramente, a voz da nação.

A partir daí, ela e o príncipe Filipe, que regressara de Sandringham, passaram os dias numa bolha protetora no Castelo de Windsor. Embora tivesse um staff de 22 pessoas, o casal acabou por passar mais tempo junto do que em qualquer outra época desde os primeiros tempos de casados.

A pandemia testou a engenhosidade de todos – incluindo a da rainha e da sua família. Durante toda a sua vida a rainha dedicara-se à atividade de acenar e apertar mãos. Como ela gostava de dizer: "As pessoas têm de me ver para crer." Agora já não. A rainha e o resto da família tiveram de se adaptar a um mundo de videochamadas e de falar por um computador ou um ecrã de televisão. Este era o novo normal. A rainha conseguiu manter-se em contacto com os seus súbditos através do próprio meio a que outrora se opusera: a televisão.

O seu neto príncipe Harry, ele próprio endurecido pela guerra no Afeganistão, tinha outra batalha para travar. Tratava-se do que ele considerava o tratamento injusto dado a Meghan e a si próprio pela família e pelos seus funcionários. Após várias conversas difíceis com membros da família e com servidores, concluíra que nunca poderia resolver os seus problemas de forma privada. À espera estava Oprah Winfrey, ansiosa por discutir as suas vidas régias. A conversa de uma hora, que foi transmitida em março de 2021, por uma vez correspondeu às expectativas. Foi bombástica, com o casal a acusar a família real de racismo, assim como de indiferença e de tratamento cruel em relação ao problema mental de Meghan, de isolamento e de "aprisionamento". Muitas das suas afirmações, tal como a sugestão de que eles se tinham casado formalmente três dias antes da cerimónia de casamento televisionada, foram demonstradas falsas ou exageradas. Isto magoou a rainha, que mostrara constante boa-fé e apoio a Harry, antes e depois do casamento. Ela ficou, como observou uma amiga de Diana, "desapontada" com o seu comportamento. A sua resposta formal foi classicamente SMR [Sua Majestade a Rainha] – modulada e amorosa mas firme – enquanto a sua frase "algumas lembranças podem variar" disse muito acerca da exatidão das recordações de Meghan e Harry. A decisão da rainha de investigar em privado as alegações de racismo indicou a direção que preferia tomar.

Mais uma vez a televisão provou que era um amigo para os tempos bons, maravilhosa para o espetáculo real e altamente perniciosa para a monarquia quando um membro da família real era colocado à frente de um microfone.

A Covid-19, porém, constrangeu tudo. Tal como Mountbatten, o príncipe Filipe dera-se ao trabalho de planear o seu funeral até à cor do Land Rover que haveria de levar o seu caixão. Quando morreu, na manhã de 9 de abril de 2021, apenas algumas semanas antes de completar 100 anos, os seus

Longa vida Durante sete décadas, Isabel II conheceu 15 primeiros-ministros e, dois dias antes de morrer, ainda recebeu a sucessora de Boris Johnson, Liz Truss (*foto em cima*)

elaborados planos seriam severamente reduzidos.

O seu falecimento foi descrito como "gentil e pacífico", deixando contudo a rainha, de acordo com o príncipe André, com "um grande vazio" na sua vida. Foi como se, disse a condessa de Wessex, "alguém o tomasse pela mão e lá foi ele". O seu funeral na Capela de São Jorge, no Castelo de Windsor, devido às normas da Covid-19, foi uma celebração limitada da sua vida. Apenas 30 membros da família puderam assistir à cerimónia e ver a rainha, uma minúscula figura vestida de preto, sentada à parte para fazer a sua última despedida. "Ver Sua Majestade sozinha", disse a condessa de Wessex, "foi pungente".

A cerimónia foi rápida e direta, como o próprio homem. Despachem lá isso, teria ele dito. A rainha seguiu os seus desejos, regressando aos deveres reais duas semanas após a sua morte. Depois do funeral foi fleumática e reflexiva, mas nunca ficou sozinha. Os membros seniores da família, particularmente Sophie Wessex, a mulher do príncipe Eduardo, eram visitas regulares do Castelo de Windsor. A chegada de Lilibet "Lili" Diana Mountbatten-Windsor, a filha de Meghan e Harry, a 4 de junho, foi uma bem acolhida adição ao clã, demonstrando mais uma vez que na morte também há vida, especialmente uma vida que exibia o nome familiar da infância da rainha, Lilibet. A princípio a rainha teve de se contentar com imagens online do bebé e não com o bebé verdadeiro.

Em contraste, as suas leais damas de companhia eram uma constante presença física. Na viagem para a despedida do príncipe Filipe, foi lady Susan Hussey, que conhecia a rainha desde 1960, que a acompanhou à Capela de São Jorge no Bentley do Estado. As damas de companhia não eram apenas servidoras sem vencimento mas verdadeiras amigas, que sofriam, elas próprias, a perda familiar. A rainha mostrou-se notavelmente estoica, como comentou a condessa de Wessex, "pensando sempre nos outros antes de si própria".

Era um comentário que já tinha sido feito acerca dela muitos anos antes, num tom de alguma admiração, pelo rude secretário privado do rei, Tommy Lascelles, durante a famosa viagem pela África do Sul em 1947. Ele estava acostumado a que os membros da família real pensassem neles antes dos outros. Mas não Elizabeth Alexandra Mary Windsor.

Ela tornou-se uma jovem adulta durante a guerra, testemunhando em primeira mão as muitas formas de bravura. Durante esses dias negros, de dificuldades e sacrifício, a sua inabalável fé cristã iluminou-lhe o caminho. A sua tranquila convicção sustentou-a durante os muitos desafios que enfrentou, muitos ainda em tenra idade.

As suas próprias recordações do Dia da Vitória, dançando com estranhos na multidão, não a abandonaram ao longo de toda a vida, assim como os seus dias vivendo como mulher de um marinheiro em Malta, com a esperança e a expectativa de uma vida normal estendendo-se diante dela.

Normal era uma palavra que ela apreciava. A sua vida era unicamente privilegiada mas unicamente constrangida, sempre a olhar de dentro para fora. Nunca permitiu que o seu coração dominasse a cabeça e, contudo, ironicamente, foram os assuntos do coração que definiram o seu reinado. O protocolo e a tradição foram a sua rede de segurança – e os tempos provaram a sua destruição, sobretudo após a morte de Diana, a princesa de Gales.

O instinto inicial foi o de se fechar e de se retirar, mas mais tarde na vida foi muito mais ela própria, mais relaxada e desejando descontrair-se, o seu humor tão seco como os seus Martinis ao fim do dia. À medida que envelhecia, mais crescia a sua capacidade de surpreender.

Suportou quantidades excessivas de elogios e igualmente excessivas críticas, embora fosse uma conciliadora instintiva, uma seguidora do caminho do meio, um apóstolo da tolerância. Era sábia, astuta e, à sua maneira, sob a fachada ríspida, um coração mole.

Embora também ela sofresse com problemas de saúde, deixou claro que tinha tanta vontade de trabalhar como sempre. A perspetiva de, em 2022, se tornar a primeira monarca a celebrar o seu aniversário de platina, 70 anos no trono, era inegavelmente um grande incentivo. Durante o fim de semana do 70.º aniversário da sua subida ao trono, 6 de fevereiro de 2022, a rainha emitiu um comunicado oficial exprimindo o seu "desejo sincero" de que Camilla fosse coroada rainha consorte quando o príncipe Carlos se tornasse rei. Foi a indicação mais pública de que Sua Majestade desejava assegurar uma transição pacífica, ordeira e incontroversa.

A rainha Vitória conquistara o título de avó da Europa, enquanto a rainha Isabel II se tornara a avó do Reino Unido e da Commonwealth. A soberana com o reinado mais longo da História devotou-se à sua família, ao seu povo e à mais vasta família das nações. Através de muitos choques e surpresas que adornaram o seu reinado-recorde, ela nunca abandonou o serviço e a dedicação, observando pacientemente a caravana passar, muitas vezes com um brilho nos olhos. Nos tempos bons e nos maus foi uma presença constante, pronta para celebrar ou lamentar, a sua própria vida refletindo a jornada da ilha natal na guerra e na paz. Muito amada e imensamente popular, ficará na História, provavelmente, como a melhor rainha de sempre. visao@visao.pt

Educação

VEM AÍ O FIM DOS MANUAIS EM PAPEL. **E AGORA?**

O Governo quer acabar com os manuais escolares como os conhecemos e passá-los para o digital já a partir do próximo ano. Há quem aplauda a "modernidade" da ideia e quem olhe para o país que temos – as desigualdades já são muitas e assim podem aumentar. Acresce outra preocupação: vêm aí mais horas de ecrãs para os cérebros das nossas crianças?

— POR JOANA LOUREIRO

A desmaterialização progressiva dos manuais escolares está no programa do Governo mas quase nem se falou dela durante a campanha eleitoral. Traduzindo por palavras correntes: os manuais em papel vão acabar, sendo substituídos por manuais digitais aos quais os alunos acedem através de equipamentos que o Estado vai adquirir com os fundos do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), no qual está prevista a aquisição de 600 mil computadores de uso individual para alunos e professores. Esta substituição do papel pelo digital não acontecerá antes de 2025 embora, soube a VISÃO, possa ser introduzida já no ano letivo de 2023/2024 em alguns graus do ensino. O PRR prevê também um largo programa de formação em competências digitais que abrangerá os professores, confiando o Governo que a experiência do ensino remoto durante a pandemia terá contribuído para afastar alguns "papões" em relação às tecnologias numa classe envelhecida.
Mais difíceis poderão ser os "papões" das editoras, cujo negócio do livro escolar terá de sofrer uma transformação radical. Mas vamos por partes, até porque já existem projetos com essa experiência em curso e, no novo ano letivo, 12 mil alunos irão viver neste "admirável mundo novo" em que se estuda a olhar para um ecrã. Só no continente, houve 66 agrupamentos que se voluntariaram para integrar o projeto-piloto de manuais digitais, em turmas do 3.º ao 11.º ano.

Um relatório encomendado pela Direção-Geral da Educação à Universidade Católica, que agregava dados recolhidos junto das nove escolas que aderiram à primeira fase do Projeto-Piloto Manuais Digitais, no ano letivo de 2020/2021, dava notas globalmente positivas. E também algumas pistas sobre o que ainda estava por fazer, nomeadamente no acesso à internet dentro dos espaços escolares, uma das maiores queixas de alunos e de professores.

O Agrupamento Escolar Fernando Casimiro Pereira da Silva, em Rio Maior, foi um dos que quiseram entrar nesse pelotão da frente. "Tínhamos tradição e experiência no uso da tecnologia para fins educativos", justifica Paulo Almeida, o diretor. "Acreditávamos que era uma forma de aumentar a autonomia, a responsabilidade e a cooperação entre os alunos" e, de facto, é nesses aspetos que vê melhorias significativas, desde que foram introduzidos os manuais digitais.

Os fundos do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência) servirão para comprar 600 mil computadores de uso individual para alunos e professores

Começaram pelo 9.º ano, mas este ano letivo optaram por incluir dez turmas do 7.º e do 8.º anos, num total de 207 estudantes. "Negar o digital é negar o futuro. No início, era evidente a iliteracia digital dos alunos, mas ficou desvanecida com este trabalho", aponta Paulo Almeida. Dentro da classe dos docentes, foi fácil chegar a um consenso. "Alguns estavam mais afastados das ferramentas digitais, mas quando perceberam o sentido da sua utilização e tiveram o devido apoio, tudo correu dentro da normalidade", testemunha.

O EXEMPLO MADEIRENSE

Quem assumiu a dianteira na transição digital foi, no entanto, a Madeira. No ano letivo 2022/23, todas as turmas das escolas públicas da região autónoma entre o 5.º e o 8.º anos aderiram aos manuais digitais. Acrescem ainda

Experiência digital
No centro multimédia onde se produz a Escola Virtual, nas instalações da Porto Editora, a renovação dos conteúdos é uma constante

LUCÍLIA MONTEIRO

turmas do 9.º ano dos concelhos de Ribeira Brava, Calheta e São Vicente, assim como experiências-piloto no Ensino Secundário. No total, 9 275 alunos estão abrangidos.
O processo foi gradual e permitiu, ao nível da formação, "o constante ajustamento e a adesão dos docentes", que se revelaram "extremamente motivados para fazerem parte da implementação do mesmo", assegura Jorge Carvalho, secretário regional de Educação, Ciência e Tecnologia. A região tem a taxa mais elevada de lares do País com acesso à internet, o que facilitou o processo.

A Porto Editora foi constituída como principal parceira do Projeto Manuais Digitais (PMD), funcionando a Escola Virtual como plataforma base (a escolha dos manuais continua a pertencer às escolas) e, ao contrário do que acontece no continente, todos os equipamentos (neste caso, tablets) cedidos aos alunos são iguais e estão sob um controle central, tanto a nível da segurança como da gestão do software.

Fala-se do envelhecimento da classe docente como um entrave à mudança, mas a forma positiva como esta reagiu ao PMD foi uma surpresa para Nuno Jardim, diretor da EB 2, 3 Dr. Eduardo Brazão de Castro, no Funchal, onde houve a primeira experiência-piloto do arquipélago, no ano letivo 2018/19, com uma turma do 5.º ano. "Estava à espera de maior resistência, mas a sensibilização que fizemos durante a formação inicial foi muito importante", conta.

A formação, aliás, tem sido renovada no início de cada ano letivo. Mais do que uma mera transposição dos conteúdos dos manuais para o formato digital, pretende-se que os professores possam integrar práticas pedagógicas mais atrativas para os alunos. Ninguém é forçado, contudo, a usar e a abusar da tecnologia. "O professor é insubstituível e não há condicionamento da sua autonomia pedagógica. Costumo dizer que ainda temos o quadro e o giz, apesar de ninguém o usar."

Saber desligar também é necessário, até para acautelar os efeitos nocivos do abuso excessivo dos ecrãs. "O papel continua a ser usado, temos leituras obrigatórias, projetos na biblioteca escolar e outros que estimulam a ligação à escrita", assegura o diretor.

As mais-valias desta transição digital são, para Nuno Jardim, inegáveis. "Neste momento, sentimos que conseguimos agarrar os alunos. Estão mais motivados e participativos, trabalham melhor em equipa e as descobertas são imensas. Os manuais digitais permitem-lhes ver o mundo, ir a um museu, visitar Paris, observar os planetas... As aulas não vivem só do professor, por muito extraordinário que seja."

Além disso, segundo dados do Governo Regional, registou-se uma diminuição significativa (mais de 30%) dos episódios de indisciplina em sala de aula. Houve também "uma progressão positiva das taxas de transição nos anos abrangidos", adianta Jorge Carvalho, embora seja "abusivo estabelecer uma causa-efeito entre o PMD e os resultados alcançados".

Dados os diferentes contextos sócioeconómicos das famílias da Brazão de Castro, na periferia do Funchal, o grau de literacia digital era muito distinto. "Nem todos os pais conseguem ajudar os filhos nesta transição. Para não criar desigualdades, temos de ter uma classe docente muito atenta, que apoie estes miúdos. Mas os que têm retaguarda familiar continuam a ter vantagens", afirma Nuno Jardim.

O ABISMO DAS DESIGUALDADES

As assimetrias do País são uma preocupação. Para Manuel Pereira, presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares, "a internet não é universal nem democrática. Para muitas famílias, o dinheiro gasto neste acesso faz falta para pagar o pão. A escola pública tem a obrigação de dar as mesmas condições a todos os alunos e, enquanto isso não for possível, não se pode falar em sucesso".
O também diretor da Escola EB 2, 3 General Serpa Pinto, em Cinfães, no distrito de Viseu, está longe de ser avesso às novas tecnologias. Esta foi a primeira escola pública do País a

O QUE DIZEM ALUNOS E PROFESSORES

CONCLUSÕES RETIRADAS DO RELATÓRIO SOBRE O PROJETO-PILOTO DE DESMATERIALIZAÇÃO DE MANUAIS ESCOLARES, FEITO PELA UNIVERSIDADE CATÓLICA EM DEZEMBRO 2021 COM DADOS RECOLHIDOS EM OITO AGRUPAMENTOS E UMA ESCOLA

26%

DOS PROFESSORES GOSTAM MAIS DE USAR MANUAIS EM PAPEL, 52% gostam de ambos e 18% preferem os manuais digitais

40%

DOS PROFESSORES JÁ DOMINAVAM ALGUMAS FERRAMENTAS DIGITAIS, mas não estavam muito à vontade, enquanto 30% se sentem à vontade

8%

DOS ALUNOS DOS 5.º, 6.º E 7.º ANOS referem ter muita dificuldade em usar os manuais digitais, assim como 6% dos alunos dos 9.º e 10.º anos

A SAGA DA FALTA DE PROFESSORES

Apesar das medidas tomadas pelo Ministério da Educação, a escassez de docentes continua a marcar o início das aulas

O ano letivo arranca esta semana com uma nuvem negra no horizonte, a da falta de professores. Por preencher ficaram 600 horários, ou seja, cerca de 60 mil alunos terão pelo menos um docente em falta. "Do conjunto de horários pedidos pelas escolas em agosto na primeira e na segunda reservas de recrutamento, colocámos professores face a esses pedidos em 97% dos casos", diz João Costa, o ministro da Educação, mais interessado em valorizar o que já foi feito, "uma melhoria de 40%", em comparação com estimativas alarmantes conhecidas em março. A tempestade foi anunciada por Luísa Loura, diretora da base de estatísticas da Pordata: neste arranque, cerca de 100 mil alunos do ensino obrigatório não teriam professor a, pelo menos, uma disciplina. A possibilidade de haver a renovação de horários de professores contratados, a redução das mobilidades (com a alteração do regime), a majoração de horários incompletos, a permissão de docentes que tinham recusado horários voltarem a candidatar-se ou o recurso mais rápido à contratação direta pelas escolas, nomeadamente com a oportunidade de as vagas serem preenchidas por licenciados não especializados (sem mestrado de ensino), foram algumas das medidas tomadas por João Costa para fazer face a esta carência.

A curto prazo, atacou-se o problema. Mas ainda há muito por fazer. Um estudo realizado por investigadores da Nova SBE mostrava que, até 2030, será necessário recrutar 34 mil novos professores, com a escassez a estender-se a todas as disciplinas e geografias do País. "O ministro da Educação não enfiou a cabeça na areia, reconheceu o problema e tomou medidas. Pode ter boas intenções, mas se não forem acompanhadas pelo Ministério das Finanças, não vingam", alerta Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP). "Há uma questão estrutural, é preciso tornar a carreira mais atrativa. Tem de haver um investimento nos recursos humanos, com medidas como o aumento dos rendimentos, o apoio às deslocações... Se isto não acontecer, vai agravar-se o problema", acrescenta.

De acordo com as colocações deste ano, divulgadas pela Direção-Geral do Ensino Superior, existem mais 14% de candidatos (1 167, no total) a professores nesta primeira fase de ingresso. Mas estas candidaturas não compensam a saída de docentes para a aposentação – mais de dois mil, só este ano letivo. Na última década, reformaram-se mais de 17 mil professores. A este número acrescem os mais de dez mil que abandonaram a profissão no mesmo período, segundo uma estimativa feita pela Fenprof. Agastados pelo trabalho intenso, exigente, burocratizado, com constrangimentos na avaliação de desempenho e falta de perspetivas de carreira, seguiram outros destinos. Agora, não será fácil trazê-los de volta às escolas. "Toda a problemática da falta de professores está ligada diretamente à carreira docente. É urgente valorizá-la", sublinha Mariana Carvalho, presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais.

usar *smart boards* em todas as salas de aula. Mas para integrar o agrupamento no projeto de desmaterialização dos manuais, precisaria que todo o território estivesse ligado à internet, o que ainda não acontece, sobretudo em aldeias remotas. "A digitalização é incontornável, embora o ideal fosse encontrar soluções intermédias", defende Manuel Pereira.

Já para Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos de Escolas Públicas (ANDAEP), estamos no momento ideal para avançar com a transição, uma vez que a pandemia obrigou muitos professores "a dar à perna e, hoje, não prescindem do uso da tecnologia". "É bom que a escola pública não fique para trás e acompanhe a evolução da sociedade. A desmaterialização dos manuais vai criar mais motivação nos alunos, tornar as mochilas mais leves e é uma solução mais amiga do ambiente", sublinha.

Mas também defende "uma evolução paulatina", em que haja uma "coexistência entre o papel e o digital". A manutenção dos equipamentos levanta-lhe igualmente preocupações. "Estamos a falar de milhares de computadores a cargo de algumas escolas, tem de haver um técnico para fazer a manutenção, não podem ser os professores de TIC."

Ensino insular Todas as turmas do 5.º ao 8.º ano, na Madeira, já adotaram os manuais digitais

D.R.

um tablet, um computador ou uma televisão. Concluiu que, por cada hora extra de utilização de ecrã, a nota obtida descia nove pontos, o equivalente a passar de um "bom" para um "suficiente", por exemplo. A queda era mais notória quando se consideravam as variáveis de atividade física e comportamento sedentário. Por outro lado, quem dedicava mais tempo a atividades como a leitura obtinha melhores notas nos exames (em média, 23,1 pontos a mais).

Outros estudos sugerem o desenvolvimento de competências visuais em utilizadores de videojogos, associadas ao espessamento do córtex pré-frontal, no entanto, concluiu-se, elas não se generalizam fora do contexto do jogo. Ou seja, a solução não é proibir o acesso, antes assegurar que o tempo de utilização se mantém abaixo do limiar em que compromete o estado de saúde, o comportamento e as capacidades cognitivas quando o cérebro ainda está em formação.

Há também quem receie que esta transição digital contribua para um (ainda) maior afastamento das crianças e dos jovens da leitura. Essencial é ajudar os alunos a terem um olhar crítico sobre os meios digitais. O estudo *A Vida Digital das Crianças em Tempos de Covid-19: práticas digitais, segurança e bem-estar de crianças entre os 6 e os 18 anos*, coordenado pelo Joint Research Centre, da Comissão Europeia, e que inclui Portugal, revelava que 80,6% das crianças e dos adolescentes "passam demasiado tempo a usar a internet ou dispositivos digitais" e 76,8% "já tentaram alterar esse comportamento, sem sucesso". Para 26%, é comum deixarem de dormir ou comer para usar tecnologias digitais.

Já o estudo *Desigualdades Sociais entre as Crianças Portuguesas em Ecrãs de Dispositivos Tradicionais e Emergentes*, da Universidade de Coimbra, divulgado na revista científica *BMC Public Health*, mostrou que 73,1% das crianças em idade pré-escolar passam mais de uma hora diária com os olhos postos no ecrã (154 minutos, em média), valor que sobe para 200 minutos em idade escolar.

Ansiedade, impulsividade, dificuldades de concentração, sedentarismo, obesidade, más posturas (como o "pescoço de telemóvel") e socialização escassa são alguns dos efeitos secundários, alertam os psicólogos. Além de menor conexão com os irmãos.

Para Paulo Almeida, o diretor da escola de Rio Maior, os fundamentalismos são perigosos e há que estar atento a más utilizações dos recursos educativos digitais. "Têm de ser instrumentais e só fazem sentido se estiverem a nosso favor. Pode cair-se no exagero. É preciso não esquecer o lápis, a leitura, ir para a rua."

OS BENEFÍCIOS DO PAPEL

Não deixa de ser curioso que, em Silicon Valley, nos Estados Unidos, onde estão sediadas empresas de tecnologia como Google, Facebook e Microsoft, muitos pais procuram escolas que banem o uso de ecrãs nas salas de aula. Chegam, inclusive, a exigir que as amas assinem contratos em que se comprometem a não utilizar dispositivos digitais junto dos seus filhos.

Alguns estudos mostram que a concentração e a capacidade de compreensão são favorecidas com a leitura em papel. No livro *A Fábrica de Cretinos Digitais – Os Perigos dos Ecrãs para Os Nossos Filhos*, o neurocientista Michel Desmurget, diretor de investigação no Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica, em França, adota um discurso alarmista: "Provavelmente, nunca na História da Humanidade foi realizada uma tal experiência de descerebralização em tão grande escala." E revela como o abuso do digital pode prejudicar o desenvolvimento, "da linguagem à concentração, da memória ao quociente de inteligência, da sociabilidade ao controlo emocional".

A equipa da investigadora inglesa Kristen Corder avaliou o consumo digital em adolescentes, verificando que passavam quatro horas por dia, em média, a olhar para um smartphone,

Em Portugal, 73,1% das crianças em idade pré-escolar passam 154 minutos, em média, por dia, com os olhos postos no ecrã, valor que sobe para 200 minutos em idade escolar

A APOSTA NOS RECURSOS DIGITAIS

Os grandes grupos editoriais acompanham atentamente a evolução dos manuais esco-

João Costa

“Um manual digital não é um PDF do manual em livro”

A desmaterialização dos manuais escolares é para avançar, de forma progressiva, garante o ministro da Educação. Mas tem de ser acompanhada pela melhoria da qualidade da internet nas escolas

— SARA BELO LUÍS

Em semana de regresso às aulas, muito marcado pela “pandemia” da falta de professores, o ministro da Educação aceitou responder por escrito às perguntas da VISÃO sobre a desmaterialização progressiva dos manuais escolares, uma medida que, apesar de estar prevista no programa do Governo, tem sido pouco discutida pela sociedade em geral. E que está inserida num projeto mais vasto, a Escola Digital, o qual compreende quatro pilares: infraestruturas, ligação à internet, recursos pedagógicos e formação de professores. “Se uma destas peças falha, a Escola Digital falha”, diz João Costa à VISÃO.

Como vai ser feita a desmaterialização progressiva dos manuais escolares, prevista no programa do Governo? Em que fase estamos e quais serão as próximas fases?

Quisemos iniciar com um projeto-piloto, envolvendo acompanhamento das escolas e dos professores, para percebermos o ritmo que podemos ter na desmaterialização. Começamos com nove agrupamentos de escolas, em alguns casos apenas com uma ou duas turmas. Neste ano letivo damos um grande salto neste piloto, envolvendo já cerca de 12 mil alunos. Vamos iniciar um trabalho de preparação da desmaterialização, que acompanha outras medidas da Escola Digital previstas no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), para que a infraestrutura das escolas possa acompanhar este processo. A próxima fase é o trabalho com os produtores de conteúdo, os editores, para planearmos o faseamento da desmaterialização.

Há negociações em curso com os vários intervenientes, nomeadamente, com os editores e com os professores (por causa da formação)?

Todo o programa da Escola Digital tem tido como um dos seus pilares a formação dos professores. Um manual digital não é um PDF do manual em livro. É um conjunto de recursos mais vastos e de transformação da gestão do trabalho em sala de aula. Por isso, a formação tem sido importante. Com os editores, como já referi, iniciaremos o processo de calendarização.

O relatório da Universidade Católica feito a partir dos projetos-piloto dá conta, nas conclusões, de dificuldades relacionadas com o acesso à internet – nas escolas e também em casa. Como pretende resolver esta questão, que pode pôr em causa a eficácia da desmaterialização?

Por isso mesmo, referi que a desmaterialização dos manuais tem de ser acompanhada das restantes medidas previstas no PRR, em particular a melhoria da qualidade da internet nas escolas. Esse trabalho está em curso e é fundamental. Todo o programa da Escola Digital é desenhado de forma a que os seus quatro pilares se desenvolvam em paralelo: infraestruturas, conectividade, formação dos professores e construção dos recursos pedagógicos. Se uma destas peças falha, a Escola Digital falha.

Sabemos (até pela experiência recente do ensino remoto, durante a pandemia) como a digitalização pode acentuar as desigualdades. Esta questão preocupa-o?

O manual é apenas um recurso na escola e na sala de aula. O livro em papel estará sempre presente”

Não devemos confundir o que aconteceu durante a pandemia com o processo que está em curso. Durante o confinamento, houve aulas em ensino remoto, o que alimentou por vezes a ideia de que o digital era a alternativa ao presencial. Não é isso que temos como objetivo. Queremos o digital presente na sala de aula, no ensino presencial. Porque as competências digitais são essenciais e porque a diversificação de recursos educativos potencia melhores aprendizagens.

Que equipamentos vão ser utilizados (PC, portáteis, tablets...) e como será feita a sua manutenção?

Estão já nas escolas mais de um milhão de computadores. Estes são os equipamentos que já estão a ser utilizados para os manuais digitais nas escolas-piloto. As empresas têm vindo a fazer as reparações e substituições necessárias.

Nas conversas com a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), pretende sensibilizar os editores para a necessidade de criar novos manuais, isto é, adaptados às plataformas em que vão ser utilizados, e não apenas transpostos a partir das versões dos manuais em papel?

As editoras já o fazem. Aliás, generosamente, cederam esses instrumentos durante a pandemia. Os manuais digitais e os recursos a que os alunos já podem aceder com as licenças digitais todos os anos distribuídas pelo Ministério da Educação são muito distintos do que seria a transposição simples dos manuais em papel.

Como sabe, existem muitos estudos que chamam a atenção para a questão de a capacidade de compreensão e concentração melhorar através da leitura em papel. Ao desmaterializar os manuais escolares, estamos a promover ainda mais ecrãs no dia a dia das crianças e dos jovens e, no fundo, a ir contra a ciência?

O manual é apenas um recurso na escola e na sala de aula. O livro em papel estará sempre presente. Temos vindo a dar uma cada vez maior centralidade às bibliotecas escolares nas políticas educativas, como as prioridades estratégicas da Rede de Bibliotecas Escolares para este ano letivo tornam evidente. **V** sbluis@visao.pt

71%

DOS DOCENTES NÃO TÊM UM ACESSO À INTERNET satisfatório nos espaços escolares

80%

DOS ALUNOS TÊM BOM ACESSO À INTERNET NAS SUAS CASAS. Em 9% dos lares, o acesso é feito com muitos problemas

31%

DOS ALUNOS DOS 5.º, 6.º E 7.º ANOS DISCORDAM, 29% CONCORDAM E 40% TÊM UMA OPINIÃO NEUTRA relativamente ao facto de os professores ensinarem melhor quando usam a tecnologia. Nos 9.º e 10.º anos, 21% consideram que os professores ensinam melhor e 29% referem que não há melhorias

45%

DOS PROFESSORES NÃO TÊM OPINIÃO DEFINIDA sobre se os resultados académicos serão melhores ou piores devido ao uso dos manuais digitais

lares. "Qualquer processo de digitalização da nossa sociedade é inevitável e a educação não pode passar ao lado. Para a Porto Editora, o que é importante é a conjugação dessa intenção genérica com a questão pedagógica, como é que a tecnologia se introduz no processo sendo potenciadora e não perturbadora", aponta Rui Pacheco, diretor da Escola Virtual, a plataforma de *e-learning* criada em 2005 pelo grupo editorial.

"O termo 'desmaterialização dos manuais' acaba por ser redutor, oferecemos aos utilizadores funcionalidades e potencialidades alinhadas com as novas orientações pedagógicas, com a aprendizagem colaborativa, com a flexibilidade curricular", acrescenta. Todos os anos, a editora investe cerca de dois milhões de euros na produção de novos recursos. "Temos o cuidado não só de dar apoio aos professores, mas também de acompanhar a evolução da situação, de forma direta e indireta", explica.

A mesma linha está a ser seguida pela Leya. "Temos vindo desde há largo tempo a fazer investimentos no desenvolvimento da componente digital em educação, tendo esse investimento sido muito reforçado nos últimos anos", responde a direção de comunicação do grupo editorial. Além de trabalhar com todas as escolas envolvidas no projeto-piloto de desmaterialização no continente, com acompanhamento próximo e formação dos professores, a Leya também colabora com as regiões autónomas.

O ritmo de integração das novas tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem tem variado entre as escolas-piloto. "Temos constatado realidades muito diferentes, que aconselham alguma ponderação e progressividade sustentada na aplicação destes novos modelos", defende Rui Pacheco. Mesmo dentro das escolas, há casos muito desiguais. "Quem já tinha o hábito de trabalhar com os alunos colaborativamente e já usava plataformas digitais de forma mais intensiva não revela problemas. Os outros precisam de mais tempo, isto é uma curva de aprendizagem."

O principal constrangimento continua a ser "o *mindset*, as pessoas devem pensar não na desmaterialização, mas na alteração da abordagem pedagógica e na adoção de estratégias diferentes: usarem ferramentas colaborativas, usarem os dados que decorrem do uso da plataforma para terem uma avaliação mais concreta e fidedigna dos alunos... Tem muito a ver com uma conectividade do digital que não existe no analógico".

E não esquecer que é verdade que podemos levar os alunos a Paris através do ecrã do computador. Mas também podemos pegar nele para lhes mostrar as cores do outono nas folhas das árvores. ***com Clara Soares** **V** jloureiro@visao.pt

UCRÂNIA CONTRA-ATACA

AMEALHAR TERRITÓRIO PARA O INVERNO

À tão propalada contraofensiva no Sul, as forças ucranianas acrescentaram uma operação-relâmpago no Norte e no Leste, que apanhou as defesas russas desprevenidas – mesmo na hora certa para Zelensky. O que ditará agora o relógio de Putin?

— POR RUI ANTUNES

N

Não sobrava muito mais tempo para a Ucrânia apresentar ganhos no terreno e dar um sinal de capacidade para repelir as tropas russas do seu território. Após meses de impasse, com escassos avanços e recuos das duas partes em conflito, o Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky sabia que não podia continuar a adiar a contraofensiva há muito prometida para a região de Kherson, no Sul do país.

Quanto maior a espera, é certo que mais armas e equipamento chegariam dos Estados Unidos da América e restantes aliados. Só que as chuvas do outono não vão demorar a transformar os campos de batalha em lamaçais, desacelerando qualquer tentativa de progressão. E, depois, vem o inverno gélido, com temperaturas abaixo de zero e muita neve que inviabilizam movimentações significativas no terreno.

Antes que o frio e os preços do gás façam aumentar a contestação na Europa ao apoio militar à Ucrânia – e às sanções impostas à Rússia –, o líder ucraniano precisava de um trunfo para agregar forças, dentro e, sobretudo, fora de portas. Essa tão desejada carta materializou-se não a sul, como poderia ser mais previsível, mas a norte, com a surpreendente reconquista, em menos de uma semana, da quase totalidade do território invadido na província de Kharkiv.

Somando alguns ganhos também reclamados na região de Kherson, desde o início de setembro até esta segunda-feira, 12, a Ucrânia

recuperou seis mil km^2 de território ocupado, segundo anunciou Zelensky numa das habituais declarações por vídeo. A maior parte dessa área, superior aos distritos de Lisboa e Porto juntos, também foi dada como perdida pelo Ministério da Defesa russo, que parece ter sido apanhado desprevenido pela operação-relâmpago lançada em Kharkiv.

AVANÇO SEM RESISTÊNCIA

Depois de furarem a linha da frente no Nordeste, os soldados ucranianos praticamente não encontraram resistência à medida que avançaram até ao obstáculo natural do rio Oskil, a poucos quilómetros da fronteira com a província de Lugansk, uma das autoproclamadas repúblicas do Donbas, a par de Donetsk. As cidades ferroviárias de Kupiansk e Izium, dois pontos estratégicos da ofensiva russa para a conquista de toda essa região do Leste da Ucrânia, caíram num piscar de olhos, face à retirada das tropas de Vladimir Putin.

De acordo com a versão oficial, o comando optou por "poupar vidas" e "reagrupar" os soldados em Donetsk, mas o recuo não parece ter sido assim tão planeado, tendo em conta a quantidade de material bélico que ficou para trás. Há também relatos do lado ucraniano segundo os quais foram encontradas refeições prontas em cima das mesas, vestígios de uma saída apressada.

O Norte da província de Kharkiv, que faz fronteira com a Rússia, também terá sido completamente libertado, a oeste do rio Oskil, pelas forças leais a Zelensky. Vitaly Ganchev, um oficial russo na região, contou a um canal de televisão que o contra-ataque ucraniano se fez à razão de oito soldados por cada defensor russo, justificando assim o recuo também nessa zona do conflito.

Pelo menos parte do sucesso da investida poderá estar relacionada com a deslocação de tropas russas para a defesa de Kherson. De tão propalada, a contraofensiva no Sul, agora apelidada de "operação especial de desinformação", poderá ter ajudado a desguarnecer posições conquistadas pela Rússia em Kharkiv.

> **Antes que o frio e os preços do gás façam aumentar a contestação na Europa ao apoio militar à Ucrânia, Zelensky precisava de um trunfo para agregar forças, dentro e, sobretudo, fora de portas**

Não foi só desinformação. Nas semanas anteriores, a Ucrânia investiu em ataques de longo alcance, por vezes a mais de 100 quilómetros da linha da frente, de modo a comprometer os abastecimentos às forças russas mais avançadas, posicionadas a norte do grande rio Dniepre. São disso exemplos os bombardeamentos de alvos logísticos, de depósitos de armas ou das pontes que ligam as margens do Dniepre.

Desde 29 de agosto, há igualmente movimentações no terreno, inclusive com alguns avanços ucranianos, mas também com relatos de inúmeras baixas. Numa primeira reação, o Ministério da

Destruição Balakliya foi das primeiras cidades reconquistadas no Leste. Ao lado, o que resta de um tanque russo e de uma casa ucraniana

Defesa russo classificou este esforço como "um miserável falhanço".

A FRONTEIRA DO INVERNO
A reconquista de tamanha extensão de território em tão pouco tempo é encarada pelo Ocidente como uma demonstração de força da Ucrânia – a maior desde que, no início de abril, levou à retirada da coluna militar de milhares de quilómetros que se dirigia para Kiev –, mas está longe de significar o colapso da invasão russa do país vizinho. A inteligência norte-americana, que, segundo o *The New York Times*, tem vindo a colaborar de forma mais próxima com os ucranianos, continua a valorizar o poderio russo na região, ainda "dono" de perto de um quinto do território original da Ucrânia.

O Ministério da Defesa britânico considera que, "provavelmente, as forças russas foram apanhadas de surpresa" com a contraofensiva ucraniana em Kharkiv, que se deparou com "um setor pouco protegido". Já o ministro dos Negócios Estrangeiros da Lituânia, Gabrielius Landsbergis, diz ter ficado provado que "a Ucrânia podia ter expulsado a Rússia há meses, se lhe tivesse sido providenciado o equipamento necessário desde o primeiro dia".

Até à chegada do inverno, é previsível que Zelensky tente reconquistar mais território, mas talvez tão ou mais importante será consolidar posições nas áreas agora recuperadas. Não está descartada a possibilidade de a Rússia contra-atacar nas próximas semanas, até porque o seu exército continua a tentar ganhar terreno noutras zonas das frentes sul e leste.

"A Rússia tudo fará para quebrar a resistência da

Deputados municipais viram-se contra Putin

Acusam-no de "prejudicar o futuro da Rússia e dos seus cidadãos" em petição para o destituir da presidência, sem nunca mencionar a guerra na Ucrânia

Um grupo de mais de 30 deputados municipais entregou, esta semana, na Duma (câmara baixa do Parlamento russo) uma petição a pedir a destituição de Vladimir Putin do cargo de Presidente. Numa iniciativa sem precedentes na história recente da Rússia, representantes da população eleitos em municípios de São Petersburgo (de onde Putin é natural) e de Moscovo, entre outros, assinaram a petição na qual acusam o líder nacional de "prejudicar o futuro da Rússia e dos seus cidadãos". Sem nunca mencionar a guerra na Ucrânia – tão-pouco a "operação militar especial" –, responsabilizam genericamente as "ações do Presidente Vladimir Putin" pela exigência agora levada ao Parlamento.

A notícia surgiu através de uma mensagem publicada na conta de Twitter de Ksenia Tortstrem, deputada no município de Smolninskoye, em São Petersburgo. Com o seu nome entre os signatários, ela fez questão de sublinhar que em momento algum o texto da petição tenta "desacreditar" o governo, numa tentativa de escapar ao argumento que tem levado à detenção de vários críticos do Kremlin. Aprovada em março, já no decorrer da guerra, a lei prevê penas até 15 anos de prisão para quem a violar.

TUDO DE NOVO NA FRENTE ORIENTAL

A contraofensiva das forças ucranianas permitiu a Kiev a reconquista de alguns territórios, tomados pelos russos nos primeiros meses da invasão

FONTE Institute for the Study of War and AEI's Critical Threats Project, 2022

Ucrânia, da Europa e do mundo neste inverno", perspetiva o Presidente ucraniano, antecipando ataques de mísseis contra "empresas e infraestruturas que asseguram o aquecimento na Ucrânia", por um lado, e temendo cedências dos aliados a Moscovo como forma de evitar eventuais cortes no fornecimento de gás russo, por outro. Para combater os primeiros, Zelensky apela aos parceiros ocidentais para que disponibilizem sistemas de defesa antiaérea mais eficazes.

A resposta imediata da Rússia à recente contraofensiva ucraniana já foi um sinal dado nesse sentido. Na noite de domingo, 11, várias cidades nas províncias de Kharkiv, Donetsk, Zaporíjia, Dnipropetrovsk e Sumy ficaram sem luz e sem água durante horas, devido a bombardeamentos cirúrgicos realizados a partir do Mar Negro.

Zelensky voltou a apelidar as forças russas de "terroristas", deixando uma mensagem de revolta na sua conta na rede social Telegram. "Ainda acham que somos [russos e ucranianos] um só povo? Ainda acham que nos podem assustar, quebrar e forçar a fazer cedências?", começava por perguntar, para de seguida escrever que "nem o frio nem a fome nem a escuridão nem a sede" eram mais "aterradores ou mortíferos" para os ucranianos do que a suposta "amizade e fraternidade" dos russos.

À imagem de outras ocasiões, coube a Dmitry Medvedev, ex-Presidente russo e atual "vice" do Conselho de Segurança, ripostar na guerra de palavras, garantindo, na mesma rede social, que só estão interessados na "capitulação total do regime de Kiev nos termos da Rússia".

Perante o êxito inicial fulgurante da contraofensiva ucraniana, volta a pairar o receio sobre qual será o próximo passo de Putin, agora mais acossado do que nunca

E AGORA, PUTIN?

Com posições tão extremadas, a diplomacia parece destinada a continuar em segundo plano nos próximos meses. Por agora, é no terreno que se conquistam argumentos para, talvez um dia mais tarde, serem jogados à mesa das negociações. Do lado ucraniano, Zelensky já veio assumir que até a Crimeia, anexada pela Rússia em 2014, é para "devolver". Do lado russo, afigura-se como inverosímil um cessar-fogo negociado sem a inclusão do Donbas e da Crimeia nas suas fronteiras.

Perante o êxito inicial fulgurante da contraofensiva em curso, volta a pairar o receio sobre qual será o próximo passo de Putin, agora mais acossado do que nunca. Não bastassem os recentes desaires no campo de batalha, as críticas à gestão da guerra sobem de tom no espaço mediático russo, no qual proliferam propagandistas alinhados com o regime.

Um antigo deputado da Duma (câmara baixa do Parlamento russo), Boris Nadezhdin, defendeu no canal de televisão NTV, controlado pelo Estado, que a Rússia devia encetar imediatamente negociações de paz, dada a "impossibilidade de vencer na Ucrânia" contra um exército motivado e equipado com armas ocidentais. Para surpresa ainda maior, nem todos os intervenientes do debate discordaram desta intervenção, embora o tom dominante fosse o da necessidade de intensificar a guerra.

As vozes críticas apontam, sobretudo, à ação do Ministério da Defesa, e não tanto ao chefe de Estado, diretamente. Ramzan Kadyrov, o líder checheno, disse que foram cometidos erros no terreno e que vai pedir explicações ao Kremlin. Já Igor Strelkov, um militar que esteve envolvido na anexação da Crimeia em 2014, insultou os comandantes das operações, acusando-os de subestimarem as forças de Kiev. Para reverter a situação, sugere bombardeamentos a infraestruturas fundamentais, como as centrais elétricas.

A pressão aumenta e espera-se uma retaliação de Putin face aos últimos desenvolvimentos. Mais do que uma resposta nuclear (não há movimentações nesse domínio, segundo os EUA), teme-se que o líder russo possa recorrer a armas biológicas ou químicas para recuperar o ascendente ou, então, que adote a velha tática de arrasar cidades inteiras indiscriminadamente, através de artilharia pesada e aviação, como já fez na Chechénia, na Síria e também na Ucrânia. Há ainda a central nuclear de Zaporíjia, cujo único reator em funcionamento foi desligado esta semana, para maior segurança das instalações, mas que constitui um risco para os ucranianos enquanto estiver nas mãos do invasor.

O facto de o jornal pró-Kremlin *Komsomolskaya Pravda* ter escrito, após as recentes perdas de território, que "não é a Ucrânia mas toda a NATO que está a combater" a Rússia pode ser um indicador de que Putin, com base nessa narrativa, se prepara para escalar as ações contra o país vizinho – mas também pode não passar de uma justificação para consumo interno.

Certo é que a guerra já leva mais de 200 dias e entrou numa nova fase, que a Rússia até pode querer "arrefecer" de modo a acentuar o desgaste da Ucrânia e dos seus aliados ocidentais. Importa também referir que, em novembro, haverá eleições intercalares nos Estados Unidos da América, que poderão ditar mudanças no Congresso que tornem mais difícil a aprovação de medidas de apoio militar aos ucranianos. E dentro de poucos dias, a 25, será a vez de os italianos irem às urnas para escolher um novo Parlamento – e as sondagens indicam que o próximo governo deverá incluir partidos que se opõem ao apoio europeu à Ucrânia. O inverno está a chegar. V

rantunes@visao.pt

Revolta Apesar dos perigos, a maior resistência vem das próprias mulheres afegãs, que têm saído à rua em protestos

GETTYIMAGES

Afeganistão, o grito de silêncio das inocentes

Em apenas um ano, as mulheres afegãs perderam as liberdades que tinham conquistado. Com o regresso dos talibãs, voltaram a ser proibidas de estudar ou de ter uma profissão digna. Mas não desistem: são as primeiras a revoltar-se

POR **ANGELINA JOLIE**
Atriz premiada com um Óscar e enviada especial do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados

Conheci recentemente uma jovem refugiada afegã em Roma a quem faltavam poucos meses para ser médica quando os talibãs derrubaram o governo em Cabul, em agosto de 2021. A irmã mais velha estudava Odontologia na universidade. As duas irmãs mais novas também eram alunas excelentes. Da noite para o dia, elas e 19 milhões de outras mulheres e meninas afegãs perderam o direito de frequentar o Ensino Secundário ou a universidade, o direito ao trabalho, a liberdade de movimento. Enquanto conversávamos, ela abraçou o pai, que durante décadas foi perito em desenvolvimento rural no Afeganistão. Ele deixou tudo para trás quando fugiu com a família. Com as lágrimas a caírem-lhe pelo rosto, ela disse-me que estava triste, não por ela, mas por todas as mulheres do seu país.

Muito antes do 11 de setembro, o apedrejamento, o chicoteamento e a exclusão das mulheres afegãs da educação eram motivos de indignação global. Para justificar a invasão do Afeganistão pela NATO, líderes norte-americanos e outros ocidentais defendiam que se restaurassem os direitos básicos das mulheres afegãs em simultâneo com a queda dos talibãs.

Ver como, nas últimas duas décadas, graças aos seus próprios esforços, as mulheres afegãs se ergueram – com o apoio de muitos homens afegãos – foi uma luz brilhante depois de anos de violência e sofrimento contínuos do povo do Afeganistão.

Há um ano, as mulheres afegãs eram médicas, professoras, artistas, agentes da polí-

cia, jornalistas, juízas, advogadas, membros do Parlamento e dirigentes políticas eleitas. Crianças afegãs enfrentavam corajosamente repetidos ataques suicidas nas suas escolas. A situação das mulheres nas zonas rurais era muito diferente, principalmente nas ainda sujeitas ao controlo dos talibãs, mas a sensação generalizada de progresso era inconfundível. Tudo isto voltou atrás a uma velocidade inimaginável.

As filhas do Afeganistão são extraordinárias pela sua força, pela sua capacidade de superação e pela sua agilidade. Conheci mulheres afegãs que, quando eram crianças, durante o primeiro regime [1996-2011] dos talibãs, se vestiam como rapazes para poderem ir secretamente à escola. Mais tarde, tornar-se-iam jornalistas e advogadas, contribuindo para a construção de um futuro melhor para o seu país, acreditando nas promessas feitas pelos seus líderes e pela comunidade internacional de que elas teriam uma voz garantida na sociedade afegã.

Essas promessas foram quebradas, e é difícil pensar numa traição maior. Mulheres voltaram a ser espancadas nas ruas ou levadas de suas casas à noite e torturadas; as cadeias do país voltaram a encher-se de prisioneiras políticas. Há relatos de meninas que são sequestradas para casamentos forçados com responsáveis talibãs. Como mulher e mãe, atormenta-me imaginar como as famílias afegãs, especialmente as que viveram a era dos talibãs nos anos 1990, se sentem impotentes. No entanto, apesar dos perigos, a maior resistência à reversão dos direitos das mulheres no Afeganistão não veio das potências estrangeiras, mas das próprias mulheres afegãs, que têm saído à rua em protestos.

É impossível não pensar que as tentativas de forçar as mulheres afegãs a isolarem-se em casa irão falhar a longo prazo. É tão óbvio que as mulheres afegãs são um recurso extraordinário para o seu país e para o lugar deste no mundo, e que a economia – e a sociedade como um todo – não funcionará sem a sua participação plena. A paz construída sobre a opressão das mulheres não é paz, mas uma sociedade constantemente em guerra consigo mesma.

É o cúmulo da futilidade – se não mesmo da cobardia – que as autoridades de qualquer país prendam e torturem mulheres cujo único crime é terem contribuído para o sucesso, a saúde, a estabilidade e a educação do seu próprio povo. E é absurdo, em pleno século XXI, que se discuta o tipo de educação "apropriada" para uma mulher, porque isso só revela que se tem medo do poder de uma mulher independente e de espírito livre.

É o cúmulo da cobardia que as autoridades de um país prendam e torturem mulheres cujo único crime é terem contribuído para o sucesso, a saúde, a estabilidade e a educação do seu próprio povo

Espero que os líderes talibãs possam entender o que perdem ao negar às mulheres afegãs o espaço para existirem livremente enquanto tentam atingir o seu potencial. Mas apavora-me a realidade que, provavelmente, as mulheres afegãs ainda terão de suportar e o tempo que estes sistemas repressivos ainda se manterão no poder.

UMA ESPERANÇA DISTANTE

Para os Estados Unidos da América e outros países seus aliados, o pior passo possível seria abandonar o Afeganistão por estarem exaustos depois de duas décadas [de guerra] e envergonhados com o seu fracasso. Devemos lembrar-nos dos motivos pelos quais nos envolvemos no Afeganistão; nenhum deles desapareceu. Tínhamos razão em ficar indignados com os maus-tratos a que eram sujeitas as mulheres afegãs na década de 1990, e hoje devemos continuar indignados.

Nos últimos anos, os Estados Unidos recuaram nas promessas que fizeram às mulheres afegãs, uma delas a de que não negociariam com os talibãs sem condições prévias sobre os direitos das mulheres ou a participação das afegãs na sociedade civil. Não devemos fazer mais concessões diplomáticas à custa das mulheres; pelo contrário, devemos procurar meios para as apoiar.

Há meninas proibidas de ir à escola que estão sedentas de aprender e que precisam de ajuda para prosseguir os seus estudos, online ou em escolas clandestinas. Há ativistas pelos direitos humanos escondidas que precisam de saber que não as esquecemos e que as autoridades serão responsabilizadas pela forma como as tratam.

Há mulheres em prisões que devem ser libertadas. Há organizações, no país e no exílio, que necessitam de assistência para continuar a manter vivos os direitos das mulheres no Afeganistão, e eu destaco a Rukhshana Media, que continua a relatar o destino das mulheres afegãs.

Também não devemos esquecer-nos dos seis milhões de refugiados e deslocados internos afegãos em luta pela sobrevivência, e cuja situação é cada vez pior devido à guerra na Ucrânia e à escassez de ajuda internacional. Esta é uma questão de interesse próprio e uma questão de princípio. Se alguma vez foi necessária uma prova de que existe uma ligação direta entre os sistemas que oprimem as mulheres e as ameaças à segurança internacional, basta ver como os líderes da Al-Qaeda se sentiram livres de retornar ao Afeganistão.

Às minhas amigas afegãs: acredito em vós, na vossa determinação e na vossa força. Sonho um dia visitar-vos com as milhas filhas, fazer amigos, viajar pelo vosso lindo país e vê-lo livre para decidir o seu próprio futuro. Tem havido vários capítulos na História do Afeganistão e muitos momentos sombrios. Este é um deles, sem dúvida. Mas tenho a certeza de que não é o capítulo final.

O sonho de um Afeganistão aberto e pluralista, que assenta nos esforços iguais e nas vozes livres de todo o seu povo, pode parecer – e ser, na realidade – uma esperança distante. Mas eu sei que é possível. Isto não acaba aqui. **V**

Droga, alterne e um procurador

Tribunal de Sintra absolveu suspeitos pelo crime de tráfico de droga, mas condenou-os por tentativa de corrupção a um magistrado do Ministério Público

— POR CARLOS RODRIGUES LIMA

"Muito interessante"; "top"; três, quatro, cinco estrelas. Estas são algumas avaliações partilhadas por (supostos) clientes do bar de alterne Check-in, situado em Agualva-Cacém, Sintra. Foi neste estabelecimento de diversão, tendencialmente noturna, que na primavera de 2016 se sentaram, na mesma mesa, o advogado, o condenado a nove anos de prisão efetiva e o procurador que o tinha acusado noutro processo. O primeiro de alguns encontros que, no início deste mês, foi fortemente censurado por um coletivo de juízes do Tribunal de Sintra, condenando, agora num processo por suspeitas de tráfico de droga, dois dos intervenientes por tentativa de corrupção ativa.

O motivo do encontro entre os três, organizado por Edgar Pires, dono do estabelecimento, segundo relatou à Polícia Judiciária o advogado Ricardo Alves, passaria por obter a colaboração do procurador Carlos Figueira para evitar o trânsito em julgado da condenação a uma pena única de nove anos de cadeia por dez crimes de recetação, sete de falsificação de documentos e quatro crimes de burla qualificada. O ambiente, continuou o advogado, ficou um pouco estranho, já que Carlos Figueira "se desculpou a Carlos Gonçalves por o ter acusado" noutro processo com ligação, o que resultou em condenação. "O próprio Carlos ficou constrangido com o pedido de desculpas", descreveu Ricardo Alves, outro dos condenados por corrupção ativa, juntamente com Pedro Baleizão.

A ligação entre o procurador, atualmente colocado no Tribunal de Execução de Penas de Lisboa, terá continuado nos anos seguintes. Em novembro de 2017, Carlos Gonçalves – apontado pelo Ministério Público como líder de uma organização criminosa que se dedicava ao tráfico de droga – começou a cumprir pena e terá voltado à carga junto do magistrado do Ministério Público. A partir da cadeia, o condenado deu instruções à companheira, Célia Gonçalves, para insistir com Ricardo Alves e Pedro Baleizão, por forma a consumarem o contacto. Desta vez, o objetivo passaria por encontrar uma maneira de libertar Carlos Gonçalves que já teria um plano de fuga gizado, uma vez que lhe foram apreendidos documentos de identificação brasileiros falsos.

Juízes afirmaram que mensagens do WhatsApp só podem ser lidas com autorização judicial. Provas sobre tráfico de droga foram anuladas

E tal terá acontecido novamente no bar Check-in, sendo que o Tribunal de Sintra deu como demonstrado o "apoio de Carlos Figueira" na elaboração de um recurso de revisão da pena, interposto em maio de 2019. Aliás, os juízes Paulo Almeida Cunha, Ester dos Santos e Susana Madeira referiram que, após ter submetido a peça processual através do CITIUS, o advogado remeteu-a por email ao magistrado do Ministério Público. Um ano antes, Carlos Gonçalves foi alvo de uma sanção disciplinar no Estabelecimento Prisional de Alcoentre, devido à posse de um ferro aguçado: sete dias de internamento em cela disciplinar. Os advogados do recluso, entre eles Ricardo Alves, deram entrada com uma impugnação judicial da medida, a qual foi notificada ao procurador Carlos Figueira, no Tribunal de Execução de Penas. Porém, o magistrado do Ministério Público não se pronunciou formalmente sobre a impugnação, o que, segundo o Tribunal de Sintra, se deveu ao facto de, nesta data, terem sido realizadas buscas ao advogado Ricardo Alves no âmbito do processo de Sintra.

Contactado pela VISÃO, Carlos Figueira recusou-se a comentar ou a prestar qualquer esclarecimento, aguardando pela conclusão do processo no Tribunal da Relação de Lisboa. Entretanto, fonte judicial recordou que, tal como aconteceu com o juiz Ivo Rosa – numa situação em que dois suspeitos falaram ao telefone sobre a hipótese de dar mil euros ao juiz para "fazer um trabalhinho" –, também neste caso se está perante "conversas de terceiros". "Em nenhum momento, o procurador pediu ou disse aceitar dinheiro", referiu a mesma fonte.

A investigação recolheu ainda indícios de outros encontros: um num escritório nas Amoreiras e outro no próprio gabinete do procurador, no Campus da Justiça, os dois locais em Lisboa. Certo é que o dono do bar declarou ainda ter estado com Carlos Figueira e Pedro Baleizão a jantar no restaurante O Pilecas, também localizado em Agualva-Cacém. Pelo meio, a Polícia Judiciária intercetou chamadas entre os suspeitos com referência a que era necessário dar "umas amêndoas" ao procurador, enquanto este, numa conversa com um segundo advogado – que lhe revelou estar a trabalhar na libertação de Carlos Gonçalves –, terá

PGR Depois do procurador Orlando Figueira (*ver caixa*), a procuradora-geral da República, Lucília Gago tem outra suspeita de corrupção no seio do Ministério Público. Encontros suspeitos decorreram no bar Check-in, em Sintra

referido ao telefone: "Se tu estás no filme, vamos os três comer", uma frase interpretada pelo tribunal como uma referência a um pagamento a ser dividido por três: Carlos Figueira, Ricardo Alves e o "novo" advogado não identificado.

"É inquestionável que os advogados e os procuradores possam trocar ideias entre si sobre as mais variadas questões jurídicas", escreveram os juízes, salientando que isso "até será salutar para a vida e para a cultura judiciária". A investigação do processo, contudo, "revelou algo mais do que uma mera discussão jurídica entre profissionais do foro". "O magistrado do Ministério Público em apreço", continuaram Paulo Almeida Cunha, Ester dos Santos e Susana Madeira, "encontrou-se a título particular com Carlos Gonçalves (...) e aceitou ser remunerado em dinheiro ("amêndoas") por este, em troca de aconselhamento jurídico e intervenções no âmbito de vários processos pendentes ou a instaurar".

TRÁFICO ANULADO

Apesar da condenação por tentativa de corrupção, os arguidos livraram-se dos crimes com penas mais pesadas, como o tráfico de droga, associação criminosa e branqueamento de capitais. É que se o tribunal censurou fortemente a alegada tentativa de corrupção, já com os indícios de tráfico foi mais condescendente, mostrando-se até intransigente com a legalidade formal das provas obtidas.

A atenção dos juízes centrou-se, sobretudo, nas apreensões e posterior análise dos telemóveis, nos quais se encontravam comunicações comprometedoras, equiparando as mensagens do sistema WhatsApp ao correio eletrónico, cuja abertura e integração do seu conteúdo num processo-crime estão dependentes de autorização de um juiz. Ora, no processo, durante a fase de investigação, os inspetores da Polícia Judiciária tiveram autorização para a apreensão dos aparelhos e cópia do conteúdo. Porém, o Tribunal de Sintra entendeu que estas comunicações – "de natureza semelhante a mensagens de correio eletrónico", escreveram os juízes – "não foram especificamente levadas ao conhecimento do juiz de instrução criminal", tendo sido incorporadas no processo apenas com a concordância do Ministério Público.

Para o tribunal, há muito que os telemóveis deixaram de ser meros aparelhos para efetuar e receber chamadas. Atualmente, "são verdadeiros sistemas informáticos, através dos quais os utilizadores comunicam entre si, incluindo mensagens de correio eletrónico em sentido estrito ou mensagens de natureza semelhante, como o WhatsApp". V clima@visao.pt

Os tais dois pesos...

Juízes afastaram Rangel; Orlando Figueira continua no ativo

Descubra as diferenças

Enquanto o Conselho Superior da Magistratura não esperou pelo resultado do processo-crime contra os juízes Rui Rangel e Fátima Galante, expulsando o primeiro da magistratura e aposentando compulsivamente a segunda, o Conselho Superior do Ministério Público ainda não tomou qualquer decisão em relação ao procurador Orlando Figueira, condenado a seis anos e oito meses de cadeia, em primeira e segunda instâncias, por corrupção passiva, branqueamento de capitais, entre outros crimes, nomeadamente na *Operação Fizz*, por ter recebido dinheiro para arquivar uma investigação ao antigo vice-presidente de Angola, Manuel Vicente. Desta forma, e apesar de estar suspenso de funções há três anos devido ao processo-crime, Orlando Figueira continua a receber 3 500 euros/mês de ordenado como procurador da República, enquanto o processo disciplinar continua em "banho-maria" na Procuradoria-geral da República. Entretanto, a defesa já alegou que o inquérito interno prescreveu, uma vez que esteve parado durante muito tempo sem qualquer diligência efetuada.

Eurico Brilhante Dias

"Pensionistas? O Governo foi muito transparente!"

O líder parlamentar admite uma revisão constitucional e mexidas no IRS, no próximo Orçamento

— POR FILIPE LUÍS

Deputado eleito por Leiria, antigo secretário de Estado da Internacionalização nos dois primeiros governos de António Costa, Eurico Brilhante Dias, 50 anos, é licenciado em Gestão, doutorado em Ciências Empresariais e professor universitário. Exerce atualmente o cargo de presidente do Grupo Parlamentar do PS, na Assembleia da República.

Que balanço faz da sua experiência enquanto líder parlamentar do PS? Quais foram os piores e os melhores momentos?

Tem sido uma experiência muito boa. Para quem gosta de política, o Parlamento é um sítio fantástico. O melhor momento foi aquele em que chumbámos a moção de rejeição ao programa do Governo, apresentada pelo Chega. Diria que a aprovação do Orçamento do Estado também foi um momento central. E, para o grupo parlamentar, foi a apresentação da Lei das Ordens. O momento mais difícil foi durante a discussão na especialidade do Orçamento do Estado, quando tive de defender uma posição do grupo parlamentar e todos os grupos da oposição estavam contra.

Deteta mais crispação neste Parlamento?

Fui deputado no início da Geringonça, e a crispação estava presente. Tivemos momentos muito tensos. Recordo, por exemplo, a votação da moção de rejeição ao XX Governo Constitucional, o segundo governo de Passos Coelho, a sensação de eletricidade que andava no ar... Atualmente, existe uma tensão que é gerada e alimentada pela extrema-direita parlamentar e que tem de ser gerida com muito cuidado e saber.

Os grupos parlamentares que apoiam o Governo passam a sensação de "caixa de ressonância"... É uma leitura injusta?

A autonomia do grupo parlamentar é manifestada todas as semanas. Mas nós temos um mandato, e esse mandato está assente num programa eleitoral que foi votado pelos portugueses. A maioria absoluta é um programa de Governo com base no programa eleitoral. Não nos peçam para ter outro programa, porque isso não faz sentido.

Em termos comparativos com outros partidos mais pequenos, há uma menor produtividade legislativa...

Em número de iniciativas aprovadas, o grupo parlamentar do PS baterá quase todos os outros. Temos uma responsabilidade: eu não posso apresentar iniciativas legislativas que não sejam aprovadas. Vamos ter o debate orçamental dentro de um mês, e o Parlamento vai analisar umas mil propostas de alteração. Muitas serão inexequíveis. Naturalmente, os

Esta é uma versão resumida e editada da conversa. Veja a entrevista completa em vídeo no site da VISÃO em **www.visão.pt/irrevogavel**

grupos da oposição querem sinalizar as suas propostas políticas. O grupo parlamentar do PS não só tem a responsabilidade de dar seguimento às propostas de execução do Governo como a de apresentar projetos de lei e de resolução que façam sentido.

Existe algum canal de comunicação especial com o seu homólogo do PSD?

Tive uma excelente relação com o professor Paulo Mota Pinto, que permitiu que o arranque desta legislatura fosse estável. Há muito tempo que não se resolviam tão rapidamente alguns problemas que tínhamos em cima da mesa, como a designação de membros para alguns órgãos em que PS e PSD têm de se entender; fizemos uma lista conjunta para o Conselho de Estado e para a Mesa. Fizemos um trabalho que teve correspondência na votação final de alguns diplomas apresentados em julho e continuamos a trabalhar noutros documentos agora com o professor Miranda Sarmento e com os outros partidos da oposição. O professor Miranda Sarmento tem menos experiência do que o deputado Paulo Mota Pinto, mas naturalmente que temos de perceber que PS e PSD têm mais de quatro quintos dos deputados desta Assembleia.

O PS veria como útil uma revisão constitucional?

Estamos em período de revisão ordinária, mas devo dizer que não excluímos à partida um processo de revisão constitucional que resolva algumas questões. Não vou ocultar que esse processo, entre o fim da última legislatura e o início desta, está muito marcado por algumas iniciativas do partido de extrema-direita parlamentar, o que não é seguramente a melhor forma de abordar a questão. Mas também há outras matérias em que o PS tem tido posições muito claras, nomeadamente quanto à revisão do sistema eleitoral, e em que o PSD tem tido posições diferentes. Portanto, a abertura de uma revisão constitucional pode resolver algumas questões…

Nessa área, da lei eleitoral?

Precisaria da evolução da posição de alguns partidos, particularmente do PSD. O PS continua a considerar que a redução do número de deputados não é necessariamente útil para ter um sistema eleitoral mais equilibrado, por questões de representatividade e de proporcionalidade de alguns territórios. Não significa isto que nós próprios não tenhamos avançado e não admitíssemos que há formas mais inteligentes de ter uma associação entre o deputado eleito e a representação do círculo eleitoral. Levantou-se também uma questão que a lei dos metadados (atualmente, na especialidade) não vai resolver, porque há limites constitucionais e questões muito pontuais em torno da lei de enquadramento orçamental que têm vindo a ser suscitados pela quinta comissão e que temos de estudar com mais cuidado.

Há algumas vozes, nos pequenos partidos, mais vocais, mais exuberantes e mais experientes do que a sua ou a do seu colega do PSD. É difícil esse combate tribunício?

Não menosprezem os professores… Temos muitas horas a falar para públicos exigentes. E digo isto também em defesa do deputado Miranda Sarmento. Não menosprezem todas as horas de aulas que demos junto de um público muito exigente, no ensino superior. Já temos uns anos disto. Gritar não chega. É preciso explicar, e acho que os professores, aí, têm uma vantagem: somos treinados e temos experiência a explicar.

Então, vamos ver se conseguimos ter uma explicação sua para esta polémica com duas versões completamente diferentes sobre a questão dos pensionistas. Afinal, estão a ser enganados ou não?

A intenção de enganar é manifestamente injusta neste caso, porque enganar seria o Governo não ter sido completamente transparente sobre a forma como vão evoluir as pensões até 2023, e o Governo foi claro: senhores pensionistas, as vossas pensões serão integralmente pagas, mais 8% – metade em outubro e o resto até dezembro de 2023. A questão que se coloca a partir daí… 2025, 2026… Entendemos que é mais razoável gerar flexibilidade orçamental para 2023 e analisar a forma como vamos aumentar as pensões em 2024. Temos uma inflação muito significativa este ano (que se prevê que diminua em 2023), quando tivemos anos a dizer que o novo normal era não haver inflação…

E o senhor está a dizer que, mesmo nesse quadro, os pensionistas foram aumentados.

Os pensionistas foram aumentados acima da fórmula, durante seis anos. O meu ponto é dizer que, perante esta anormalidade, o Governo deve estudar muito bem os impactos que isso tem na sustentabilidade da Segurança Social, de forma a proteger as próprias pensões. Em janeiro de 2024, ninguém vai receber menos nominalmente do que em dezembro de 2023. Não consigo perceber onde está o engano.

Se a regra da aplicação automática do cálculo fosse cumprida, os pensionistas teriam aumentos na casa dos 7%, e o aumento para 2024 seria nessa base. Só depois da discussão que se gerou é que o Governo veio falar da sustentabilidade do sistema.

Está a ser um bocadinho injusto com o senhor primeiro-ministro, porque ele não terá dito "sustentabilidade da Segurança Social", mas falou de futuro. O Governo, quando antecipa e vai buscar dinheiro à margem orçamental para dar esta meia pensão – e eu não gosto da expressão "dar" –, antecipa o combate aos efeitos da inflação.

Neste pacote, não existem medidas fiscais dignas desse nome…

Estamos numa emergência e tínhamos de responder a uma realidade concreta e não a um elemento estrutural, porque isso não faz sentido num quadro de volatilidade. Nos combustíveis, não podemos viver o resto da vida sem uma taxa de carbono. As medidas devem ser conjunturais, e temos depois um Orçamento do Estado a discutir onde, no quadro fiscal, teremos de incluir questões sobre o IRS. O Governo respondeu bem. visao@visao.pt

Não excluímos um processo de revisão constitucional que resolva algumas questões. Melhorar a lei eleitoral pode ser uma delas

Realizadora de sonhos

Sofia Noronha quis ser atriz, mas encantou-se pelos bastidores do mundo do espetáculo. Agora, do portefólio da produtora de séries e filmes internacionais fazem parte House of the Dragon *e* Velocidade Furiosa

— POR SÓNIA CALHEIROS

Há dois anos que Sofia Noronha anda a carregar as malas. O esforço dos últimos meses de trabalho levou-a à exaustão. Aos 30 anos, e grávida de seis meses, prevê abrandar o ritmo no outono. "Cada projeto é uma paulada", desabafa. A produtora de séries e filmes internacionais esteve envolvida em duas megaproduções norte-americanas, cujas filmagens passaram por Portugal.

Em outubro de 2021, foi preciso montar uma espécie de operação militar para *House of the Dragon*, a prequela d'*A Guerra dos Tronos*, tomar conta da aldeia histórica de Monsanto, em Idanha-a-Nova. A missão, levada a cabo por mil profissionais, dos quais 600 estavam a seu cargo, incluía montar todo o equipamento necessário no castelo, desde *catering*, casas de banho, camarins... "Temos de ser altamente organizados e estruturados. E saber o que cada um está a fazer, quando, como e porquê."

Logo a seguir, integrou a ficha técnica de *Fast X*, o 10º filme da saga *Velocidade Furiosa*, que só estreará em 2023. Mas há um ano que a produtora estava envolvida no projeto que quis recriar em Portugal ambientes tropicais e de praia, como os do Rio de Janeiro.

Durante as cinco a seis semanas de rodagem, não bastou arranjar um carro para explodir, tinha de ser o bólide certo para dar piruetas no ar e explodir com muito impacto. Conseguir fechar a A24 ao trânsito, a autoestrada que liga Viseu a Chaves, durante o mês de julho, com explosões e helicópteros a sobrevoá-la, foi sem dúvida a tarefa mais difícil de sempre. Implicou, por exemplo, ser insultada ao fazer o pedido formal às autoridades competentes, escrever cartas ao Governo e sofrer muito stresse.

Nada a que Sofia Noronha não esteja habituada. Em Monsanto, já tinham tentado dissuadi-la de pedir apoio à Força Aérea, mas, determinada, insistiu e teve um avião e um piloto disponíveis durante cinco dias.

LIBRA A LIBRA

Como só adormece a ver televisão, mesmo trabalhando no meio audiovisual, Sofia Noronha não se cansa de ver com olho clínico o que anda a ser produzido e, ultimamente, prefere séries sobre histórias reais, como *WeCrashed*, *The Dropout* ou *Inventing Anna*. No cinema, nada como uma narrativa simples, como as dos filmes de Clint Eastwood.

Sofia Noronha "vende" Portugal como um local passível de recriar ambientes que vão das favelas brasileiras à sofisticação de Paris, passando pelos cenários medievais

Nascida em Lisboa, Sofia estava longe de imaginar o seu percurso nos bastidores das câmaras, apesar de a veia artística sempre ter sobressaído, sobretudo quando ela e os mais de 30 primos, nas férias de verão, representavam as peças de teatro escritas a preceito pela avó, Lourdes de Noronha e Andrade. Ao avô, que lhe chamava Sagesse (em francês, significa sabedoria), prestou-lhe homenagem, ao batizar a sua empresa de Sagesse Productions, no verão de 2020, quando a pandemia lhe trocou as voltas e a obrigou a vir para Portugal, indo morar novamente com os pais, um pintor e uma professora.

Aos 15 anos, decidida a ser atriz, ingressou na escola do TEC – Teatro Experimental de Cascais. Era uma "betinha", diferente dos outros jovens. Ali, aprendeu o método Stanislavski de representação, em que tinha de ir buscar as suas mais íntimas emoções para criar, e gostou de representar tragédia grega e *As Criadas*, de Jean Genet.

Aos 18 anos, a mais nova de quatro irmãs mudou-se para Inglaterra, ingressando na London School of Dramatic Art. Para aprender a falar inglês fluentemente, trabalhou em casa de uma família como ama das crianças, serviu no Nando's, cadeia de restauração internacional de frango assado, trabalhou no bar do teatro Lyric Hammersmith, e todo o dinheiro que recebia à semana era para pa-

> **Determinação**
> Grandes carros a alta velocidade nas estradas portuguesas, um feito conseguido pela produtora portuguesa Sofia Noronha para a saga *Velocidade Furiosa*

Quem é...

- Sofia Noronha
- 30 anos
- Nasceu em Lisboa
- Estudou no TEC – Teatro Experimental de Cascais, London School of Dramatic Art e University of the Arts London
- Morou no Reino Unido (Londres), Espanha (Cáceres, Tenerife), EUA (Los Angeles, Connecticut, Nova Iorque)
- Séries e filmes produzidos: *Fátima; The Unholy; The Covenant; A Town Called Malice; The Thief, His Wife and The Canoe; In From the Cold; House of the Dragon; Velocidade Furiosa X*

JOÃO LEMOS

gar o curso. "Foi pago com o meu suor. Das oito da manhã às seis da tarde tinha aulas. Depois, ia de bicicleta para o bar, trabalhar até às três da manhã. Era assim todos os dias."

Quando conheceu um agente que a levou a Angel, o bairro *hipster* londrino das artes emergentes e com uma forte onda criativa, ali começou a sua companhia de teatro. Depois de representar as peças online, incluindo novamente *As Criadas*, teve encenadores a dizerem-lhe que queriam trabalhar com ela como atriz. "Não é o dinheiro; se te mexeres, chegas lá", garante.

Nessa altura, já estava deslumbrada com a produção das suas peças: tratar do cenário, da música, da luz, pôr o *show* de pé. Seguiu-se o curso de produção televisiva e cinema na University of the Arts London, enquanto continuou a trabalhar como assistente em pequenas produtoras.

Para o projeto final do curso, idealizou *Once in Fado*, um espetáculo imersivo, apresentado no Village Underground de Londres, em que o espectador circulava por um cenário que recriava as típicas ruas da velha Alfama e as casas de fado – produção que apareceu em notícias da BBC e da *Time Out*.

INÍCIO ABENÇOADO

Em 2016, Sofia começou a trabalhar como produtora internacional no filme *Fátima*, de Marco Pontecorvo, com Harvey Keitel e Sónia Braga. Passou a ir aos grandes festivais de cinema mundiais, como Cannes, Berlim ou Toronto, vender Portugal como um "*secret spot*" original e com imenso potencial, passível de recriar ambientes de países menos seguros, favelas brasileiras, cenários medievais, aldeias abandonadas, casas coloniais e cidades europeias, como Paris.

Na Stopline, produtora de Leonel Vieira, abriu o departamento internacional para vender as séries de ficção portuguesas ao mercado estrangeiro. "É preciso vender Portugal como um país produtor de conteúdo", avisa. Daí que queira tornar-se uma produtora criativa, encontrar os guiões certos para produzir, criando conteúdos interessantes para apresentar às plataformas de *streaming*, "sempre mantendo a identidade nacional do conteúdo e do trabalho".

Em 2019, assentou arraiais em Los Angeles, e foi bater à porta da Netflix, HBO ou Amazon para dar a conhecer Portugal.

Sofia Noronha tenta sempre trabalhar com fornecedores portugueses, os que partilham a mesma visão de crescimento, mas, quando a procura excede a oferta, tem de ir a Espanha ou à Alemanha buscar equipamento. Outra das dores de cabeça é conseguir harmonizar os sistemas de fiscalidade e contabilidade de países como EUA ou Reino Unido com a burocracia portuguesa.

A crescer ao ritmo certo, devagar, a Sagesse Productions preferiu amealhar menos com a prequela d'*A Guerra dos Tronos* – uma estratégia para voltar a filmar a segunda temporada por terras lusas.

Na calha, para 2023, Sofia tem cinco projetos: dois britânicos e três norte-americanos (um deles independente, sobre uma história portuguesa). Resta saber para onde se vai mudar, agora com o primeiro filho, Oliver, também na bagagem. V scalheiros@visao.pt

Arte e mudança No campus da Nova SBE, em Carcavelos, foi inaugurada uma mostra de três obras da coleção novobanco relacionadas com o tema da sustentabilidade

MARCOS BORGA

Contagem final para a conferência ESG Talks

Lançada na semana passada, a conferência ESG Talks promovida pelo novobanco, em parceria com a VISÃO e a EXAME, realiza-se no dia 22 de setembro, na Nova SBE, e vai abordar os novos desafios ambientais, sociais e de governança

— POR PAULO M. SANTOS

Um primeiro encontro informal entre organizadores e promotores da conferência ESG Talks – Reconstruir o Futuro serviu de rampa de lançamento para o evento, que vai acontecer no dia 22 de setembro, nas instalações da Nova SBE, em Carcavelos.

Esta será a primeira de um ciclo de conferências que irão aprofundar algumas das temáticas do universo ESG, um acrónimo criado em 2004 pelo United Nations Environment Programme, que significa Environmental, Social and Governance (ambiente, social e governança corporativa) e que traça um conjunto de padrões orientadores para o comportamento de uma empresa socialmente consciente.

"Este evento tem tudo que ver com aquilo que a escola faz e gosta de fazer", disse Luís Veiga Martins, chief sustainability officer da Nova SBE.

Promovida pelo novobanco, a conferência tem como parceiros estratégicos a Nova SBE e a consultora PwC Portugal e, como media partners, as revistas VISÃO e EXAME, do Grupo Trust In News.

"É uma parceria que faz todo o sentido. Está muito alinhada com a visão que temos, de uma escola para um futuro melhor e mais sustentável. Temos a preocupação de acolher este tipo de eventos, e este, em particular, tem uma forma extremamente ativa da participação da comunidade académica. Permite que os nossos alunos possam aprender e perceber como é o mundo lá fora quando saírem deste campus e abraçarem as suas carreiras profissionais", salientou Luís Veiga Martins.

A conferência, que será inaugurada pelo secretário de Estado do Trabalho, Miguel Fontes, conta com vários oradores convidados, como António Pires de Lima, presidente do BCSD Portugal e CEO da Brisa; Peter Grassman, global ESG leader na PwC; Luís Laginha de Sousa, administrador do Banco de Portugal; Rui Miguel Nabeiro, CEO do Grupo Delta; João Bento, CEO dos CTT; Cláudia Lourenço, CEO da Procter & Gamble; Ana Casaca, head of Innovation da GALP; Isabel Ucha, presiden-

te da Euronext; Carlos Oliveira, CEO da Fundação José Neves; Nadim Habib e Rodrigo Tavares, ambos professores da Nova SBE (*veja o programa completo nas páginas seguintes*). O dia será dominado por três grandes painéis de debate, que abordarão temas como os desafios da transição sustentável numa economia de baixo carbono, o futuro do trabalho e a diversidade e igualdade de género nas empresas.

A ocasião serviu ainda para apresentar oficialmente o livro *The Art In a Time Of Ecological Disruption*, um projeto da International Association of Corporate Collections of Contemporary Art (IACCCA), com curadoria de Heidi Ballet. Neste livro, constam obras pertencentes à coleção do novobanco, que é a segunda com mais peças apresentadas.

"A arte e a cultura podem dar-nos outras perspetivas do mundo e ajudam-nos a compreendê-lo melhor. Trazem-nos um conhecimento que não se pode aprender numa folha de Excel, e isso pode fazer toda a diferença. Em vez de serem um corpo estranho para as empresas, podem ser uma forma de fomentar a criatividade, a diversidade de pensamento e a sensibilidade", afirmou Manuel Falcão, ex-jornalista e fundador da VISÃO, atual administrador não executivo da EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural.

ESG é uma sigla que significa Environmental, Social and Governance, ou seja, ambiente, social e governança corporativa. São indicadores de sustentabilidade, um conjunto de padrões para o comportamento de uma empresa socialmente consciente

"Esta iniciativa é, para nós, VISÃO e EXAME, um casamento perfeito. A VISÃO tem abordado, praticamente desde a sua fundação, os problemas da sustentabilidade. É uma temática que faz parte do ADN da revista. Por sua vez, a EXAME tem na sua génese, desde que foi criada, abordar áreas como a governança e o trabalho. Vamos ter muitos assuntos para discutir no dia 22. A mudança está a acontecer e vai acontecer com mais intensidade no futuro", disse Mafalda Anjos, publisher do Grupo Trust In News.

Em paralelo com a conferência, o novobanco inaugura uma exposição de fotografia na Nova SBE, com imagens relacionadas com a sustentabilidade e os problemas ambientais, que fazem parte da coleção de arte do banco, uma das maiores e mais importantes coleções privadas em Portugal.

Luísa Soares da Silva, administradora do novobanco, realçou que a instituição financeira tem há muitos anos uma forte ligação com a Cultura. "Esta é a terceira exposição que fazemos na Nova SBE. Desta vez, temos uma parte da nossa coleção com imagens que podem traduzir muitos dos problemas ligados ao ESG." A responsável salientou ainda a aposta que a instituição tem vindo a fazer na sustentabilidade, nomeadamente até na área da formação académica sobre o tema.

Já Luís Barbosa, partner da PwC Portugal, destacou o impacto que o ESG vai ter na economia, nomeadamente "as alterações dos padrões de consumo, a transformação dos processos produtivos das empresas", bem como o novo papel que a banca terá em apoiar este desenvolvimento sustentável. "Este é um tema central hoje, e certamente nos próximos anos", rematou o consultor. visao@visao.pt

MARCOS BORGA

Iniciativa Os parceiros da ESG Talks marcaram presença neste lançamento: Luís Veiga Martins, chief sustainability officer da Nova SBE; Luísa Soares da Silva, administradora do novobanco; Tiago Freire e Mafalda Anjos, diretores da EXAME e da VISÃO; e Luís Barbosa, partner da PwC Portugal

O que são os critérios ESG?

São padrões ambientais, sociais e de governança corporativa, que elevam o nível de compromisso das empresas com a sustentabilidade

E – ENVIRONMENTAL / AMBIENTAL

Conservação do mundo natural
- Mudanças climáticas e emissões de carbono
- Poluição do ar e da água
- Biodiversidade
- Desmatamento
- Eficiência energética
- Gestão de resíduos
- Escassez de água

S – SOCIAL

Pessoas e relações
- Género e diversidade
- Proteção de dados e privacidade
- Direitos humanos
- Satisfação do cliente
- Envolvimento dos funcionários
- Escolha dos fornecedores
- Relações comunitárias

G – GOVERNANCE / GOVERNANÇA CORPORATIVA

Normas para administrar uma empresa
- Composição dos conselhos de administração
- Leis do trabalho
- Remuneração
- Auditoria
- Regras anticorrupção
- Relações políticas
- Denúncia e *whistleblowing*

PROGRAMA

10H00 BOAS VINDAS
Luís Veiga Martins, Associate Dean for Community Engagement & Sustainable Impact da Nova SBE
Mark Bourke, CEO do novobanco

10H15 ABERTURA
Miguel Fontes, Secretário de Estado do Trabalho
António Pires de Lima, Presidente do BCSD Portugal e CEO da Brisa

10H40 O FUTURO DO TRABALHO
Anne Laure Fayard, Professora de Social Innovation na Nova SBE
Cláudia Lourenço, General Manager da Procter & Gamble Portugal
Paulo Teixeira, Country Manager da Pfizer*
Vanda de Jesus, Especialista em Transformação Digital
Moderado por: **Margarida Vaqueiro Lopes**, Editora da revista EXAME e autora da rubrica "Girl Talk"

11H30 A GESTÃO E O ESG
Nadim Habib, Professor na Nova SBE

11H50 DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE ESG?
Rodrigo Tavares, Founder and CEO do Granito Group // Adjunct Professor of Sustainable Finance da Nova SBE

12H10 DIVERSIDADE E IGUALDADE DE GÉNERO NAS EMPRESAS
Isabel Ucha, Presidente da Euronext Lisboa
João Bento, CEO dos CTT
Luísa Soares da Silva, Executive Board Member do novobanco
Moderado por: **Tiago Freire,** Diretor da revista EXAME

12H55 KEYNOTE
Luís Laginha de Sousa, Administrador do Banco de Portugal

14H15 COFFEE-TABLE TALKS
Daniela Afonso, Assistant Professor na Nova SBE
Filipe Alfaiate, Assistant Professor na Nova SBE
Teresa Gonçalves, Assistant Professor na Nova SBE

15H00 KEYNOTE GLOBAL
Peter Grassmann, Partner, Global Strategy & Leader and Global ESG Leader na PwC

15H20 O ATAQUE DOS AGITADORES
E: Como as organizações criam e gerem a ligação com os SGDs
Filipe Alfaiate, Assistant Professor na Nova SBE
S: Diversidade, Igualde e Inclusão - casos reais
Daniela Afonso, Assistant Professor na Nova SBE
G: A importância de ter mulheres em cargos de liderança
Teresa Gonçalves, Assistant Professor na Nova SBE

15H50 COMPETÊNCIAS E RESKILLING NO CONTEXTO ESG
Carlos Oliveira, Presidente da Fundação José Neves

16H10 OS DESAFIOS DA TRANSIÇÃO SUSTENTÁVEL NUMA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO
Ana Casaca, Global Head of Innovation da Galp
Carlos Brandão, Executive Board Member no novobanco
Rui Miguel Nabeiro, CEO do Grupo Delta
Moderado por: **Mafalda Anjos**, Diretora da revista VISÃO

17H00 A NATUREZA COMO INSPIRAÇÃO
Luísa Ferreira Nunes, Bióloga e Professora Investigadora na Escola Superior Agrária do IPCB

17H10 KEYNOTE NACIONAL
António Costa Silva, Ministro da Economia e do Mar

17H35 ENCERRAMENTO

*Sujeito a confirmação

INSCREVA-SE AQUI:

OPINIÃO

Marcelo no Brasil

José Carlos de Vasconcelos

— Fundador da VISÃO

1 As despudoradas, ética e politicamente criminosas apropriação e manipulação das comemorações de 7 de Setembro por Jair Bolsonaro, para a propaganda eleitoral da sua (re)candidatura à presidência do Brasil, já eram previsíveis, estavam até "anunciadas", mas ultrapassaram tudo o que se podia imaginar. E foi triste, foi-me mesmo doloroso, durante o habitual desfile militar em Brasília, ver o Presidente de Portugal ao lado de quem envergonha o seu país e sequestra a democracia.

A situação assumiu foros de impensável escândalo quando Marcelo foi temporariamente "substituído" no seu lugar por uma figura de papagaio desplumado, fato todo verde-vivo e gravata amarela: Luciano Hang, multimilionário financiador da campanha de Bolsonaro, a ser investigado criminalmente como um dos elementos do grupo que foi descoberto no WhatsApp a discutir um possível golpe de Estado, caso Lula vença as eleições...

Saído Hang, Marcelo continuou no seu lugar ao lado de Bolsonaro. E ambos foram fotografados tendo em baixo uma bandeira do Brasil, com slogans da campanha do candidato no seu círculo central. Findo o desfile, o Presidente brasileiro desceu da tribuna e fez um comício à sua maneira e ao seu nível. Com referências à "princesa", sua mulher, "mulher de Deus", e a si próprio e à sua virilidade: chamando-se "imbrochável", o que repetiu cinco vezes e "puxou para coro" dos apoiantes. "Imbrochável" não vem no dicionário, mas quer dizer "uma pessoa que não brocha, que não perde a potência sexual"...

Ouvido sobre esta "cerimónia" – a que os próprios presidentes do Senado, da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal não compareceram –, apesar de tudo o que se passou, Marcelo disse apenas que não tinha sentido "desconforto". Há duas semanas admiti aqui ser defensável, se não inevitável, a presença do Presidente de Portugal nas cerimónias no Brasil. Acrescentei, porém, ser "absolutamente indispensável que denuncie qualquer instrumentalização dessa presença em favor de Bolsonaro (...), que faça declarações e/ou tenha gestos, tome atitudes, que desde logo impossibilitem qualquer aproveitamento". Ora, o que se passou ultrapassou as piores previsões e, na circunstância, Marcelo não fez nem disse nada do que devia, antes declarou o que se viu. Lamentável.

Felizmente, na sessão no Congresso – a que Bolsonaro, por razões óbvias, à última hora não foi, e a única a que Marcelo devia ter ido –, o Presidente português interveio, foi o último a falar, a sua intervenção foi muito boa, aplaudida de pé por congressistas e numerosos convidados. A sua parte mais apelativa, e até vibrante, foi aquela em que repetiu, atualizou e ampliou o famoso discurso de António José de Almeida (referido na minha última crónica), quando há 100 anos foi ao Brasil agradecer-lhe ter-se tornado independente. E nem se esqueceu, por exemplo, de lembrar José Aparecido de Oliveira. As televisões portuguesas, algumas delas pelo menos, bem podiam ou deviam ter transmitido essa intervenção, o que julgo que nenhuma fez.

Enfim, e em síntese, para lá da lamentável posição, e/ou falta de posição, de Marcelo face ao que ocorreu em Brasília, a sua participação nas comemorações do bicentenário foi positiva. E, do ponto de vista das eleições de 2 de outubro, não creio que tenha beneficiado Bolsonaro. Pelo contrário – porque mais milhões de brasileiros tenderão a comparar os dois Presidentes e isso só pode desfavorecer o "imbrochável".

2. Este ano político, para usar a periodização dos anos letivos, de 2022-2023 mostra-se ainda mais cheio de problemas e de incógnitas do que os anteriores: finda a pandemia, persistem muitos dos seus efeitos e, mais relevante, temos a guerra da Ucrânia em pleno e suas consequências progressivamente mais graves, sobretudo para a Europa – entre elas uma inflação como há muito não existia, a excecional subida das taxas de juro do BCE e, no seu seguimento, da Euribor.

Nestas circunstâncias, creio não fazer sentido, e nem lhes trazer dividendos políticos, os partidos da oposição se encarniçarem numa luta contra o Governo, em vez de exercerem uma efetiva vigilância crítica e apresentarem alternativas sérias, factíveis, às suas propostas ou decisões.

V visao@visao.pt

À MARGEM

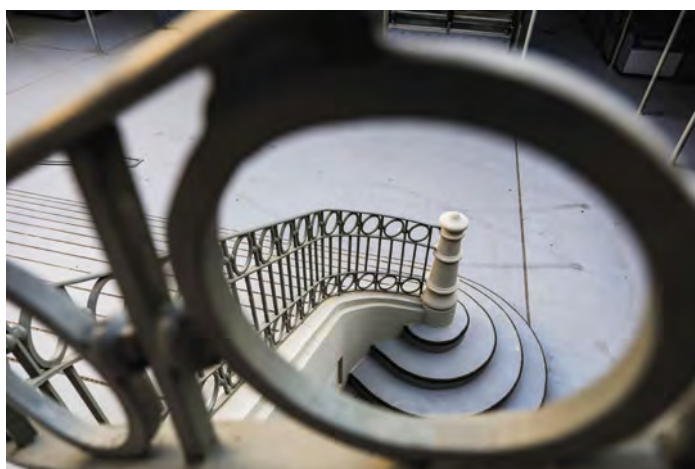
Quando no texto ao lado falo do que penso dever ser o comportamento das oposições nas atuais circunstâncias, considero, do mesmo passo, que isso pressupõe e exige o Governo apresentar com transparência, bem explicado, o que se propõe fazer ou faz – sem ocultar ou manipular nada, mormente elementos importantes para as tomadas de decisão. E por falar do Governo, duas notas:
1) penso que devia ser aplicada a tal taxa extraordinária aos lucros de empresas beneficiárias da atual situação;
2) na hora da sua saída, uma palavra de especial apreço para Marta Temido – é uma enorme injustiça esquecer ou desvalorizar o que fez durante a pandemia.

NESTA SEMANA > MARIA ANTÓNIA LEITE SIZA / NOVO ROMANCE DULCE GARCIA / VICTORIA GUERRA EM "SANTO"

VISÃO Se7e

Bolhão renovado

Quatro anos depois, reabre o mercado mais emblemático do Porto. As memórias e as novidades de um dos lugares mais importantes para a identidade da cidade

MalpiQueijo

MERCADO DO BOLHÃO REGRESSO A CASA

Quatro anos depois de ter fechado para obras de restauro, um dos edifícios mais emblemáticos do Porto reabre agora, com muitos dos comerciantes históricos que lhe deram vida. É um mercado renovado e (espera-se) com a alma de sempre

— POR **FLORBELA ALVES** TEXTO **LUCÍLIA MONTEIRO** FOTOS

< **Gerações**
No renovado Mercado do Bolhão, juntam-se comerciantes de antigamente, como a peixeira Maria Alice Ferreira (*ao lado, à direita*), com filhos e netos de vendedores, caso de Ermelinda Leitão, da Queijaria do Bolhão (*à esquerda*)

M Maria Alice Ferreira, 72 anos, está ansiosa por voltar à nova banca no renovado Mercado do Bolhão, nesta quinta, 15, onde vende peixe desde os 17. "Ó minha joia, estou mortinha. Já tenho meia trouxa arranjada", diz-nos, sorridente, apesar de as varizes nas pernas a impedirem de se mover com ligeireza. No encerramento do Mercado Temporário do Bolhão (no último sábado, 10), que, durante os últimos quatro anos, acolheu, do outro lado da rua, os comerciantes históricos do edifício de 1914, Maria Alice e os outros vendedores tentam escoar os produtos que podem para regressar ao Bolhão de sempre, agora de cara lavada, com melhores condições e uma nova arrumação.

Todo o mercado de frescos ficará instalado no terraço, numa modulação estruturada por setores e ruas, como se de artérias da cidade se tratasse: da Alegria, da Vitória, da Graciosa, da Saudade... No piso superior ficarão os três restaurantes que transitam de antigamente: Café D. Gina, Nelson dos Leitões e O Pintainho 36, ao lado dos novos e temáticos, como – sabe a VISÃO Se7e – o Culto do Bacalhau (nova marca dedicada ao bacalhau do grupo de O Paparico e Cervejarias Brasão, gerida pelo chefe de cozinha Rui Martins), o Madureira's (dedicado à francesinha) ou o Real Bolhão (de sushi), além de um de peixe e marisco e outro vegetariano. O setor da restauração, no entanto, só ficará pronto dentro de algumas semanas. Também no exterior, abrirão gradualmente as 38 lojas – 26 são de inquilinos anteriores, em que se inclui a centenária Casa Hortícola, que vende sementes desde 1921. A empreitada deu ao Bolhão uma nova arrumação e também duas novas praças: a da Formosa (na entrada principal, pela Rua Formosa), para onde foi deslocada a fonte que se encontrava a meio e onde foram colocadas duas barracas históricas como "garante da memória", e a do Metro, situada junto à escadaria e com entrada direta para a estação (uma acessibilidade até então inexistente). Mas há mais: uma rua interior (suspensa) que liga as ruas Sá da Bandeira e Alexandre Braga (passam a ser seis as portas de entrada no mercado), dez elevadores (não existia nenhum) e uma grande cave logística a partir da Rua do Ateneu Comercial do Porto, que obrigou ao desvio da linha de água a dez metros de profundidade – o edifício foi construído num terreno com um regato que, ao atravessar um lameiro, formava uma enorme bolha de água ou "um bolhão". Com a modernização do edifício, definiu-se também o licenciamento de produtos para venda (4 500) divididos em 22 categorias. Esta será, pois, uma nova etapa para o monumento de interesse público nascido em plena I Guerra Mundial, que assistiu à História do último século, casou famílias de comerciantes e ali

O Bolhão em números

50
MILHÕES DE EUROS
Custo final da empreitada, que soma os 26 milhões da obra à construção da cave logística, desvio da linha de água, indemnizações e compensações aos comerciantes

85
COMERCIANTES HISTÓRICOS
Antigos vendedores do mercado de frescos, restaurantes e lojas, que regressam ao mercado

79
BANCAS
Negócios de peixe, carne, legumes, frutas, flores, queijos, pão e bolos (56 históricos e 23 novos)

10
RESTAURANTES
Três históricos e sete novos e temáticos

38
LOJAS
Situadas no exterior, à volta do edifício (26 históricas e 12 novas)

5 630 m²
COBERTURA
Com a estrutura reforçada em madeira, foi revestida com soletos de ardósia

8 555 m²
FACHADA
O cinzento foi substituído pelo ocre, a cor original de 1914, que reproduzia o granito portuense exposto ao sol

viu nascer gerações.

As recordações de quem fica são imensas. "Foram tempos muito bons os que passámos lá. Trabalhava-se, brincava-se, mas nunca ficávamos cansados", lembra a peixeira Maria Alice. "Chegava de elétrico de manhãzinha, numa altura em que as galinhas entravam vivas à cabeça. Criei três filhos e cheguei a deitá-los em cima do frigorífico com uma manta. Éramos felizes", afiança. "Não quer nada, meu amor?", atira a quem passa e deita o olho aos robalos, douradas e marmotas. "Vou para lá, para não perder a banca, mas vou ver no que dá. Se não fizer dez euros, faço cinco", assume Alice, que já vai a caminho do terceiro bisneto e que, em 2017, se tornou "viral" nas redes sociais devido a uns "piropos" dados a Anthony Bourdain, quando o chefe britânico visitou o mercado para gravar um episódio da série *Viagem ao Desconhecido*. Nas últimas décadas, não houve quem não tivesse entrado no Bolhão – chefes de cozinha, atores, jogadores, escritores, mas sobretudo políticos, cativados por uma imagem que parecia ter parado no tempo (nos últimos anos, a decadência do edifício e das bancas transformadas em barracas era mais do que visível) e pela certeza de que era ali que se poderia conquistar eleitores ou atrair os holofotes.

"RECUPERAR A IDENTIDADE PERDIDA"

Quando Nuno Valentim começou a desenhar o projeto para o restauro e modernização do Mercado do Bolhão, obra iniciada a 15 de maio de 2018 pela Câmara Municipal do Porto, o arquiteto natural do Porto sabia que o maior desafio seria "a ponderação das decisões face aos dois maiores valores ali presentes: o material, arquitetónico e histórico no sentido do edificado, e o imaterial, que é o valor do uso, da atividade e das pessoas". Era necessário "atualizar a função de mercado" sem esquecer, porém, "a matriz identitária do edifício", construído no início do século passado pelo arquiteto António Correia da Silva, mas cujas origens remontam a 1837, com a construção de uma praça retangular. "Reintegrar ao máximo os materiais existentes" foi outra das preocupações. "Tudo o que foi possível foi reaproveitado: paredes, lajes, coberturas de madeira… A reposição das montras originais em ferro fundido foi um dos grandes trabalhos", salienta. Com a obra, tornou-se fundamental "recuperar a identidade perdida", aponta Nuno Valentim. Por exemplo, devolver a cobertura original de ardósia (a existente era

ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

uma imitação colocada nos anos 80), remover "construções espúrias, de barracos que perturbavam a leitura do valor histórico do edifício", ou os milhares de metros quadrados de azulejo branco corrente do início do século XX, cuja cor teve de ser reproduzida por diversas vezes.

No terraço, "as barracas foram substituídas por novas estruturas de venda, atualizadas com metal, zinco e vidro, inspiradas em estruturas de ferro do Porto, que fazem uma reinterpretação das originais e permitem que a venda seja mais confortável e mais higiénica", sustenta Nuno Valentim, especialista em reabilitação urbana e responsável por obras como a Casa Andresen/Galeria da Biodiversidade ou a premiada recuperação dos Albergues Noturnos do Porto. Em nenhuma outra, no entanto, assume ter sentido "o peso da responsabilidade de estar a mexer com a alma da cidade", desejando agora que, apesar dos "pequenos ajustes ainda a fazer face à atividade de cada um", o mercado funcione e que "os portuenses reconheçam o Bolhão de sempre". "Não há maior reconhecimento arquitetónico na cidade onde nasci, estudei e vivo do que ser convidado para reabilitar o Bolhão. Isto acontece uma vez na vida", confessa.

VELHAS E NOVAS GERAÇÕES

"O Bolhão é um símbolo da vida mercantil e da identidade da cidade", considera o jornalista e historiador Germano Silva. "Pelo colorido das frutas, pela configuração do local, tornou-se um lugar onde os turistas encontravam algum tipicismo. Hoje, está projetado para novas funções, tendo em conta o desenvolvimento turístico, mas espero que possa voltar a ser um lugar de convívio e de troca de ideias", afirma. Desse riquíssimo passado deu conta a mestre em História Maria Teresa Cirne, que, encorajada pelo facto de ter tido familiares que foram vendedores no mercado, demorou anos a recolher crónicas sobre "a vida diária no Bolhão" desde inícios do século passado. O resultado final há de vir a ser publicado em livro.

Nos últimos anos de turistificação da cidade, também os comerciantes do mercado centenário se foram adaptando à entrada de clientes estrangeiros. Na frutaria multicolorida de Paula Silva e do marido, Rui Silva (que herdou a banca dos avós), preparam-se na hora taças e sumos de fruta, com gengibre e outras raízes, para beber ali mesmo. Paula, 51 anos, mulher sem papas na língua e que entrou no mercado aos 13 para trabalhar numa peixaria, fica com os olhos marejados quando fala no

"O Bolhão é um símbolo da vida mercantil e da identidade da cidade", considera o jornalista e historiador Germano Silva

^ História A antiga praça de comércio a céu aberto de 1837/39 antecedeu a construção do edifício em 1914. A Salsicharia Leandro (*em baixo*) e a banca Maria do Álvaro (*ao lado*) são dois dos comerciantes históricos

Rostos Paula Silva (*à esquerda*) é a cicerone da Frutaria do Bolhão; Nuno Fernandes (*à direita*) é o relações-públicas do Café D. Gina, criado pela mãe há 29 anos

Cinco curiosidades históricas

1. **Génese**
A 1 janeiro de 1837, é construída uma praça retangular pelo arquiteto Joaquim da Costa Lima Júnior, com o comércio tradicional na parte exterior e o espontâneo no interior. Dois anos depois, são ali concentrados todos os mercados da cidade, exceto os da Ribeira e do Anjo.

2. **Edifício**
Obra do arquiteto António Correia da Silva (contemporâneo de Marques da Silva), de 20 de maio de 1914. As primeiras lojas vão a concurso um ano depois.

3. **Feiras**
O mercado acolheu a Feira dos Passarinhos (domingos de manhã) e a Feira dos Moços e das Moças (em abril e setembro), quando os donos das quintas contratavam homens e mulheres para a lavoura.

4. **Dias cheios**
As terças e os sábados eram de maior abundância de produtos, com o pão e a regueifa tradicional trazidos de Valongo, e as hortícolas dos campos de Gondomar, Póvoa de Varzim e arredores.

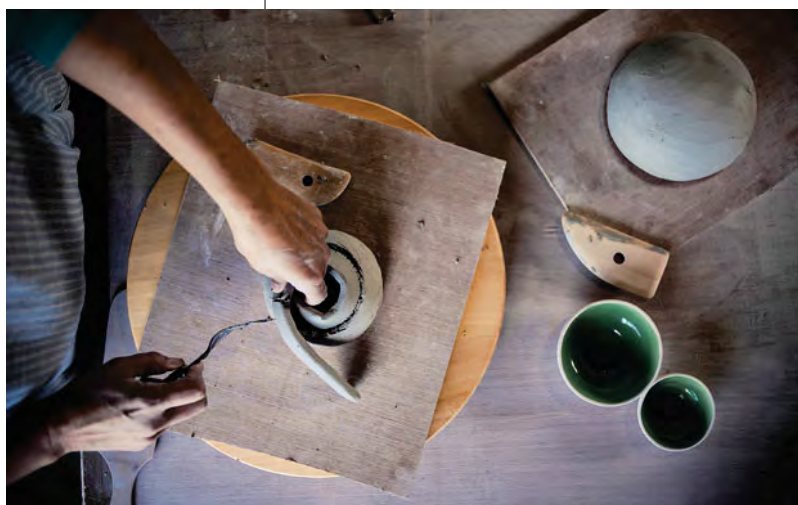
5. **Festas**
As comemorações da Páscoa (o padre levava o compasso ao Bolhão na Segunda-feira Pascal), do São João (em junho) e um concurso anual de beleza (Miss Bolhão) são apontados como grandes acontecimentos.

Era necessário "atualizar a função do mercado" sem esquecer "a matriz identitária do edifício", salienta o arquiteto Nuno Valentim

regresso ao Bolhão. "Estou ansiosa. O meu espaço está bonito, com melhores condições para trabalhar. O que mais me cativa é falar com os clientes. Tenho muitos certos, que conquistei neste mercado (no temporário) e que vão continuar a ir ao novo. E viva o Bolhão!", atira, em voz alta. Já na centenária Salsicharia Leandro – de onde saem as salsichas e linguiças frescas para muitas das casas de francesinha da cidade e para os cachorrinhos do Gazela –, fazem-se contas com fita métrica para ver como se há de arrumar mesas e máquinas de cortar na nova banca. "Tem menos espaço, vamos ter de nos ajeitar", lamenta-se Brilhantina Ferreira, 64 anos, mulher do dono, Vítor Ferreira. Mais adiante, também Maria da Conceição, 67 anos, conhecida como a Maria do Álvaro (em homenagem ao pai, que vendia batatas e cebolas), deseja voltar ao Bolhão (de onde saiu a chorar há quatro anos), para encher a banca de legumes. "Aí é que vou ver como ela fica!", diz. A partir de agora, terá a nora a ajudar no negócio de hortícolas, criado pela sexagenária desde "que se andava com os carretos [cestos] à cabeça". Certo é que os seus legumes e ervas aromáticas, oriundos dos agricultores da Póvoa de Varzim e de Sarzedo, Vila Nova de Gaia, conquistaram clientes fiéis, como hotéis ou os cafés históricos Majestic e Guarany.

O renovado Bolhão promete cruzar antigas e novas gerações de comerciantes. A Queijaria do Bolhão, por exemplo, passará a ter Ermelinda Leitão, 21 anos, a ajudar no negócio do pai e que nasceu com os avós. A jovem queria ter sido maquilhadora, mas rendeu-se à venda de queijos nacionais (Rabaçal, Azeitão ou Serra da Estrela, "o que mais se vende") e ao crescimento do turismo.

No Café D. Gina, um dos históricos que transitarão para o novo mercado (assim que as obras dos restaurantes terminem), Nuno Fernandes, 34 anos, é o cicerone da casa que a mãe, Virgínia Silva, abriu vai para 29 anos. "Desde os cinco que para aqui venho. Sou nascido na Ribeira, mas criado no Bolhão. O café tem dois pilares: o meu atendimento e a comida da minha mãe", diz, enquanto aconchega o estômago dos clientes com iguarias tradicionais portuguesas: iscas, tripas à moda do Porto, arroz malandrinho de grelos, de feijão-vermelho, de legumes ou ervilhas... Tudo feito com ingredientes comprados no mercado. Todos anseiam que o Bolhão, mais do que reabilitado e modernizado, continue a ser feito de pessoas, cores, cheiros, pregões (alguns picantes, pois!) e sons. Como os que saem da banca do amolador André Fernandes, 34 anos, enquanto afia as facas no negócio que herdou do pai e vai na terceira geração. Os quatro anos de duração das obras do Bolhão foram aproveitados para evoluir. "Registei a minha marca e, agora, além de afiar e consertar tesouras, facas e alicates, também faço facas e navalhas artesanais", conta-nos, satisfeito, a olhar para um futuro que ainda agora começou. ▮ falves@visao.pt

Fora

PEPE BRIX

O que há de novo para sair ou ficar em casa

Visitas pioneiras a lugares com vestígios arqueológicos, um ciclo de jazz ou a primeira bienal de artes e ofícios

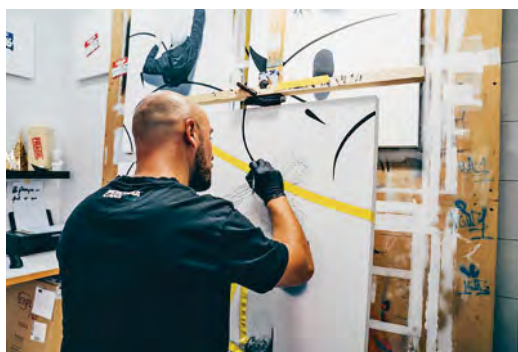
— Bienal

ARTES E OFÍCIOS

A primeira edição da Bienal de Artes & Ofícios – Novo Design começa nesta terça, 20, estendendo-se até 25 de setembro, em vários locais de Oeiras. Sob o selo Temporada Cruzada Portugal – França 2022, contará com uma programação diversificada, em que se destaca uma mostra com mais de 30 expositores representantes dos ofícios nas várias regiões do País, como cestaria, têxteis e couro, no Mercado Municipal, entre workshops e masterclasses. A destacar ainda uma conferência internacional com especialistas dos EUA, Suíça, Alemanha, Itália, França e Portugal, no Auditório Municipal Eunice Muñoz (dias 21 e 22).

— Exposição

UNDERDOGS X 2

Nesta sexta, 16, há duas estreias na galeria Underdogs, em Lisboa. Na área principal inaugura *Getting Up*, a primeira exposição a solo do artista português **Nuno Viegas**. Já no espaço Cápsula, estarão trabalhos do artista visual alemão The Art of Rage, que tem vindo a explorar os comboios como elemento urbano de eleição, e se apresenta pela primeira vez em Portugal com a mostra *Distortion,* integrada no Festival de Fotografia Contemporânea IMAGO Lisboa, com uma súmula de mais de 25 anos de intervenções no espaço público. Para ver até 22 de outubro.

CHRIS COSTA

— Restaurante

CLÁSSICOS DOS CAFÉS LISBOETAS

Depois da Sala de Corte, eleita a 50.ª Melhor Steakhouse do Mundo, pelo World's Best Steak Restaurants, e da abertura neste verão do restaurante Pica-Pau, no Príncipe Real, em Lisboa, o chefe Luís Gaspar volta a dar que falar. No novíssimo Brilhante (R. da Moeda, 1), no Cais do Sodré, o chefe servirá pratos clássicos dos cafés lisboetas, inspirados nas *brasseries* francesas, como bife à Brilhante, linguado *meunière* e arroz de lavagante.

— Música

JAZZ AO ANOITECER

Desta quinta, 15, a domingo, 18, os finais de tarde são dedicados ao jazz no relvado do Parque e Palácio de Monserrate, em Sintra. O ciclo Jazz em Monserrate tem início com Afonso Pais acompanhado por um trio de vozes em coro e a secção rítmica com João Hasselberg, no baixo, e João Pereira, na bateria. Segue-se o quarteto do saxofonista Tomás Marques (sexta) e o músico André Fernandes (sábado). Um dos momentos altos acontece no domingo com a atuação do Mário Laginha Trio (Laginha, Bernardo Moreira e Alexandre Frazão). Os bilhetes custam €15 ou €51 (quatro concertos).

— Arqueologia

VISITAS AO PASSADO

Neste fim de semana, 17 e 18, decorre a Open House de Arqueologia, organizada pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano. Durante dois dias, e pela primeira vez, casas particulares, lojas, hotéis e museus em Lisboa abrem-se para contar a sua história. Destacam-se as visitas aos fornos do século XIX, no Hotel Memmo Alfama (sábado e domingo 11h30 e 15h), os vestígios romanos, islâmicos e do século XVIII numa casa particular (sáb 15h30, dom 11h) ou as bancadas do Teatro Romano (sáb 12h, dom 16h30). Tudo grátis, mediante inscrição prévia.

— Festival

VINHO E MÚSICA

Em Lamego, Cambres, neste fim de semana, 17 e 18, o Douro &

Dentro

Porto Wine Festival promete "uma experiência sensorial" aos apreciadores de vinho e comida, com a música a dar uma ajuda. Junto ao rio Douro, poderá escutar Gipsy Kings by Diego Baliardo e Fafá de Belém (sábado), e Pedro Abrunhosa, The Stranglers, Tiago Bettencourt, Irma e Sons do Douro (domingo). Com curadoria do chefe de cozinha Miguel Castro e Silva, haverá *live cooking*, degustações e palestras com, entre outros, António Loureiro, Marlene Vieira, Tiago Bonito e Dirk Niepoort. Pelo recinto encontrará *food trucks* e pequenas *wine houses* com prova de vinhos da região duriense. Bilhetes entre €30 e €100.

— Filme

O MISTÉRIO BANKSY

O documentário *Banksy – Procura-se!*, de Aurélia Rouviere e Seamus Haley, sobre o mais misterioso artista urbano, é o filme do mês da Zero em Comportamento. Das cinco sessões em exibição em Lisboa, ainda há três a que se pode assistir (€4, bilhete): no Auditório Carlos Paredes (dia 22), na Biblioteca de Alcântara (24 set), e uma especial seguida de debate com a artista urbana Tamara Alves, na Biblioteca de Marvila (23 set).

— Televisão

FALAR DE MÚSICA

A pianista Joana Gama é a primeira convidada de *Tudo Menos Clássica*, a nova série de oito episódios da autoria do jovem maestro **Martim Sousa Tavares** que se estreia na RTP2, neste domingo, 18, às 22h50. Em 40 minutos de conversa, a música clássica serve de ponto de partida para se falar de outras artes, questões atuais e intemporais ou do que está a acontecer à nossa volta, sempre com um objetivo: "Sermos melhores a ouvir", deseja o maestro. A harpista Angélica Salvi e o acordeonista João Barradas serão outros convidados.

GALÁXIA STAR WARS

A nova série original da Lucasfilm, *Andor*, estreia-se em exclusivo no Disney + na próxima quarta, 21, com a exibição de três dos 12 episódios da primeira temporada. Nesta prequela do filme *Star Wars: Rogue One*, a história acompanha as aventuras e a vida do espião Cassian Andor, interpretado pelo ator mexicano Diego Luna, nos primeiros dias da rebelião contra o Império. A ação passa-se cinco anos antes e explora uma nova perspetiva da galáxia de Star Wars e a jornada de Cassian Andor para descobrir a diferença que ele próprio pode ter na rebelião.

DIANA TINOCO

— Rádio

BRASIL E PORTUGAL AO OUVIDO

No ano do Bicentenário da Independência do Brasil, a primeira emissão da nova rádio digital Brasil 200, iniciativa da Antena 1, vai para o ar a 26 de setembro, às 11h. Ao longo de 24 horas por dia, serão transmitidos conteúdos que refletem a ligação entre Portugal e o Brasil através de programas de assinatura e do espólio das estações de rádio do grupo RTP, como entrevistas, reportagens ou concertos de figuras de renome dos dois lados do Atlântico.

— Podcast

"A MULHER DA CASA ABANDONADA"

O género *true crime* fez furor no advento do universo dos podcasts e aquilo que prova este *A Mulher da Casa Abandonada*, investigação do jornalista e guionista Chico Felitti, lançado pelo jornal *Folha de São Paulo*, e com uma avalanche de downloads desde o primeiro episódio, é que se mantém bem de saúde. O podcast narra a rocambolesca história de Margarida Bonetti, habitante excêntrica de uma casa abandonada num bairro rico de São Paulo, que se diz chamar Mari e é, na verdade, uma foragida do FBI, acusada de ter escravizado uma empregada nos Estados Unidos durante 20 anos.

— Livro

CURIOSIDADES DA ALTA-COZINHA

No novo livro *Chef Sem Reservas: Segundo Prato*, que chega às livrarias nesta quarta, 21, o jornalista e escritor Nelson Marques volta a relatar, em tom intimista, histórias curiosas do mundo da alta-cozinha. Por exemplo, sabia que Ricardo Costa, chefe do The Yeatman, tinha o sonho de ser futebolista profissional? Neste volume, com prefácio de César Mourão, vamos encontrar confissões e lições de vida de 12 dos mais bem-sucedidos cozinheiros nacionais, caso de Marlene Vieira, Alexandre Silva ou Henrique Sá Pessoa, e internacionais, como os espanhóis Joan Roca ou Eneko Atxa, detentores de três Estrelas Michelin, numa sucessão de curiosidades suculentas.

LISBOA

João Gil e Convidados – 46 anos em Caixa de Luz

Voz própria

***O músico e compositor celebra os 46 anos de carreira com um concerto muito especial, que servirá também para apresentar o novo álbum* 46 JG 22**

É bastante prolífica a obra de João Gil, enquanto membro de projetos tão diferentes como conhecidos, entre eles Trovante, Ala dos Namorados e Rio Grande ou ainda, mais recentemente, Filarmónica Gil, Cabeças no Ar, Baile Popular, Tais Quais e Quinteto Lisboa. Foi com base neste imenso repertório que, em meados do ano passado, o músico e compositor se lançou à estrada com o projeto Caixa de Luz, inspirado numa obra da mulher, a artista plástica Ana Mesquita, igualmente autora da cenografia do espetáculo, iniciado nos cinco dias de residência artística no Capitólio, mas depois também replicado na Casa da Música e no Teatro Municipal da Covilhã (de onde é originário). Em cada dia, João Gil contou em palco com a companhia de um amigo sempre diferente. "Uma celebração da música, da vida e da palavra, que pretende ser muito mais do que um simples concerto, juntando artes plásticas, música e alguma conversa, ao longo de uma viagem pelas minhas canções, as mais conhecidas mas também algumas menos óbvias", explicou na altura à VISÃO. O mesmo conceito será agora transposto para o Coliseu dos Recreios, com a presença de alguns amigos (Jorge Palma, Miguel Araújo e Frankie Chavez), mas desta feita com a novidade de incluir os temas do novo álbum *46 JG 22*, editado em abril e no qual, pela primeira vez, João Gil dá voz às suas canções.
— Miguel Judas

Coliseu dos Recreios > R. das Portas de Santo Antão, 96, Lisboa > T. 21 324 0580 > 17 set, sáb, 21h30 > €20 a €40

Boas companhias Jorge Palma, Miguel Araújo e Frankie Chavez juntam-se a João Gil neste concerto de celebração

D.R.

LISBOA

Bateu Matou

Depois de ter andado a mostrar o álbum de estreia por este país fora, no verão, o trio composto por Ivo Costa, Quim Albergaria e Riot regressa a casa para fazer a festa num palco mais pequeno, que os três bateristas tão bem conhecem, em mais uma sessão do Bailou. Na primeira vez, foram mais de quatro horas de dança e libertação, uma fasquia que o grupo pretende superar, com a promessa de novos temas e a habitual presença de um naipe de convidados de luxo, ainda por revelar.

Estúdio Time Out > Mercado da Ribeira, Av. 24 de Julho, Lisboa > T. 21 395 1274 > 16 set, sex, 22h > €15

MAIA

Maia Blues Fest

Já na quarta edição, o Maia Blues Fest volta a apresentar a diversidade desse estilo musical. Na primeira noite, sexta, 16, além do português Vítor Bacalhau, sobe ao palco o norte-americano Archie Lee Hooker (sobrinho do lendário John Lee Hooker); no sábado, 17, o estatuto de cabeça de cartaz cabe aos Budda Power Blues & Maria João, que serão antecedidos pelos espanhóis Wax & Boogie. No domingo, 18, às 16h30, a banda Nico Drums & Blues encerra o festival.

Fórum da Maia > R. Engenheiro Duarte Pacheco, 131, Maia > T. 22 940 8643 > 16-18 set

LUCÍLIA MONTEIRO

PORTO

Maria Antónia Leite Siza: 50 anos depois
Seguir a intimidade

Na Biblioteca de Serralves cruzam-se os mundos doméstico e onírico da artista, a partir de 100 obras inéditas, doadas por Siza Vieira

Há fotografias de família, excertos de cartas, alguns postais enviados a amigos, e experiências de linogravura, intensas e cruas. À entrada, quase tudo é a preto e branco, alinhado em dois níveis, nesta exposição dedicada a Maria Antónia Leite Siza (1940-1973), acabada de inaugurar na Biblioteca de Serralves. É a celebração duma vida breve, a partir de 100 desenhos doados pelo seu marido, o arquiteto Siza Vieira (*na foto*), de uma figura "talentosa e enigmática", com um extenso e inesperado trabalho ainda pouco conhecido.

Com esta doação "amplia-se a visão sobre a artista", tornando-a "mais eclética, mais madura, mais abrangente, e com diferentes perspetivas", resume o curador Miguel Choupina, que passou meses a ver este legado de personagens inquietantes ou contorcidas, com o enfoque em figuras femininas, que cruzam o universo doméstico e onírico da artista. Maria Antónia desenhava "de forma espontânea, muito rápida, e a composição é sempre impecável; ocupa a página com uma segurança total, sem desequilíbrios", diz Siza Vieira, durante uma visita à exposição, "e isso é uma qualidade de poucos, como Picasso, por exemplo".

Na exposição *50 Anos Depois*, que percorre uma década – os anos 60, do século passado –, adota-se a biografia como fio condutor, e organizam-se os desenhos em oito sequências. Ao seu lado, encontra-se ainda uma série de fragmentos de cartas, reproduzidos na parede. Entre eles, podemos ler: "Bem, isto já chega e sobra para fazer brotar toda uma selva literária, cheia das mais belas tradições." Choupina quis, assim, "dar voz à própria" artista e revelar intimidades de Tótó, como era carinhosamente tratada pela família. Há ainda uma série de linogravuras, bordados, uma placa de linóleo e dois retratos (de Laura Soutinho, amiga de longa data de Maria Antónia, e de uma modelo). Miguel Choupina fala de "32 anos de vida, que parecem curtos, mas foram anos fabulosos". – **Susana Silva Oliveira**

Museu de Serralves > R. D. João de Castro, 210, Porto > T. 22 615 6500 > seg-sex 10h-19h, sáb-dom 10h-20h > grátis

LISBOA

Que Grande Estrondo

"O espétaculo teve origem numa brincadeira com o meu filho há uns anos", diz à VISÃO Se7e o ilustrador português João Fazenda, criador de *Que Grande Estrondo*, em cena a partir deste sábado, 17, até 5 de outubro, no Teatro Luís de Camões, em Lisboa. O espetáculo tem por base a projeção, em tempo real, de desenhos, figuras de cartão e marionetas de papel, trabalhadas a partir de luz e sombras coloridas. Tudo isto é projetado e acompanhado por música, da responsabilidade de Philippe Lenzini, numa interpretação de João Fazenda e Bruno Humberto. Dirigida ao público infantil, esta peça tem como protagonistas o Pato Elias e o Dinossauro Rex que, depois de colidirem, com grande estrondo, trocam de voz. "É uma história sobre empatia, sobre colocarmo-nos no lugar de outra pessoa, nos 'sapatos do outro', como se dizia, e aprender a olhar para o mundo com outros olhos", adianta o ilustrador. A acompanhar o espetáculo, até 30 de setembro, há também uma exposição que inclui seis caixas de luz, em teatros de papel, cartão, acetato e cor. – **R.M.**

Teatro Luís de Camões > Calçada da Ajuda, 80, Lisboa > T. 21 593 9107 > 17-18; 24-25 set – 1-3 out, 16h30 > €3 até 18 anos > €7 mais de 18 anos

LISBOA

Estrada de Terra
“Falar do passado” ao telefone

Depois da passagem pelo São Luiz, esta peça de Tiago Correia segue em digressão pelo País em 2023

Linhas cruzadas Pedro Lamares e Inês Curado são as figuras centrais desta peça sobre amizade, perdas e solidão

D.R.

“Estás a ver o lixo todo que eu tenho aqui guardado?” Luís isolou-se numa casa de campo porque está farto do mundo e das pessoas. Acumulou muito lixo na cabeça. Marco, um amigo com quem não falava há dez anos, telefona-lhe. Luís aproveita para vociferar, chamando-lhe egoísta que só dá sinais de vida quando precisa. “Queres mesmo falar do passado?”, diz a certa altura, de telemóvel encostado ao ouvido, para Marco, personagem ausente. “Falar do passado é falar do início do fim.”

Esta é uma de duas grandes linhas narrativas existentes no mais recente texto dramatúrgico de Tiago Correia. A partir de dado momento, apercebemo-nos de que deambulamos por entre estas forças motoras: a relação do protagonista com Marco e com Leonor, a rapariga que se encontra com Luís na sua casa de campo. É no facto de nenhuma dessas duas relações se assumir como tronco primordial da história que reside a energia desta peça, estreada em Vila Nova de Gaia (na programação do FITEI, em 2021) e que chega agora ao São Luiz, em Lisboa, depois dos reagendamentos forçados pela pandemia.

Mais de dois terços do espetáculo são, na prática, um monólogo do ator Pedro Lamares, ao telemóvel. “A personagem está a falar com alguém que não sabemos quem é, e não sabemos o que é dito do outro lado; é algo que já foi feito pelo [Jean] Cocteau em *A Voz Humana*”, explica Tiago Correia, referindo-se à clássica peça-monólogo que mostra uma mulher ao telefone com o amante que a deixou. Neste caso, há uma terceira personagem, que testemunha toda a chamada. “O lado confessional de uma personagem ao telefone tem, aqui, uma face dupla: não sabemos o que é que está a ser intencionalmente dito para quem está do outro lado e o que está a ser dito para a pessoa que está presente, a assistir àquele telefonema.” O papel dos espectadores não tem como não ser ativo. O desenrolar da história obriga-nos a que nos reposicionemos por diversas vezes perante as personagens à nossa frente. – **Cláudia Marques Santos**

São Luiz Teatro Municipal > Rua António Maria Cardoso, 38, Lisboa > T. 21 325 7640 > 21 set a 2 out > qua a sáb 19h30, dom 16h > €12

PORTO

Via Injabulo

O nome do programa apresentado pela companhia sul-africana Via Katlehong Dance, *Injabulo*, significa alegria, em zulu, e representa a energia e o ritmo do movimento contracultural Pantsula. Nascido durante o período do apartheid em East Rand, bairro pobre dos subúrbios de Joanesburgo, era uma forma de, através da dança, o povo reclamar a sua felicidade e a sua liberdade. A premiada companhia, fundada há 30 anos, agarrou nessa forma de afirmação da juventude e cruzou-a com outros estilos, como o sapateado, o gumboot e o step. Neste espetáculo, os diretores Buru Mohlabane e Steven Faleni convidaram dois coreógrafos internacionais a deixarem-se contagiar pela formação e a acrescentar outras influências. Na peça *førma Inførma*, o português Marco da Silva Ferreira procura o significado que a dança tem no contexto social e como contribui para uma identidade coletiva; já em *Emaphakathini*, o franco-senegalês Amala Dianor inspira-se nas histórias e personalidades dos oito intérpretes, revolvendo as intersecções entre as danças tradicionais e urbanas. – **J.L.**

Teatro Municipal Rivoli > Pç. D. João I, Porto > T. 22 339 2201 > 16-17 set, sex 21h30, sáb 19h > €12

Luz Natural
O homem é o lobo do homem

Um olhar original e poético sobre a Segunda Guerra Mundial, na frente de leste húngara, que valeu um Urso de Prata no Festival de Berlim

Qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência. Basta dizer que o filme foi rodado anos antes do início da guerra na Ucrânia (embora o conflito no Donbass já existisse) e a ação decorre quase há oito décadas. Mas fica a ideia de que todas as guerras provocam situações extremas e uma reorganização social num contexto dado a excessos e à falência moral, sobretudo em territórios ocupados ou reconquistados, em que o inimigo pode ser o vizinho do lado ou o colega de escola.

Luz Natural, filme de estreia do húngaro Dénes Nagy, que ganhou o Urso de Prata no Festival de Berlim, em 2021, passa-se na Segunda Guerra Mundial e tem a coragem de expor feridas abertas da Hungria. O país, ocupado pelos nazis, ajudou a Alemanha no combate à União Soviética. Semetka, um camponês transformado em comandante de um batalhão, tem a missão de patrulhar o terreno em busca de bolsas de *partisans*, que apoiam a resistência.

Mais do que uma guerra de tiros e canhões ou um posicionamento ideológico, o filme mostra a falência ética do homem em situações extremas. Esses soldados tornam-se os mais temerosos inimigos do seu próprio povo. Semetka, com o olhar vago, perdido no cumprimento de um dever, é uma luz vaga de humanidade no meio de um caos moral. A sua aparente apatia é uma autodefesa que não evita o descalabro.

Partindo de um romance de Pál Závada, escritor ainda não traduzido para português (nem para inglês), o filme é também um objeto estético deslumbrante. Parece clara a inspiração no grande mestre do cinema húngaro Bela Tárr. Aliás, o próprio título do filme põe em evidência a linguagem estética em detrimento da narrativa. Há um cuidado extremo com a luz, captando a beleza natural da floresta, quase como se se tratasse de um quadro do romantismo, um movimento contemplativo de quem procura a poesia no meio do caos.
— **Manuel Halpern**

De Dénes Nagy, com Ferenc Szabó, László Bajkó, Tamás Garbacz, Gyula Franczia > 104 min

D.R.

Daniel e Daniela

A jornalista Sofia Pinto Coelho estreia-se no cinema com um delicioso documentário em que, através de conversas entre pai e filha, reflete sobre o passado colonial. A chave do filme está nos seus protagonistas. Daniel Nunes é um especialista em cultura e política africanas, possuindo uma das maiores bibliotecas particulares sobre temas africanos. Enquanto Daniela, a sua filha, de 12 anos, tem uma visão contemporânea e prosaica do mundo, alheada daquilo que o pai quer transmitir-lhe.
A graça está precisamente nessa relação, no humor espontâneo, voluntário e involuntário. Daniel fala de elementos essenciais da História, em tom de testamento ideológico e estimulando o espírito crítico da filha, enquanto Daniela, numa postura típica de pré-adolescente, mostra algum enfado e desconhecimento, ao mesmo tempo que levanta questões. Pelo caminho, no encontro geracional, vão-se tocando pontos essenciais da construção das nossas sociedades e da herança colonial. — **M.H.**

De Sofia Pinto Coelho, documentário > 71 minutos

D.R.

DULCE GARCIA “AS ESTATÍSTICAS DESUMANIZAM, A LITERATURA FAZ O CONTRÁRIO”

Mantém, na literatura, a mesma curiosidade e o mesmo olhar que formou no jornalismo. Procura histórias que possam tocar os leitores, quer pelas emoções que transportam, quer pela proximidade que têm com o dia a dia. No seu novo romance,* Olho da Rua, *faz o retrato do mundo do trabalho dominado pelos instintos mais animalescos

— POR LUÍS RICARDO DUARTE

Há uma abelha, uma ursa, uma barata, uma hiena, um cisne-negro, uma mosca-da-fruta ou uma coruja. Mas não se pense que estamos na quinta dos animais, embora também aqui os trabalhadores sejam todos iguais, e uns mais iguais do que outros. Estamos, sim, numa empresa que precisa de despedir um funcionário, mas que não quer fazer o trabalho sujo. Solução? Obrigar quem está na lista dos dispensáveis a encontrar quem conhecerá o destino já traçado. Eis *Olho da Rua*, o novo romance de Dulce Garcia, 51 anos, jornalista com três décadas de ofício, nomeadamente no *Diário Económico* e na *Sábado*, que em 2017 mudou de vida. Deixou as redações, publicou o seu primeiro romance, *Quando Perdes Tudo Não Tens Pressa de Ir a Lado Nenhum*, e reinventou-se. É também sobre isso que reflete em *Olho da Rua*, uma observação microscópica do mundo do trabalho e das suas desumanidades.

Diz-se com frequência que um despedimento pode ser uma oportunidade. A sua experiência também lhe diz isso?
A afirmação tem qualquer coisa de verdade, embora fortemente exagerada nesta era de grande investimento no enriquecimento pessoal e na proliferação de livros de autoajuda. Pode ser uma oportunidade, sim, mas nada disso exclui a certeza de que um despedimento pode ser uma situação traumática e de grande sofrimento. No seu livro *O Ano do Pensamento Mágico*, Joan Didion chega a compará-lo, com as devidas distâncias, a um luto. Há uma dimensão de fracasso social.

Por se tratar muitas vezes da nossa identidade?
Exatamente. Ainda pertenço a uma geração que viu a ascensão social através da formação académica e do trabalho. Muitas pessoas foram as primeiras na família a tirar um curso superior, e o dinheiro da Europa dava a ideia de tudo ser possível. A promoção do emprego como grande meta pessoal teve, nessa altura, um grande impulso. Trabalhar muitas horas era muito bem-visto (parece que hoje ainda é). Era a afirmação dessa identidade pessoal. O resto vinha depois. Daí que, nesta perspetiva que em alguns casos ainda se mantém, tirar o trabalho a alguém é roubar-lhe muito.

Se se acreditar na morte anunciada do emprego para a vida, podemos esperar muitas crises?
Muitas crises, muita angústia, de par, claro, com as tais oportunidades. Nesse aspeto, é como a reinvenção do amor e da família. A experiência permite-nos encarar com outra força uma segunda oportunidade, construir novos laços familiares, ter até uma vida amorosa mais feliz. Mas a marca do divórcio anterior, mais ou menos doloroso, fica lá. Podemos encontrar uma nova profissão que nos realize ainda mais, mas é preciso ter cuidado e verificar se não ficaram cicatrizes esquecidas.

E, para um escritor, um despedimento é matéria literária apetecível, dada a sua componente dramática e emocional?
Sem dúvida. Escrever sobre um despedimento é encarar uma reinvenção. Quem somos depois de termos passado anos e anos a trabalhar dez ou 12 horas por dia? Como se recomeça uma nova vida? Passei por essa experiência. Fui jornalista durante 27 anos e, de um momento para o outro, decidi seguir outro caminho. Tive de me reencontrar.

Em que sentido?
Muitas vezes, as nossas vidas passam-se mais no local de trabalho do que em casa ou com os nossos amigos. Por outro lado, e isso interessa bastante à literatura, o mundo do trabalho está cheio de cerimónias e de convenções que é preciso manter.

É um teatro de máscaras?
Num certo sentido, sim. E quando as coisas começam a correr mal, surgem as grandes ofensivas, os conflitos, as máscaras que caem. Acaba-se o *fair play* e fica-se em carne viva.

O caldeirão ideal para um escritor...
Nem mais. Não escolhemos a nossa família, e nela também há grandes personagens. No mundo do trabalho, é ainda mais acentuado. As variáveis da equação são consideravelmente maiores. Muitas personalidades, muitos estratos sociais, muitas histórias de família, muitos ingredientes.

Já se vê que todas as empresas felizes são iguais, as infelizes são-no cada uma à sua maneira.
[*Risos*] As felizes devem ter salas de jogos e *lounges*. As infelizes têm certamente muitas histórias.

O que desencadeou esta incursão literária no mundo do trabalho, que se pode ler em *Olho da Rua*?
A notícia da morte de uma publicitária japonesa que se atirou da janela da agência em que trabalhava. Estava exausta, e o patrão reconheceu que chegava a trabalhar 20 horas por dia. Mas também aquela sensação por que todos já passámos. Nas vagas de despedimentos no nosso local de trabalho, ora é alguém que nunca vimos, ora a pessoa que trabalhava ao nosso lado; ora um jovem, ora um casal que, de um momento para o outro, se vê sem rendimento. São momentos sempre perturbadores.

Este romance é uma humanização das estatísticas, ao dar um rosto, ainda que ficcional, a uma realidade que apreendemos normalmente através de números?
Sim. As estatísticas são ótimas porque desumanizam. A literatura faz exatamente o contrário. Além disso, consegue ser ao mesmo tempo particular – falar de uma realidade específica – e universal – abarcar outras tragé-

Ossos do ofício

Ao segundo romance, Dulce Garcia afirma-se como uma romancista de personagens. É no retrato social que está a força da sua prosa, que foi capaz de saltar das páginas dos jornais (onde já ensaiava o género da crónica) para a corrente da literatura. O olhar talvez seja o mesmo: a vida do dia a dia, os conflitos sociais e comuns a tanta gente, a constante necessidade de reinvenção pessoal. Mas a abordagem é mais expressiva e livre, profunda e acutilante. *Olho da Rua* (Companhia das Letras, 328 págs., €18,45) é o retrato de uma sociedade dominada pelo trabalho e pelas leis selvagens do "mercado a funcionar". A descrição dos trabalhadores como animais empresta à narração a ironia que uma fábula pode ter. E o inusitado da situação – ter os trabalhadores a escolher quem vai ser despedido – reforça o dramatismo de um relato atual. Pelo meio, há uma morte. Ossos do ofício.

D.R.

dias que envolvem sentimentos semelhantes. A estatística cria distância. A história dá a ver e apela à ação.

O seu primeiro romance, *Quando Perdes Tudo Não Tens Pressa de Ir a Lado Nenhum*, já abordava temas fortemente sociais, como a guarda das crianças. Ainda é o olhar da jornalista que conduz a escritora?
Diz-se que nunca se deixa de ser jornalista, mesmo depois de abandonar a profissão. Sempre quis escrever histórias, desde pequena, mas percebi rapidamente que seria muito difícil fazê-lo. Daí que tenha procurado, ainda jovem, formas de ganhar dinheiro com a escrita. Foi assim que fui parar ao jornalismo. Sou vítima – no bom sentido – da profissão que escolhi por não poder ter a profissão que sonhei. E, com o jornalismo, reforcei ainda mais a minha curiosidade pelo mundo. O nome de uma rua ou uma notícia que me intriga – tudo apela à minha vontade de saber mais e à minha imaginação.

Neste romance, os funcionários de uma empresa vão ser despedidos à japonesa. Perdi horas na internet, mas não encontrei este método sádico...
[*Risos*] É porque não existe. É uma invenção, um despedimento à *big brother*. Mas tem qualquer coisa de real, na medida em que muitas vezes a vítima – neste caso, os possíveis despedidos – é que fica com a culpa. Neste despedimento à japonesa, é ainda mais perverso: são os funcionários que têm de escolher quem será despedido.

É uma denúncia pelo absurdo?
Sim. Todas as personagens são exageradas por isso mesmo. E também porque assumem características de animais. São exageradas porque fogem à esfera do humano, para o seu lado animalesco sobressair. Como na selva, a luta pela sobrevivência traz tudo ao de cima.

^ **Burnout** *Olho na Rua* começou com a notícia da morte de uma publicitária que se atirou da janela da agência onde trabalhava

> Ainda pertenço a uma geração que viu a ascensão social através da formação académica e do trabalho. Trabalhar muitas horas era bem-visto. O resto vinha depois

E uns animais são inofensivos; outros, letais.

O despedimento à japonesa é uma invenção, mas a tese 996, citada no livro, isto é, trabalhar das 9 às 21 seis dias por semana, foi defendida por um empresário chinês. A realidade está sempre a ultrapassar a ficção?
Sempre. E a encontrar renovadas formas de exploração. É incrível pensar na evolução nada linear da nossa passagem pelo planeta Terra. Estávamos convencidos, até há bem pouco tempo, de que havíamos alcançado conquistas fabulosas, nomeadamente ao nível da saúde e da paz. E, no entanto… Como é que se continua a cometer erros que já se provou serem erros?

O teletrabalho parece ter vindo para ficar. Acabam as histórias do mundo do trabalho e nascem outras?
Não faltam histórias para contar. E uma que terá de ser contada, não sei se por mim ou por outros, é a da nova solidão. A pandemia apanhou-nos já num ponto de solidão bastante acentuado, criado por várias razões, incluindo a da ditadura do trabalho. A solidão da pandemia foi assentar nesta, com implicações que ainda hoje desconhecemos. O que será da saúde mental das crianças? O que será dos seus afetos?

Há, neste romance, um forte retrato social. É uma crónica dos costumes contemporâneos?
Essa vontade é muito clara. E também a trago do jornalismo e de algumas crónicas que aí fui escrevendo. Gosto de captar a forma como as pessoas falam, de plasmar os diálogos que me parecem representativos de figuras-tipos específicas. É por isso que as personagens não falam todas da mesma maneira ou através de uma linguagem muito cuidada. Quero que sejam reais.

Esse retrato contemporâneo passa muito pela oralidade e por expressões bem portuguesas, desde logo a do título do romance, *Olho da Rua*.
Desconheço se as outras línguas têm uma profusão tão grande de provérbios e expressões populares, mas os portugueses são extraordinários. Alguns são repetidos até à exaustão, porque são capazes de resumir o que nos acontece no dia a dia. E, em muitos casos, espelham uma certa sabedoria centenária que o nosso país tem, para o bem e para o mal. Podemos ser passivos, mas não somos tontos.

Recorrendo ainda às comparações com animais que faz no romance, qual a melhor imagem de um escritor?
Não é fácil [*risos*]. Talvez uma girafa. Está sempre a ver o que os outros não conseguem. Apesar de ter os pés na terra, a sua altura faz com que pareça sempre sozinha. Se não estiver lá outra girafa, sente-se abandonada.

V rduarte@trustinnews.pt

NETFLIX

Santo
Uma certa espiritualidade

A atriz portuguesa Victoria Guerra está cada vez mais internacional. A série coproduzida por Espanha e Brasil, um thriller policial, é o novo desafio

MANOLO PAVON

< Papel principal Nesta série de oito episódios, a atriz portuguesa Victoria Guerra (*na foto, em cima, à esquerda*) ganha sotaque brasileiro

A ligação a um culto ancestral como o candomblé, religião afro-brasileira originária de ritos tradicionais africanos, não é imediata. *Santo* assume-se, em primeiro lugar, como um thriller policial, em que dois polícias, um brasileiro e um espanhol, unem esforços para capturar o traficante mais procurado do mundo. Só depois o que parece estar em segundo plano – as vidas familiares a misturarem-se com o dia a dia policial – ganha destaque.

Ao contrário de outras séries com narrativas sobre o tráfico de droga, *Santo* centra-se menos no negócio ilegal e mais nas relações e conflitos entre as pessoas, sendo que não estão bem definidos heróis e vilões.

Nesta que é a primeira coprodução entre o Brasil e a Espanha para a Netflix, com argumento de Carlos López (*El Príncipe*) e realização de Vicente Amorim e Gonzalo López-Gallego, a "nossa" Victoria Guerra desempenha o principal papel feminino.

Depois de ter sido uma espiã em *Glória* (2021), a estreia da ficção nacional original para a Netflix, e de ter encabeçado o elenco de *Auga Seca* (2020), coprodução luso-galega no catálogo da RTP e da HBO, nesta série de oito episódios a atriz de 33 anos ganha sotaque brasileiro. Bárbara Azevedo é uma jovem de origem portuguesa que abandonou o curso de Medicina, em Madrid, para viajar para o Brasil, à procura de uma nova vida.

Ninguém viu o rosto de Santo, nem mesmo a amante Bárbara, mas são conhecidas as suas marcas sanguinárias: decapitar as pessoas, retirar-lhes o cérebro, além de fazer cortes nas pálpebras. Ernesto Cardona, o polícia interpretado por Bruno Gagliasso, uma cara conhecida das telenovelas brasileiras, vai infiltrar-se na organização do Santo, mas consegue fugir de uma emboscada policial que desconhece a sua identidade. Passam seis meses e Ernesto é descoberto num esgoto em Madrid, sem se lembrar de como entrou em Espanha com um passaporte falso. Daí em diante, são precisas várias respostas. – **Sónia Calheiros**

Estreia 16 set, sex > 8 episódios

LISBOA

Escape Hunt Lisboa
Vamos à Feira Popular?

O novo jogo deste* escape room *é dedicado ao saudoso parque de diversões, encerrado em 2003. Aqui não há carrinhos de choque nem montanha--russa, mas existem muitos desafios para decifrar

Dos espelhos mágicos às maçãs doces caramelizadas, dos patinhos de borracha aos sons, tudo na nova sala de fuga da Escape Hunt Lisboa, inaugurada no início deste mês, na Baixa lisboeta, lembra a saudosa Feira Popular de Lisboa em Entrecampos, encerrada há 19 anos.

A missão é trazer a memória deste parque de diversões que, durante décadas, encantou gerações de famílias, através de desafios e de enigmas que devem ser decifrados, em grupo (idealmente de cinco) e no máximo de 60 minutos, e cuja resposta permitirá "sair da sala". Neste caso, há que encontrar o elemento-chave para ligar novamente a feira, fica a dica.

"É o jogo mais desafiante, difícil e com a maior componente tecnológica que temos", explica Marta Pereira Duarte, 33 anos, gestora do projeto do Escape Hunt, criado em 2015, que disponibiliza mais duas salas: a do Mistério de Fernando Pessoa, dedicada às paixões do poeta (astronomia e astrologia); e a Sociedade Secreta, onde os jogadores têm uma hora para provar se devem pertencer a um grupo restrito. "A ideia é que seja difícil, mas não impossível. Este jogo, ao contrário dos outros, não é sequencial", frisa Marta Pereira Duarte. Tudo do que os intervenientes precisam para resolver o enigma está dentro sala. Na verdade, não é necessário ter memória para decifrá-los. É o caso dos amigos com que nos cruzamos (nasceram em 2004, um ano após o encerramento da Feira Popular de Lisboa). "Não era nascido nessa altura, e conseguimos sair da sala em 59 minutos e 20 segundos", diz, orgulhoso, Vicente Freitas, repetente nestas aventuras em *escape rooms*. Quando questionado sobre o grau de dificuldade, responde sem hesitar: "Das três salas, esta é a mais difícil de todas." Por agora, apenas cerca de 30% dos visitantes conseguem resolver o mistério, já o recorde fica pelos 42 minutos. O desafio está lançado. – **Sandra Pinto**

R. dos Douradores, 13, Lisboa > T. 92 414 9160 > seg-qui, dom 10h-20h, sex-sáb 10h-21h30 > €55 (2 pessoas), €60 (3 pessoas), €70 (4 pessoas), €80 (5 pessoas)

MARCOS BORGA

ONDE JOGAR

Mais três escape rooms para tentar escapar

Game Over
Para os fãs d' *A Guerra dos Tronos*, o Game Over apresenta o seu mais recente jogo, *War of Thrones*, inspirado na série norte-americana. A ideia é encontrar o pergaminho antigo em que se fala da arma que vence o inverno e evita que os White Walkers dominem o mundo.

R. de O Século, 4B, Lisboa > T. 92 687 1858

Incerto Experiences
São três as experiências que este *escape room*, em Sintra, sugere aos jogadores, como é o caso d' *A Casa de Plástico*, ideal para os mais corajosos.

Cç. da Rinchoa, 11, Sintra > T. 96 112 0294

Safarka
Acabada de se estrear, a nova sala Expedition, composta de quatro minissalas, de 15 minutos, tem como missão recrutar novos membros para ajudarem a procurar a Atlântida.

R. Coelho da Rocha, 35, Lisboa > T. 91 867 3349, 21 887 0282

POR
Manuel Gonçalves da Silva

comer&beber@visao.pt

Varietal ou vinho de lote?

O Jampal é uma raridade, o estreme Touriga-Nacional no Alentejo, uma inevitabilidade, e o vinho de lote Proibido no Douro, uma ironia

São muito interessantes os vinhos que apresentamos, um dos quais inédito, com origem numa casta portuguesa ignorada e, pelo que se vê, com muito para dar; outro, também varietal, de uma casta que, ao contrário da anterior, anda nas bocas do mundo e que surge, aqui, com perfil alentejano bem desenhado: Touriga-Nacional. Já o terceiro é vinho de lote à boa maneira tradicional, com origem no Douro e o cunho de um enólogo desassossegado e amigo das castas autóctones, das vinhas antigas e da intervenção mínima, tanto na vinha como na adega.

Diz o produtor ManzWine, de Cheleiros, na região de Lisboa, que o Dona Fátima 2021 é o "único branco do mundo produzido a partir de uvas da quase extinta casta Jampal". Também é fruto da paixão de André Manz por essa casta votada ao abandono, não por falta de qualidade mas por ser de trato difícil: baixa produtividade e sensível ao desavinho, míldio e oídio. Decidiu recuperá-la com a colaboração do enólogo Ricardo Noronha.

A casta Touriga-Nacional está presente em todas as regiões, do Algarve ao Minho, mas toda a gente sabe que o seu berço se reparte entre o Dão e o Douro. Depois migrou para sul, Alentejo incluído, e, hoje em dia, também aí dá origem a belíssimos vinhos. Na Ravasqueira, chegou a hora da Touriga-Nacional "com o perfil que pretendíamos e que dará enorme prazer à mesa", segundo os enólogos David Baverstock e Vasco Rosa Santos. Vem, pois, em boa hora o Ravasqueira Touriga-Nacional 2021.

Proibido e Permitido são edições limitadas do enólogo e produtor Márcio Lopes, no Douro. Adepto da intervenção mínima, para que "a transformação das uvas em vinho seja o mais natural possível", apresenta o Proibido como paradigma, seja nas edições limitadas Clarete, Marufo e À Capela seja nas edições especiais Grande Reserva, Vinha Velha do Pombal e Vintage.

DONA FÁTIMA JAMPAL REGIONAL LISBOA
BRANCO
2021

Exclusivamente de uvas da casta Jampal, com fermentação em inox e estágio em barricas de carvalho-francês. Bela cor amarelo-citrina, aroma fino e complexo com notas de frutos cítricos, especiarias, leve tosta, alguma especiaria e delicado apontamento floral, paladar elegante com bom corpo, acidez firme, textura cremosa e grande frescura.

€20

RAVASQUEIRA TOURIGA-NACIONAL REGIONAL ALENTEJANO
TINTO
2021

Cem por cento Touriga-Nacional com estágio parcial de seis meses em barricas. Cor de rubi, profunda, com laivos violeta, aroma elegante com notas de frutos pretos, caruma e sugestões de flores silvestres, paladar cheio e equilibrado, com taninos bem presentes, boa acidez, fruta madura e final muito fresco. À medida dos bons petiscos e pratos de carne.

€10

PROIBIDO À CAPELA DOC DOURO
TINTO
2020

Elaborado com 90% de uvas tintas e 10% de brancas das vinhas do Douro Superior, uma das quais com mais de 50 anos. Desengace à mão, pisa a pé, fermentação espontânea, trasfego a cântaro, estágio de dez meses e engarrafamento sem filtração nem estabilização. Intervenção mínima, portanto. Cor *bordeaux*, aroma marcado pela fruta vermelha, paladar elegante, fresco, leve, grácil, irreverente. Numa palavra: cativante

€19,50

PORTO

Mind The Glass
Um festim no copo e no prato

Com mais de 600 referências servidas a copo, neste novo* bistrô *o chefe de cozinha Henrique Ferreira e o escanção João Lourenço expressam a portugalidade de sabores gulosos

LUCÍLIA MONTEIRO

Cozinha "Juntamos ingredientes da época e trabalhamos sem inventar muito", diz o chefe de cozinha do Mind The Glass, Henrique Ferreira

De olhos voltados para a Praça Gomes Ferreira, que os portuenses chamam "dos Leões", apresenta-se este elegante bistrô que também é garrafeira e bar. Aberto em meados de maio, o Mind The Glass, do grupo GLD, detentor de marcas ligadas a vinhos e a outras bebidas, mostra-se agora numa versão informal e acessível a todos. Na verdade, este tempo decorrido desde a abertura foi importante, servindo para apurar o resultado. Com mais de 600 referências, servidas a copo (a partir de €2,80), os vinhos surgem como "as estrelas" da casa. "Estão todos à venda, a preço de garrafeira, e podem ser provados", nota o escanção João Lourenço. Atente-se aos cocktails, feitos à base de bebidas nacionais, como o Cuco's Nest, de Gin Sharish (€10), o Mad Sour, de Medronho MAD e Ginja Mariquinhas (€9), ou o Bailinho da Madeira, de William Hinton Rum (€8).

Da cozinha chega "comida boa, de tacho, para acompanhar as bebidas", diz Henrique Ferreira, o chefe de cozinha. "Pegamos na portugalidade, juntamos ingredientes da época e trabalhamos sem inventar muito", concretiza. Nas entradas, indicadas para partilhar, reinam as batatas camponesas, com queijo e trufa-branca (€4), a salada de tomate-coração-de-boi, laranja e coentros (€5), o presunto de pato, curado na casa, com mirtilos e verdes marinados (€14), e a seleção de queijos e enchidos nacionais (€19). Nos pratos principais, a alegrar o palato, conte-se com o arroz malandrinho de enchidos (€11) e o Brás de bacalhau à nossa moda, finalizado à mesa (€16). Além disso, a ementa não é estática, privilegia a sazonalidade dos ingredientes. À sobremesa, brilha o pudim abade de Priscos, com pêssego e hortelã (€5,50). Um festim de cores, texturas e sabores, a lembrar tempos de infância.

A esta abordagem informal juntam-se as *happy hours*, na esplanada, às terças e quartas-feiras; a música ao vivo, sob a orientação do cantor e produtor Kiko Pereira, duas noites por mês, bem como as *wines talks*, desenhadas pelo jornalista Mário Augusto. Bons hábitos, de copo na mão. – **Susana Silva Oliveira**

Pç. de Gomes Teixeira, 63, Porto > T. 91 309 3932 > ter-sáb 16h-24h

GONÇALO F. SANTOS

< Sabor a mar
Da cozinha, agora aberta ao olhar dos curiosos, saem petiscos, entre opções com mais substância, a qualquer hora do dia

LISBOA

Nunes Real Marisqueira
É preciso que algo mude...

A conhecida marisqueira de Belém mudou de casa e preparou pratos novos. Mas – respire-se de alívio – os clássicos como o lavagante à basca continuam a marcar presença

Após duas décadas a ocupar o número 122 da Rua Bartolomeu Dias, em Belém, a Nunes Real Marisqueira avançou uns metros até ao 172. Com esta mudança, ganha uma nova casa, agora com cerca de mil metros quadrados, uma decoração imponente e pratos acabadinhos de criar, além dos já conhecidos clássicos que também marcam (e bem) presença. Mas já lá vamos.

"Precisávamos de mudar. A cozinha anterior era demasiado pequena e aqui encaixaram-se as peças todas. A excelência do nosso produto será sempre o mais importante, mas queríamos um ambiente que não deixasse ninguém indiferente, que fizesse lembrar o fundo do mar e fosse um elogio à art déco, pela sua intemporalidade", conta Miguel Nunes, proprietário da Nunes Real Marisqueira, juntamente com a mulher, Vanda.

Antes de chegar à mesa, a primeira paragem faz-se na sala-garrafeira, onde espreitamos mais de três centenas de referências de vinho. Fixamos o olhar na estátua de uma sereia, com cerca de 2,50 metros, e no aquário com nove metros, que divide a sala em dois ambientes distintos. "Parti da ideia original do Miguel e da Vanda, e desenhei tudo de raiz: do chão às colunas, dos frisos aos candeeiros, incluindo o *Neptuno* e a *Sereia*, junto ao aquário, peças únicas que foram realizadas por artistas portugueses ao longo de vários meses", explica Paulo Duque, responsável pelo design de interiores e pela direção criativa, com Miguel Correia que assina o projeto de arquitetura.

Já sentados à mesa, começa o desfile de iguarias, primeiro com as gambas brancas do Algarve (€78/kg), preparadas no ponto certo, a que se seguem os percebes da Carrapateira (€150/kg) e o camarão alistado com caviar (€38), uma das novidades da ementa em que os clássicos portugueses continuam a ter destaque, mas na qual se presta homenagem a algumas das grandes cozinhas do mundo, como a espanhola. Nas novidades, experimentamos ainda o bikini de salmo com caviar (€78), uma espécie de tosta, e o hot dog de lavagante. Depois, provamos o lavagante à basca (€120/kg), com ovo estrelado e batata frita, que se mantém há mais de uma década na ementa – uma delícia, se nos permitem adjetivar. Além do marisco, há peixe para grelhar, como pregado, garoupa e cherne, e algumas opções de carne, como o tradicional bife do lombo (€25), o pica-pau do lombo (€28) e a presa ibérica (€22) também. Um verdadeiro banquete com sabor a mar. **Sandra Pinto**

R. Bartolomeu Dias, 172, Lisboa > T. 21 301 9899 > ter-dom 12h-24h

ERICEIRA

Aethos Ericeira
Embalados pelo mar

O ioga, a meditação e o surf juntam-se a uma refeição saudável neste novíssimo hotel, especializado no bem-estar físico e mental, e com vistas desafogadas sobre o Atlântico

Atlântico A cargo do Astet Studio e do arquiteto Luís Pedro Silva, a decoração inspira-se nos tons da areia e no azul do oceano

PRZEMYSŁAW NIECIECKI

Chegar ao entardecer e assistir a um inesperado pôr do sol pode ter sido mera coincidência, ou simplesmente sorte, mas ficará na memória. Ali, no alto de uma falésia, a apenas 40 metros do mar, longe da confusão, deixamo-nos encantar com este espetáculo natural. Após o Sol desaparecer completamente na linha do horizonte, continuamos a visita pelo novíssimo hotel Aethos (quatro estrelas superior), na Encarnação, bem perto da Ericeira: primeiro, na esplanada do restaurante Onda, que convida a tomar um gin ou um dos cocktails da carta; depois, a espreitar o areal da praia da Calada, que se revela aos nossos pés, junto ao deck de ioga e meditação. Já ao cair da noite, entramos neste hotel, com 50 quartos e suítes, de diferentes tipologias, direcionado para o bem-estar físico e mental, com vistas desafogadas sobre o mar. Lá dentro, ainda cheira a novo. Por isso, não é de estranhar que se repare em detalhes por aperfeiçoar. Pensado pelo Astet Studio, reconhecido gabinete de arquitetura e design de interiores de Barcelona, e pelo arquiteto português Luís Pedra Silva, combina os tons da areia, o azul intenso do Atlântico e as cores quentes da falésia com as madeiras, peles, veludos, entre outros materiais mais nobres, como pedra e mármore. "Um dos grandes desafios foi fazer com que o espaço funcionasse em todas as estações do ano, e não só no verão", diz Ala Zreigat, um dos fundadores do Astet Studio.

Rodeado por algumas das melhores praias para a prática de surf, o Aethos pretende agradar a uma comunidade jovem, "nómadas que adoram surfar, mas também apreciam um luxo descomplicado", acrescenta Ala. Seguindo a filosofia de bem-estar, a ementa criada pelo chefe Afonso Blazquez, à prova no restaurante Onda, sugere pratos saudáveis, preparados com ingredientes da época, como cavala curada, puré de coentros, vinagrete de mostarda; salada de beldroegas, beterraba e framboesas ou uma suculenta tomahawk grelhada no josper. Entre uma aula de surf, meditação ou ioga, há ainda que guardar tempo para dar um mergulho na piscina de água salgada aquecida, que nos deixou tão maravilhados quanto o pôr do sol. – **S.P.**

R. da Estalagem, Encarnação, Ericeira > T. 261 244 510 > a partir de €200

AQUI À VOLTA
Outros sítios na Ericeira

Gelatommy
Feitos de forma artesanal, os gelados são confecionados apenas com produtos naturais. Há cerca de 24 sabores, dos quais dez são sorvetes, servidos em quatro tamanhos, em copo ou cone.

R. 5 de Outubro, 19 > T. 96 916 4301

Avó No Avó, aberto em outubro de 2019, José Simplício faz uma homenagem a todas as avós de mão-cheia. Na ementa, que vai mudando, pratos como cabidela de coelho com puré de maçã e peixe da nossa costa com arroz de camarão e lingueirão.

R. dos Ferreiros, 6 > T. 261 869 341

Ribeira d'Ilhas
Encaixada num vale entre arribas altas, esta praia é considerada uma das melhores da Europa para a prática de surf. Além das boas ondas, tem um restaurante, com esplanada, para petiscar e beber um copo.

“No Miradouro da Vitória desvenda--se um Porto de claraboias e de construção densa, onde há fachadas coloridas e telhados amontoados”

Manuel Linhares

Cantor e compositor, 39 anos

— Lugar

MARGINAL DA HORTA
FAIAL

Cresceu no Porto, mas é natural do Faial, ilha à qual volta sempre, nas férias. Gosta de percorrer a marina, de se sentar no muro, de recordar as brincadeiras de infância e de se deixar ficar na esplanada do café Peter's. “É um lugar enquadrado pela espetacular paisagem do Pico, com muita História, cheio de desenhos e mensagens de viajantes...”

— Miradouro

ESCADAS DA VITÓRIA
PORTO

O cantor de jazz, que andou “a saltitar” de um lado para o outro, manteve sempre “a base” no Porto. Já perdeu a conta às vezes que subiu as escadas entre as ruas de Belomonte e da Restauração. Um local “muito bonito” que parece conduzir a um beco, escuro, mas em que, lentamente e já no Miradouro da Vitória, se vai “desvendando um Porto de claraboias e de construção densa, onde há fachadas coloridas e telhados amontoados”.

— Refúgio

CASA DE CHÁ DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES
PORTO

Desde sempre que frequenta a Casa de Chá, no antigo campo de ténis. “Não é propriamente pelo serviço do sítio, mas pela tranquilidade da esplanada, coroada por uma fantástica glicínia, que nos protege do sol e perfuma o lugar”, diz. “É um prazer imenso ir até lá para ler um jornal e tomar um longo café.”

“Em Berlim, gosto especialmente do convívio e da onda artística da ponte sobre o Landwehrkanal”

— Rua

JARDIM DO TOREL LISBOA

Na capital, aonde vai com frequência, é na Travessa do Torel que encontra “uma das ruas mais bonitas da cidade”. Uns metros adiante, o Jardim do Torel é “um sítio para parar e ficar sentado, a desfrutar”. Apesar da localização central e da “vista fantástica” para a Baixa e colinas, continua a ser pouco frequentado por turistas.

— Inspiração

BERLIM

Na capital alemã, onde estudou entre 2010 e 2011, destaca a ponte sobre o Landwehrkanal, em que era habitual encontrar-se com os amigos no final do dia. Gostava especialmente “do convívio e da onda artística”. Foi, aliás, inspirado nesta ponte que Manuel Linhares escreveu o tema *Admiralbrücke*, que integrou *Traces of Cities*, o seu primeiro álbum.

— Cidade

BARCELONA

Do tempo em que viveu na Catalunha, recorda as tardes passadas a ler e a aproveitar o sol na Plaza de Vicente Martorell, no Raval. “É uma praça comum, com arcadas, cafés e jardim, e com um ambiente familiar”, que o cantor vê como “um tesouro por descobrir”.

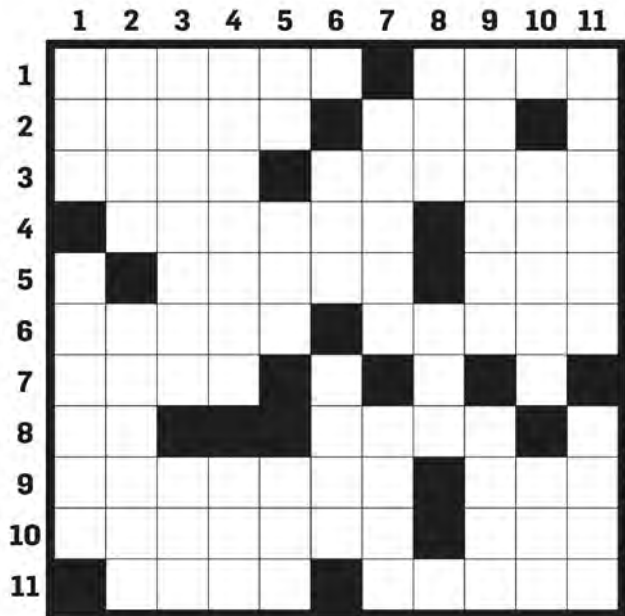
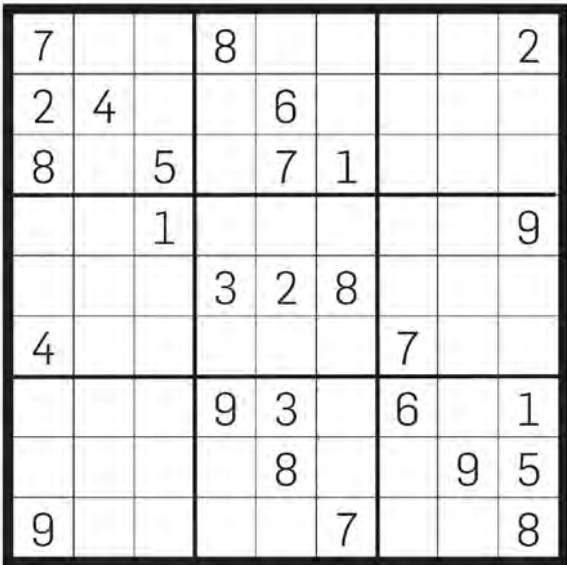
— Susana Silva Oliveira

PALAVRAS CRUZADAS

>> HORIZONTAIS >> 1. Queridas. Espaço demarcado por fronteiras geográficas e dotado de soberania própria. // 2. Produzir tinido. Ausência de guerra, de dissensões. // 3. Planta apiácea, conhecida por erva-doce. Pôr adornos ou enfeites em (fig.). // 4. Prenúncio de algum perigo. Que já aconteceu ou passou. // 5. Grão desta planta, usado na alimentação e no fabrico de bebidas alcoólicas. Irmã dos pais ou dos avós. // 6. Inflamação da membrana íris. Impregnar de uma substância oleosa. // 7. Rente, cérceo, rapado, cortado até ao rés de. // 8. Grito de dor ou de alegria. Terra argilosa, colorida por um óxido de ferro, com a qual se obtém um pigmento natural. // 9. Asilo ou hospital de leprosos. Sentimento intenso de raiva ou de indignação resultante de ofensa ou de injúria. // 10. De que resulta encargo. Órgão excretor que tem a função de formação da urina. // 11. Cheiro agradável. Campo que tem cereais semeados. >> VERTICAIS >> 1. Fruto da ateira. Mulher robusta, com voz e aspeto de homem. // 2. Jazigo de minérios. Que ou o que nasceu ou mora na arraia (fronteira). // 3. Ser vivo irracional (pl.). Humor muito amargo, contido numa vesícula aderente ao glóbulo do fígado. // 4. Eloquente. Argola. // 5. Aragem, vento. Unidade de medida agrária, equivalente ao decâmetro quadrado. Grande quantidade de coisas ou pessoas. // 6. Rijeza (fig.). Um par. // 7. Fim do período de tempo concedido para a execução de alguma coisa. Confusão dos elementos antes da criação do Universo. // 8. Dupla, parelha. Interpretar o que está escrito. // 9. Óleo da azeitona. Terreiro. // 10. Transferir para outra data. Assumir uma expressão alegre. // 11. Trabalhar de noite. Senhora educada.

SUDOKU

— FÁCIL

7			8					2
2	4			6				
8		5		7	1			
		1						9
			3	2	8			
4						7		
			9	3		6		1
				8			9	5
9					7			8

QUIZ

— POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA

1. **Quantas medalhas de ouro venceu Diogo Ribeiro no Campeonato Mundial Júnior de Natação em 2022?**
A. Uma
B. Duas
C. Três

2. **Qual o primeiro nome de Tim, dos Xutos & Pontapés?**
A. Manuel
B. Timóteo
C. António

3. **Em que concelho nasceu, há 100 anos, o político e professor Adriano Moreira?**
A. Macedo de Cavaleiros
B. Alijó
C. Alfândega da Fé

4. **Qual destes álbuns não é dos Coldplay?**
A. *X&Y*
B. *Elysium*
C. *Ghost Stories*

5. **Em que ano foi inaugurado o Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa?**
A. 1793
B. 1826
C. 1901

6. **Qual foi o primeiro café do Porto a ter uma máquina *La Cimbali*, dando origem à popular expressão "cimbalino"?**
A. Majestic
B. Piolho
C. Guarany

7. ***À Memória das Pulgas da Areia*, de 1999, é o primeiro livro de poemas de que escritor?**
A. Jorge Reis-Sá
B. Valter Hugo Mãe
C. Manuel Jorge Marmelo

8. **Onde vão decorrer os Jogos Olímpicos em 2024?**
A. Londres
B. Berlim
C. Paris

9. **Qual a distância, em linha reta, entre Lisboa e Ponta Delgada, nos Açores?**
A. 940 quilómetros
B. 1 260 quilómetros
C. 1 445 quilómetros

10. **Em que estado dos EUA nasceu a atriz Marilyn Monroe?**
A. Iowa
B. Nova Iorque
C. Califórnia

>> HORIZONTAIS >> 1. Amadas, País. // 2. Tinir, Paz. // 3. Anis, Arrear. // 4. Ameaça, Ido. // 5. Arroz, Tia. // 6. Irite, Olear. // 7. Raso. // 8. Ai, Ocre. // 9. Gafaria, Ira. // 10. Oneroso, Rim. // 11. Olor, Seara.
>> VERTICAIS >> 1. Ata, Virago. // 2. Mina, Raiano. // 3. Animais, Fel. // 4. Diserto, Aro. // 5. Ar, Are, Ror. // 6. Aço, Dois. // 7. Prazo, Caos. // 8. PAR, LER. // 9. Azeite, Eira. // 10. Adiar, Rir. // 11. Seroar, Dama.

>> QUIZ >> 1. C // 2. C // 3. A // 4. B // 5. A // 6. B // 7. A // 8. C // 9. C // 10. C

7	1	6	8	9	4	3	5	2
2	4	9	5	6	3	1	8	7
8	3	5	2	7	1	9	4	6
3	2	1	7	4	5	8	6	9
6	9	7	3	2	8	5	1	4
4	5	8	6	1	9	7	2	3
5	8	4	9	3	2	6	7	1
1	7	3	4	8	6	2	9	5
9	6	2	1	5	7	4	3	8

Proprietária/Editora: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.
Sede: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte
Edifício Fernão de Magalhães, n.º 8, 2770-190 Paço de Arcos
NIPC: 514674520.
Gerência da TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 10.000,00 euros, Principal acionista: Luís Delgado (100%)
Publisher: Mafalda Anjos

Diretora: Mafalda Anjos
Diretor-Executivo: Rui Tavares Guedes
Subdiretora: Sara Belo Luís
Editores-Executivos: Alexandra Correia e Filipe Luís
Conselheiro Editorial: José Carlos de Vasconcelos
EXAME/Economia: Tiago Freire (diretor)
Editores: Clara Cardoso (visao.pt) Filipe Fialho (Mundo), Inês Belo (VISÃO Se7e), João Carlos Mendes (Grafismo), Manuel Barros Moura (Radar) e Pedro Dias de Almeida (Cultura)
Redatores Principais e Grandes Repórteres: Carlos Rodrigues Lima, Cláudia Lobo, José Plácido Júnior, Miguel Carvalho e Rosa Ruela
Redação: Carmo Lico (online), Cesaltina Pinto, Clara Soares, Clara Teixeira, Florbela Alves (Coordenadora VISÃO Se7e/Porto), Joana Loureiro, João Amaral Santos, Luísa Oliveira, Luís Ribeiro (Coordenador Ambiente), Margarida Vaqueiro Lopes, Mariana Almeida Nogueira, Marta Marques Silva, Nuno Aguiar, Nuno Miguel Ropio, Paulo C. Santos, Rita Rato Nunes, Rui Antunes, Rui Barroso, Sandra Pinto, Sara Rodrigues, Sara Santos, Sílvia Souto Cunha, Sónia Calheiros, Susana Lopes Faustino, Susana Silva Oliveira e Vânia Maia
Grafismo: Paulo Reis (Editor adjunto), Teresa Sengo (Coordenadora), Ana Rita Rosa, Edgar Antunes, Filipa Caetano, Hugo Filipe, Patrícia Pereira e Rita Cabral
Infografia: Álvaro Rosendo e Manuela Tomé
Fotografia: Fernando Negreira (Coordenador), José Carlos Carvalho, Lucília Monteiro, Luís Barra e Marcos Borga
Copydesk: Maria João Carvalhas, Rui Carvalho e Teresa Machado
Secretariado: Sofia Vicente (Direção) e Ana Paula Figueiredo
Colunistas: Bernardo Pires de Lima, Pedro Marques Lopes, Pedro Norton, Pedro Strecht e Joana Marques
Colaboradores Texto: Manuel Gonçalves da Silva, Manuel Halpern, Miguel Judas, Pedro Dias, Margarida Robalo e Sónia Graça (Revisão)
Ilustração: Susa Monteiro
Redação, Administração e Serviços Comerciais: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos – Tel.: 218 705 000
Delegação Norte: CEP – Escritórios, Rua Santos Pousada 441- sala 206 e 208, 4000-486 Porto, Telefone: 220 993 810
Marketing: Marta Silva Carvalho (diretora) – mscarvalho@trustinnews.pt
Joana Hipólito (gestora de marca) – jhipolito@trustinnews.pt
Publicidade: Telefone 218 705 000
Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt
Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt
Mónica Ferreira (Gestora de Marca) mferreira@trustinnews.pt
Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt
Rita Roseiro (Gestora de Marca) rroseiro@trustinnews.pt
Florbela Figueiras (Assistente Comercial Lisboa) ffigueiras@trustinnews.pt
Elisabete Anacleto (Assistente Comercial Lisboa) eanacleto@trustinnews.pt
Delegação Norte - Telefone: 220 990 052
Margarida Vasconcelos (Gestora de Marca) mvasconvelos@trustinnews.pt
Branded Content: Diretora – Rita Ibérico Nogueira – rnogueira@trustinnews.pt
Tecnologias de Informação: João Mendes (Diretor)

VISÃO BS A **VISÃO BS** é a unidade de produção de conteúdos patrocinados para parceiros da VISÃO, com coordenação do TIN Brand Studio.
Produção e Circulação: Vasco Fernandez (Diretor)
Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção) Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves, Paulo Duarte (Produtores) e Isabel Anton (Coordenadora de Circulação)
Assinaturas: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)
Serviço de apoio ao assinante: Tel.: **21 870 50 50** (Dias úteis das 9h às 19h)
Impressão: Lisgráfica – Estrada de São Marcos Nº 27 S. Marcos – 2735-521 Cacém
Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal. Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000.
Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt – Tel.: 808 206 545
Tiragem média: 41 900 exemplares
Registo na ERC com o nº 112 348
Depósito Legal nº 127961/98 – ISSN nº 0872-3540

APOIO AO CLIENTE/ASSINANTE
apoiocliente@trustinnews.pt

Estatuto editorial disponível em **www.visao.pt**

ELEFANTE NA SALA

POR
Joana Marques
— Humorista

Dá-me a tua camisola

Dia de *derby*, um casal metade Sporting, metade de Benfica chega às imediações do estádio. É garantido que serão interpelados pelo repórter de serviço e apontados como caso de estudo. "Como é que conseguem vir assim, de mãos dadas, ver um jogo destes?" A pergunta é normalmente feita no mesmo tom com que falavam com o chimpanzé Gervásio naqueles anúncios da reciclagem, num misto de admiração e de "não imaginam o perigo que estão a correr". Fomo-nos habituando à ideia de que ir ao futebol é perigoso, como se o campeonato português fosse disputado no Dumbass. Há regras que, não estando escritas, foram assimiladas por todos, como a de não festejar em bancada alheia. Como se comemorar um golo do nosso clube perto de adeptos rivais fosse uma má educação tão grande como arrotar em frente à nossa tia Lurdes, sendo que a tia Lurdes nunca reagiria com violência desproporcionada: no máximo, um ralhete e um olhar de profunda decepção. Já de vizinhos de bancada, podemos esperar tudo. O futebol também é um jogo de sorte, que não se esgota no acaso de a bola bater no poste e entrar; há ainda a sorte de não calharmos ao lado de um fanático, que faça com que também levemos três pontos, à semelhança da nossa equipa.

A má notícia da jornada é que uma criança foi obrigada a despir a camisola do seu clube para poder assistir a um jogo, a boa é que descobrimos que o secretário de Estado da Juventude e do Desporto está vivo. Bem-vindo a Portugal, dr. João Paulo Correia. Acredito que tenha estado emigrado muito tempo, e em Marte, para não saber que este problema nas bancadas é já tão tradicional como as queijadas. Nem quero imaginar o espanto do secretário de Estado quando descobrir que, em 2004, se construíram dez novos estádios! Estar equipado à Benfica na bancada destinada a adeptos do Famalicão parece ser um *faux pas* tão grave como ir de fato de treino aos Globos de Ouro. E onde se lê Benfica e Famalicão poderia ler-se o nome de qualquer outro clube. Quem faz cumprir esta regra alega questões de segurança. E tem razão. É muito provável que, arriscando nesse *dress code*, a coisa corresse mal. Mas isto é o mesmo que dizer que as mulheres que usam mini-saias, ficando à mercê de algum tarado, se estão a pôr a jeito. No futebol, beneficia-se o infractor: os tarados continuam alegremente na bancada, os outros é que têm de mudar de roupa. Atenção que, em condições normais, consideraria que maltratar uma criança é vesti-la à Benfica. Mas neste caso tenho de abrir uma excepção. Este episódio patético, do menino que teve de ver o jogo semi-nu, como se fosse o mendigo à espera do agasalho do São Martinho, deve servir-nos de lição. Aprendemos com este exemplo que é má ideia serem os pais a levar os miúdos ao futebol. Uma mãe, perante este cenário, pegava na criança e levava-a para casa. O pai pensa: "Primeiro, vejo a bola e, no fim dos 90 minutos, logo se trata do escaldão do puto."

visao@visao.pt

Em condições normais, consideraria que maltratar uma criança é vesti-la à Benfica. Mas neste caso tenho de abrir uma excepção

JOÃO PAULO CORREIA

JCDecaux, 50 anos ao serviço de Portugal e dos Portugueses

Existe uma procura constante pela excelência, com foco no design, e uma obsessão em utilizar o nosso negócio para servir sempre, mas sempre, a comunidade.

Jean-Claude Decaux, Fundador da JCDecaux

1972

Nasce a JCDecaux Portugal, no país que será o 3° do mundo a implementar o conceito de mobiliário urbano, com a celebração do 1° contrato com a cidade de Lisboa.

1999 e 2001

Em 1999 dá-se início à exploração de publicidade nos centros comerciais do país (contrato Sonae Sierra). Expande-se em 2001 para o grande formato através da aquisição Grupo RED.Neste ano também inicia a exploração da publicidade nos 8 principais aeroportos do país.

2014

Lançamento da estratégia de Desenvolvimento Sustentável e do Código de Conduta dos fornecedores. Até 2030 a nova estratégia, focada na preocupação com o meio ambiente, será implementada com o objetivo de reforçar os compromissos da JCDecaux.

2022

Reforço da digitalização nas cidades com novos equipamentos nas principais localizações, incluindo os centros comerciais e aeroportos mais movimentados de Portugal.

Há 50 anos chegámos a Portugal. Na verdade, foi a terceira fronteira que atravessámos, e hoje estamos presentes em cinco continentes. A missão de servir as pessoas e as cidades, a constante procura pela excelência, a preocupação com o design e o respeito pelo meio ambiente, são valores que nos guiam desde a nossa primeira peça de mobiliário urbano com publicidade.

Nascemos inovadores e criamos conceitos e soluções. Surgem novas tecnologias, novos comportamentos, tudo muda e nós também.

Mas o mais importante, o que nos orgulha verdadeiramente, e nos motiva todos os dias, é a forma como servimos a comunidade, estando presentes nas principais ruas, centros comerciais e aeroportos do país, como transmitimos o nosso propósito, como trazemos inovação e elevamos a comunicação das marcas junto das pessoas, onde quer que estejam, a partir do momento em que saem de casa. Nestes 50 anos, não podíamos deixar de fazer um agradecimento especial a cada município, marca, parceiro e colaborador que se alimentam destes mesmos sonhos, e que em conjunto permitiram que a JCDecaux alcançasse esta memorável data. Juntos, vamos construir o futuro.

MAIS CURIOSIDADES SOBRE A JCDECAUX EM PORTUGAL

101 CONCELHOS

+200 COLABORADORES

JCDecaux